



**Tráfico internacional de pessoas e tráfico de
migrantes entre deportados(as) e não
admitidos(as) que regressam ao Brasil via
o aeroporto internacional de São Paulo**

Brasília
Fevereiro de 2007



Realização

Secretaria Nacional de Justiça do Ministério da Justiça
Organização Internacional do Trabalho (OIT)

Coordenação

Programa de Enfrentamento do Tráfico de Pessoas

Parcerias

Associação Brasileira de Defesa da Mulher, da Infância e da Juventude (ASBRAD)

Departamento de Polícia Federal (DPF)

Departamento de Polícia Rodoviária Federal (DPRF)

Receita Federal

Empresa Brasileira de Infra-Estrutura Aeroportuária (Infraero)

Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa)

Instituto Brasileiro de Ciências Criminais (IBCCrim)



**Tráfico internacional de pessoas e tráfico de
migrantes entre deportados(as) e não
admitidos(as) que regressam ao Brasil via
o aeroporto internacional de São Paulo**



Coordenação institucional da pesquisa

Marina Pereira Pires Oliveira
Bárbara Pincowsca Cardoso Campos

Coordenação técnica da pesquisa

Adriana Piscitelli

Apoio à realização da pesquisa

Renato Sérgio de Lima

Pesquisadores que realizaram o trabalho de campo

Diego Romano
Erêndira Simões
Tali Almeida
Eron Almeida
Natália Bouças

Apoio ao Trabalho de campo

Dalila Figueiredo

Revisão

Cidália Sant'Ana

Diagramação

Thiago G. Silva

Capa

André Ramos

Sumário

1. Apresentação	11
2. Introdução	13
3. Tráfico de pessoas, gênero e tipos de exploração	17
4. Metodologia e realização da pesquisa	21
5. Perfis	29
5.1 Idade	29
5.2 Estados de naturalidade e residência	32
5.3 Escolaridade, renda e cor	36
5.4 Situação conjugal e filhos	45
5.5 Religião	48
6. Países de deportação e não admissão	49
7. Inadmissões	53
8. Deportações	63
9. Indícios de tráfico de pessoas	69
9.1. Deslocamentos	69
9.2. Trabalho	81
9.3. Cotidiano	95
10. Percepções sobre detenções e prisões	101
10.1 Não admissões	101
10.2 Deportações	107
11. Necessidades das pessoas retiradas compulsoriamente do exterior	113
12. Conclusões	115
Referências Bibliográficas	119
ANEXOS	123
ANEXO 1	
Naturalidade	125

ANEXO 2

Escolaridade	127
--------------------	-----

ANEXO 3

Trabalho ou atividade no Brasil	129
---------------------------------------	-----

ANEXO 4

Situação conjugal e filhos	131
----------------------------------	-----

ANEXO 5

Religião	133
----------------	-----

ANEXO 6

Instrumento utilizado na pesquisa (fase pós-piloto)	135
---	-----

Índice de figuras

Figura 1	
Entrevistas realizadas segundo categorias de pessoas entrevistadas	22
Figura 2	
Local de recepção de deportadas(os) e não admitidas(os)	
no Terminal 1 do aeroporto de Guarulhos	24
Figura 3	
Deportadas(os) e não admitidas(os) por faixa etária	
(valores absolutos)	29
Figura 4	
Homens não admitidos por faixa etária	
(valores absolutos)	30
Figura 5	
<i>Mulheres não admitidas por faixa etária</i>	
<i>(valores absolutos)</i>	30
Figura 6	
Homens deportados por faixa etária	
(valores absolutos)	31
Figura 7	
Mulheres deportadas por faixa etária	
(valores absolutos)	31
Figura 8	
Deportados(as) e não admitidos(as) por estado de naturalidade	32
Figura 9	
Deportados(as) e não admitidos(as) por estado de residência no Brasil.....	33
Figura 10	
Homens não admitidos por residência e domicílio	
(valores absolutos)	34
Figura 11. Homens deportados por estado de residência e domicílio	
(valores absolutos)	34
Figura 12	
Mulheres não admitidas por estado de residência e domicílio	
(valores absolutos)	35

Figura 13 Mulheres deportadas por estado de residência e domicílio (valores absolutos)	35
Figura 14 Deportados (as) e não admitidos(as) por escolaridade (valores absolutos)	37
Figura 15 Deportados(as) e não admitidos(as) por renda (valores absolutos)	37
Figura 16 Homens deportados por renda no Brasil (valores absolutos)	38
Figura 17 Homens não admitidos por renda no Brasil (valores absolutos)	38
Figura 18 Mulheres deportadas por renda no Brasil (valores absolutos)	39
Figura 19 Mulheres não admitidas por renda no Brasil (valores absolutos)	39
Figura 20 Deportados(as) e não admitidos(as) por cor declarada (valores absolutos)	43
Figura 21 Mulheres não admitidas por cor declarada (valores absolutos)	43
Figura 22 Mulheres deportadas por cor declarada (valores absolutos)	44
Figura 23 Homens não admitidos por cor declarada (valores absolutos)	44
Figura 24 Homens deportados por cor declarada (valores absolutos)	45

Figura 25	
Homens não admitidos por filhos	
(valores absolutos)	46
Figura 26	
Mulheres não admitidas por filhos	
(valores absolutos)	46
Figura 27	
Mulheres deportadas por filhos	
(valores absolutos)	47
Figura 28	
Homens deportados por filhos	
(valores absolutos)	47
Figura 29	
Deportados(as) e não admitidos(as) por país de devolução	
(valores absolutos)	51
Figura 30	
Homens por país de não admissão	
(valores absolutos)	53
Figura 31	
Mulheres por país de não admissão	
(valores absolutos)	53
Figura 32	
Homens não admitidos por situação anterior de deportação ou não admissão	
(valores absolutos)	57
Figura 33	
Mulheres não admitidas por situação anterior de deportação ou não admissão	
(valores absolutos)	58
Figura 34	
Homens por país de deportação	
(valores absolutos)	63
Figura 35	
Mulheres por país de deportação	
(valores absolutos)	63
Figura 36	
Homens deportados por tempo no exterior	
(valores absolutos)	64

Figura 37	
Mulheres deportadas por tempo no exterior	
(valores absolutos).....	64
Figura 38	
Homens deportados e trabalho no exterior	82
Figura 39	
Mulheres deportadas e trabalho no exterior.....	83
Figura 40	
Transgêneros deportadas e trabalho no exterior	83

1. Apresentação

Esta pesquisa, realizada entre o final de outubro e novembro de 2006, teve como objetivo apreender dinâmicas vinculadas ao tráfico internacional de pessoas entre brasileiros(as) deportados(as) ou não admitidos(as) em outros países que retornaram ao Brasil através do aeroporto internacional de São Paulo, em Cumbica, Guarulhos. Os termos deportados (as) e não admitidos (as) ou rechaçados(as) referem-se a duas situações diferentes nos deslocamentos internacionais.

Pessoas deportadas são aquelas que se encontravam residindo no país de destino e são enviadas pelas autoridades de volta para o país de origem. Os motivos para de deportação são diversificados, podem envolver apenas a permanência irregular em um país ou o envolvimento em algum delito. Já as pessoas não admitidas ou rechaçadas são aquelas as quais se nega o ingresso no país de destino ou no qual desembarcam. Frequentemente elas só saem do aeroporto ao qual chegaram para embarcar em um voo que as devolva ao país de origem. A não admissão em um país estrangeiro não está necessariamente vinculada a irregularidades. A simples suspeita de que um suposto turista é um potencial migrante é motivo para a não admissão.

Ao final do estudo foi produzir conhecimento sobre essa problemática, oferecendo subsídios para a sua recepção e atendimento, com especial atenção para a organização não-governamental associação Brasileira de Defesa da Mulher, da Infância e da Juventude (ASBRAD), sediada em Guarulhos, que atende pessoas traficadas que voltam ao Brasil pelo aeroporto de Cumbica. A pesquisa, realizada em uma abordagem qualitativa, baseada na observação das dinâmicas de recepção dessas pessoas no aeroporto e em entrevistas em profundidade com os passageiros que chegaram em voos do exterior, amplia e aprofunda os resultados do estudo realizado em 2005, intitulado Indícios de Tráfico de Pessoas no universo de deportadas e não-admitidas que regressam ao Brasil via aeroporto de Guarulhos¹ (Secretaria Nacional de Justiça, 2006). Os resultados aqui apresentados, porém, referem-se a um estudo centrado no universo diversificado, em termos de gênero, que é “devolvido” ao Brasil, pois inclui informações relativas a homens, mulheres e transgêneros e, além disso, analisa indícios de tráfico internacional de pessoas para quaisquer fins (não apenas exploração sexual). Ao usar a definição do Protocolo Adicional à Convenção as Nações Unidas contra a Criminalidade Organizada Transnacional, mais conhecido como Protocolo de Palermo, o estudo se alinha com a conceituação adotada pelo Poder Executivo Federal no decreto presidencial de número 5.948 de 26/10/2006 que aprova a “Política Nacional de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas”.

¹ Esse estudo, concluído em agosto de 2005, foi divulgado em 6 de março de 2006 e publicado em novembro de 2006.



[Pesquisas em Tráfico de Pessoas]
_parte 3



2. Introdução

O estudo exploratório realizado em 2005 foi parte do projeto piloto de enfrentamento ao tráfico de pessoas (ETP) no Brasil, desenvolvido no marco de uma parceria entre a Secretaria Nacional de Justiça do Ministério da Justiça (SNJ/MJ) e o Escritório das Nações Unidas contra Drogas e Crime (UNODC). Essa pesquisa restringiu seu foco a mulheres e transgêneros brasileiras, deportadas e não admitidas, que retornavam ao Brasil em vôos provenientes da Europa. O objetivo desse estudo foi traçar o perfil socioeconômico dessas pessoas, bem como apreender as motivações que as incentivaram a migrar, procurando identificar indícios de envolvimento no tráfico internacional de pessoas com fins de exploração sexual. Para tanto, foram utilizadas metodologias quantitativa e qualitativa, com aplicação de questionários realização de entrevistas com perguntas abertas e registro de observações em diários de campo.

A realização desse estudo contou com o apoio de uma ampla rede de parceiros, especialmente os órgãos federais que têm atuação no aeroporto internacional de São Paulo, além da organização não-governamental ASBRAD, que tem vasta experiência nessa área. O apoio institucional da Secretaria de Justiça e Defesa da Cidadania do Estado de São Paulo também foi fundamental.

Os resultados dessa pesquisa² mostraram tendências relativas ao perfil socioeconômico, os estados de origem e residência e percursos migratórios das entrevistadas. O estudo foi relevante para perceber que, nesse universo, o percentual de pessoas deportadas era reduzido em relação às que tiveram o ingresso recusado no país de destino. O elevado índice de não admissão adquire sentido no marco da forte preocupação pela migração irregular na Europa. Nesse contexto, as brasileiras são frequentemente rechaçadas em virtude de sua estigmatização como prostitutas.

O grupo que afirmou ter trabalhado na indústria do sexo em diferentes países da Europa (entre as transgêneros, sobretudo na Itália) se concentrou entre as deportadas. Nesses casos, os resultados apontaram para o tipo de rede envolvida nos processos migratórios, frequentemente informais, de vizinhança, amizade e parentesco e do tipo de intermediações no Brasil e/ou no exterior, favorecendo viagens de mulheres e transgêneros para trabalhar na prostituição. A relevância adquirida pelos esquemas informais referenda resultados de outras pesquisas, tais como Agustin, 2005; Ribeiro, Silva, Patuleira, Ribeiro e Sacramento, 2005; Sanghera, 2005. Apenas uma pequena parte do reduzido grupo de pessoas que declarou estar inserido na indústria do sexo aludiu a situações de coação, engano, violência, controle e ou restrição da liberdade na saída do Brasil, inserção no destino ou no marco no qual trabalharam na prostituição. Os casos de violência, coação e, inclusive, grave exploração, apareceram vinculados ao trabalho no exterior, em processos migratórios intermediados por “cafetinas”, atingindo particularmente as transgêneros. Essa categoria de pessoas era pouco considerada nos debates sobre tráfico no momento em que esse estudo foi concluído. Contudo, de

² Os resultados da pesquisa estão disponíveis em: <http://www.mj.gov.br>.

acordo com informações publicadas nos jornais brasileiros, nos últimos meses de 2006³, as transgêneros tornaram-se alvo de ações de repressão ao tráfico de pessoas. Entre as mulheres, coerção, maus-tratos e grave exploração apareceram em relação a um tipo de atividade não prevista como objeto da pesquisa: o serviço doméstico.

Finalmente, esse estudo mostrou que os objetivos dessas pessoas, para além de contribuir para o sustento de familiares, particularmente filhos, eram o acesso a bens e atividades de geração de renda característicos da classe-média brasileira (casa própria, carro, loja, salão ou supermercado). Foram identificados três perfis distintos. No primeiro, estavam aquelas que não pretendiam retornar a Europa, pois consideravam terem atingido seus objetivos. No segundo, encontravam-se as que pensavam em voltar o mais rápido possível. Havia ainda um terceiro grupo que não desejava retornar a Europa, ao menos não para continuar trabalhando na prostituição, mas que precisava de apoio no Brasil pois se sentiam em situação de vulnerabilidade, sem recursos econômicos nem possibilidades de futuro, o que as tornava potenciais alvos de novos recrutamentos.

Aspectos presentes nos resultados desse estudo, articulados à necessidade de considerar o tráfico internacional de pessoas em uma leitura que extrapole o tráfico com fins de exploração sexual e de levar em conta as formulações da Política Nacional de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas, aprovada em 2006⁴, voltada não apenas para a repressão, mas também para a prevenção e o atendimento às vítimas, conduziram à realização desta pesquisa.

Após um levantamento realizado por integrantes da equipe de pesquisadores nos registros da Polícia Federal sobre pessoas deportadas e não admitidas que retornaram ao Brasil por meio do aeroporto de Cumbica em 2005, estimou-se que nesse ano houve registro de 15.265 pessoas. Nesses documentos, os homens, 11.143, representam aproximadamente 73% desse total, e as mulheres, 4.122, aproximadamente 27%. Nos registros, os países que devolveram ou recusaram o ingresso de homens e mulheres não são coincidentes. Em 2005, os homens foram “devolvidos” em primeiro lugar do México, provavelmente tentando chegar aos Estados Unidos, em segundo lugar pelos Estados Unidos e em terceiro lugar pela Inglaterra. Um número significativamente menor foi devolvido de Portugal, Espanha, Canadá e Itália. As mulheres também foram devolvidas predominantemente do México, em segundo lugar da Espanha e em terceiro dos Estados Unidos, seguidos por Inglaterra, Portugal e, finalmente, Itália. A equipe fez o levantamento baseado em registros que, como será explicado em seguida, não cobrem a totalidade das pessoas deportadas ou não admitidas que regressam ao país através desse aeroporto. Além disso, nos registros existentes, nem sempre o destino é declarado. Contudo, apesar das limitações, o levantamento foi significativo para se perceber a necessidade da realização de um estudo que contemplasse as pessoas que retornam a partir de diversos países do exterior.

³ Correio de Uberlândia OnLine, OPERAÇÃO CARAXUÉ, nove são presos por tráfico de pessoas, Cinco acusados foram presos em Uberlândia, três em Franca e um em SC, 1/10/2006. In: <http://www.correiodeuberlandia.com.br/v2>.

⁴ Aprovada pelo Decreto nº 5948, de 26/10/2006.

A preocupação por explorar os aspectos que contribuam para oferecer uma recepção e um atendimento adequados aos (às) migrantes brasileiros(as) em situação de tráfico está vinculada à Política Nacional de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas, elaborada por representantes do Poder Executivo Federal, do Ministério Público Federal e do Ministério Público do Trabalho e submetida a consulta pública e discussão com amplos setores da sociedade civil⁵. Essa Política, afinada com as formulações do Protocolo de Palermo, tem como objetivo estabelecer princípios, diretrizes e ações nas áreas de prevenção e repressão ao tráfico de pessoas, bem como atenção às vítimas. Entre os requisitos necessários para o cumprimento dessas diretrizes contam-se: a articulação com organizações não governamentais (nacionais e internacionais); o fortalecimento da atuação nas regiões de fronteira, em portos, aeroportos, rodovias, estações rodoviárias e ferroviárias e demais áreas de incidência; a proteção, o atendimento e a re-inserção social das vítimas; fortalecer os serviços consulares na defesa e proteção de vítimas de tráfico de pessoas.

Desde 1997, a ASBRAD, organização não-governamental (ONG) sediada em Guarulhos, atende pessoas vítimas de tráfico que voltam ao Brasil pelo aeroporto de Cumbica. Como reconhecimento pelo trabalho, realizado durante anos de forma voluntária no aeroporto, o governo holandês aprovou um projeto da referida ONG para o financiamento da criação e instalação de um posto de acolhimento a deportados no aeroporto em Guarulhos, com o objetivo de identificar possíveis vítimas do tráfico de pessoas e proporcionar-lhes um atendimento inicial. A maior parte das pessoas que chegam por Guarulhos está em trânsito para outras cidades, daí a importância de acolhê-las no aeroporto e encaminhar as possíveis vítimas a outros serviços de atendimento disponíveis nos Estados de origem. A estruturação desse serviço, sob a coordenação da ASBRAD, conta com o apoio da Secretaria Nacional de Justiça. A experiência da ASBRAD aponta para uma série de necessidades das pessoas recepcionadas, sobretudo imediatas. Entretanto, para a melhor estruturação do posto, ainda se fazia necessário um conhecimento sistemático e aprofundado desse universo.

Considerando esses aspectos, o estudo, realizado em uma abordagem qualitativa, centrado em brasileiros (as) que retornam ao Brasil pelo aeroporto internacional de São Paulo, em Guarulhos, na qualidade de deportados(as) e não admitidos(as), foi voltado para a apreensão das dinâmicas desses processos migratórios e as vinculações com o tráfico internacional de pessoas. A proposta foi traçar o perfil socioeconômico dos(as) brasileiros(as) que sofreram deportação e não admissão; apreender as motivações para que realizassem a viagem; as dinâmicas envolvidas nos processos de recrutamento, deslocamento, recepção e inserção no mercado de trabalho no exterior; esquadrihar os eventos em torno da deportação e as necessidades dessas pessoas, particularmente quando se trata de vítimas de tráfico internacional de pessoas. A intenção foi produzir conhecimento sobre a temática para subsidiar a implementação do serviço de atendimento aos (às) deportados (as) no aeroporto internacional de São Paulo e a capacitação dos

⁵ A proposta foi submetida a consulta pública nos meses de maio e junho de 2006 e discutida no seminário nacional "A Política Nacional de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas", realizado no dia 28 de junho de 2006 no auditório JK da Procuradoria-Geral da República em Brasília.

funcionários federais que atuam na área restrita. Além disso, espera-se contribuir com o Ministério da Justiça, responsável pela coordenação da Política Nacional de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas, disponibilizando informações que ofereçam subsídios para que algumas instituições federais consideradas chave para a implementação da Política possam aperfeiçoar seu trabalho, notadamente do Departamento de Polícia Federal e o Ministério das Relações Exteriores, oferecendo dados confiáveis sobre a deportação de brasileiros (as) como forma de auxiliar o trabalho diplomático.

3. Tráfico de pessoas, gênero e tipos de exploração

O Protocolo Adicional à Convenção das Nações Unidas contra o Crime Organizado Transnacional relativo à Prevenção, Repressão e Punição do Tráfico de Pessoas, em especial Mulheres e Crianças⁶, ratificado pelo governo brasileiro em março de 2004, define o Tráfico de Pessoas (artigo 3º, a), como

o recrutamento, o transporte, a transferência, o alojamento ou o acolhimento de pessoas, recorrendo à ameaça ou ao uso da força ou a outras formas de coação, ao rapto, à fraude, ao engano, ao abuso de autoridade ou de situação de vulnerabilidade ou à entrega ou aceitação de pagamentos ou benefícios para obter o consentimento de uma pessoa que tem autoridade sobre outra, para fins de exploração.

De acordo com esse Protocolo, a exploração inclui não apenas a exploração da prostituição de outrem ou outras formas de exploração sexual, mas também o trabalho ou serviços forçados, a escravidão ou práticas similares à escravidão, à servidão ou à extração de órgãos. E, embora o Protocolo se refira à prevenção, repressão e punição do tráfico, em especial envolvendo mulheres e crianças, está aberto à inclusão de outras categorias de pessoas.

No que se refere a esse último aspecto, é relevante observar que em março de 2005 houve mudanças importantes na legislação penal brasileira no tocante ao tráfico de pessoas. O artigo 231 do Código Penal Brasileiro (CPB) tratava tão somente do crime de “tráfico internacional de mulheres”, mas sua redação foi alterada com a edição da Lei nº 11.106 de 28 de março de 2005 para abarcar o “tráfico internacional de pessoas”, não apenas de mulheres⁷.

Os dois pontos levantados, o fato de o Protocolo não restringir a noção de exploração à exploração sexual e o de não limitar a idéia de tráfico de pessoas às mulheres, contam-se entre os aspectos que distanciam esse instrumento normativo internacional de outros anteriormente elaborados. Entretanto, esses dois pontos tendem a ser pouco considerado no debate e na produção de conhecimento sobre tráfico de pessoas. Uma leitura histórica da discussão sobre o tema possibilita compreender os motivos que incidem na dificuldade para incluir esses dois aspectos nas discussões sobre o tema.

O termo “tráfico” está frequentemente associado à linguagem e às preocupações presentes nas convenções internacionais formuladas a partir do início do século XX. Nesse período, os movimentos para proteger as migrantes, predominantemente as europeias

⁶ Protocolo Adicional à Convenção das Nações Unidas contra a Criminalidade Organizada Transnacional relativo à Prevenção, à Repressão e à Punição do Tráfico de Pessoas, em especial de Mulheres e Crianças, Palermo, dezembro de 2000. In: GOVERNO DO BRASIL, MINISTÉRIO DA JUSTIÇA: Tráfico de Seres Humanos no Brasil, Brasília, 2004.

⁷ Dentre outras mudanças introduzidas com a edição dessa lei, destaca-se ainda a inclusão de um tipo penal específico para o tráfico de pessoas, quando este é desenvolvido em âmbito nacional apenas, sem ramificações internacionais. Tipificou-se, assim, o tráfico interno de pessoas (artigo 231-A do CPB).

e as estadunidenses, do perigo de serem forçadas à prostituição no exterior, lutaram contra o que denominaram “Tráfico de Escravas Brancas” (Guy, 1992; Pereira, 2002). Essa noção de tráfico, vinculada à prostituição, dominou a atenção internacional em torno do tema da migração internacional das mulheres, no contexto da internacionalização de mão-de-obra, no período de globalização do capitalismo até as primeiras décadas do século XX. O debate deu lugar a uma série de discussões e convenções, encabeçadas pela Liga das Nações, sobre o tráfico de mulheres e crianças. Essas primeiras definições de tráfico, exclusivamente vinculadas a atividades no comércio global do sexo, estão presentes também na Convenção das Nações Unidas de 1949 sobre a Supressão do Tráfico de Pessoas e a Exploração da Prostituição dos Outros⁸ (Doezema, 1998).

O interesse no tema ressurgiu na década de 1970, sobretudo a partir da pressão de feministas preocupadas com os impactos sociais da reconstrução e do desenvolvimento do Sudeste da Ásia após a Guerra do Vietnã e com a permanência contínua das tropas militares estadunidenses na região (Enloe, 1990). Nessas campanhas se atacou com força a prostituição voltada para os militares, o turismo sexual, as noivas arranjadas por correspondência, os casamentos forçados e as coerções e violência no deslocamento e no emprego de mulheres de áreas pobres em lugares “ricos”, no âmbito nacional e internacional, utilizadas para trabalhar no lazer e nas indústrias do sexo (Kempadoo, 2005). Na década de 80, a problemática do tráfico tinha sido integralmente incorporada pelo movimento feminista internacional.

A partir desse período, porém, certos grupos, muitos deles também feministas, observando a experiência de trabalho de organizações não governamentais de diversas partes do mundo passaram a perceber que embora muitas mulheres fossem violentadas e forçadas no comércio global do sexo, suas situações eram análogas às de migrantes que desempenhavam outras atividades em uma ordem mundial marcada por questões de gênero e racializada. De acordo com essas abordagens, o comércio global do sexo é um espaço, mas não o único, no qual há vítimas do tráfico de pessoas. Essa linha de pensamento foi reforçada pelas recomendações do Informe Especial sobre Violência Contra as Mulheres para as Nações Unidas, que em 1996, aconselhava separar o processo de recrutamento e transporte sob coerção do comércio do sexo (Chew, 2005). Isso significava considerar que o deslocamento por meio de fronteiras para trabalhar na prostituição não era sempre e necessariamente forçado e significava também pensar que o tráfico de pessoas podia envolver qualquer tipo de trabalho forçado.

A atenção começou a voltar-se para os setores que requerem mão-de-obra não especializada ou semi-especializada, como o serviço doméstico, o trabalho como babá, o cuidador de idosos e os serviços na produção de manufaturas (Cheever, 2002; Rivas, 2002; Zarembka, 2002). As preocupações centraram-se também nos fatores que conduzem à feminização e à racialização dos processos migratórios para fornecer essa mão-de-obra

⁸ É importante destacar que se nessa convenção das Nações Unidas o interesse era suprimir o tráfico e também a prostituição, ela se mostrava parcialmente livre dos aspectos racistas presentes na expressão “tráfico de escravas brancas”, associados à noção de “outros” bárbaros, pouco civilizados, que prendiam e violentavam mulheres brancas (Doezema, 2000).

(Sassen, 1998; Hirata, 2006). No contexto dos processos de globalização contemporânea, as marcas de gênero incidem na divisão sexual do trabalho migrante, mas nesse marco, a racialização e inferiorização dos migrantes de países e regiões pobres do mundo afeta mulheres e homens, expondo-os também a situações de tráfico. Essas percepções ampliaram o conceito de tráfico, considerando que embora as mulheres são muitas vezes alvo de recrutamento e deslocamento sob coerção e engano, essas possibilidades não se restringem a elas e levando também em conta que os fins desses deslocamentos envolvem o desempenho de trabalho forçado em diversas atividades, não apenas na indústria do sexo.

Os efeitos da pressão exercida por grupos que sustentam essas perspectivas se expressam, pelo menos em parte, na formulação do Protocolo de Palermo, particularmente na parte do artigo 3^a que considera tráfico o processo de recrutamento, transporte e recepção sob coerção que conduz à exploração, incluindo a exploração da prostituição de outrem ou outras formas de exploração sexual, aos serviços forçados, a servidão e as práticas similares à escravidão. Essas abordagens também apontam para a proximidade e, às vezes, articulação entre o tráfico internacional de pessoas e o “tráfico de migrantes” (smuggling) nesses processos migratórios.

O tráfico de migrantes⁹ envolve a promoção, com o objetivo de obter direta ou indiretamente um benefício financeiro ou outro benefício material, da entrada ilegal de uma pessoa num estado parte do qual essa pessoa não seja nacional ou residente permanente. O Protocolo adicional à Convenção das Nações Unidas contra o Crime Organizado Transnacional, relativo ao combate ao tráfico de migrantes, também caracteriza como infração penal a elaboração, obtenção, fornecimento ou posse de documentos de viagem ou de identidade fraudulentos com o objetivo de possibilitar o tráfico de migrantes. De acordo com o Protocolo de Palermo, no tráfico de pessoas, a principal fonte de ingressos para os traficantes é produto da exploração das vítimas (na prostituição, trabalhos forçados, servidão). No tráfico de migrantes, a principal fonte de ingressos são os valores pagos pelos migrantes. Além disso, o tráfico de migrantes é sempre transnacional e o tráfico de pessoas pode ou não ser. Nos documentos sobre tráfico de pessoas produzidos pelas Nações Unidas observa-se que, embora o tráfico de pessoas e o tráfico de migrantes constituam delitos diferentes, nos casos reais pode haver elementos de ambos ou a mutação de um delito para outro (Naciones Unidas, 2007).

As discussões contemporâneas sobre migração e tráfico chamam a atenção para a proximidade de ambas problemáticas observando que, nos processos migratórios irregulares, intimamente vinculados às desigualdades estruturais globais, os migrantes são vulneráveis tanto ao tráfico de migrantes, como ao engano e à coerção no movimento de deslocamento, e, posteriormente, à servidão por dívidas, à violência dos empregadores e clientes. E, quando as condições socioeconômicas nos locais de partida não se alteram, os migrantes que retornam voluntariamente ou deportados tentam partir novamente, sendo mais uma vez vulneráveis a ambos os tipos de tráfico (Kempadoo, 2005).

⁹ De acordo com o Protocolo adicional à Convenção das Nações Unidas contra o Crime Organizado Transnacional, relativo ao combate ao tráfico de migrantes por via terrestre, marítima e aérea, assinado pelo governo do Brasil em 2000 e ratificado em 29 de janeiro de 2004 (Ministério da Justiça/UNDOC, 2004).

Esse breve histórico possibilita compreender alguns dos motivos que levam à produção de conhecimento sobre tráfico de pessoas voltado, sobretudo, para o tráfico com fins de exploração sexual. Ainda existe uma linha de discussão sobre tráfico que faz uma leitura parcial do Protocolo Adicional à Convenção das Nações Unidas contra o Crime Organizado Transnacional relativo à Prevenção, Repressão e Punição do Tráfico de Pessoas, em especial Mulheres e Crianças. Nessa abordagem, na qual se inserem perspectivas a favor da eliminação da prostituição, o tráfico de pessoas é vinculado exclusivamente à exploração sexual e às mulheres. Algumas tendências afirmam, inclusive, a superioridade da Convenção das Nações Unidas de 1949, na medida em que define o tráfico unicamente em termos de prostituição e, além disso, se posiciona simultaneamente contra o tráfico e a prostituição (Markovich, s/d; Naciones Unidas, 1949).

O histórico realizado conduz à percepção da relevância de considerar o tráfico de pessoas no sentido mais amplo, conforme o Protocolo de Palermo, prestando também atenção como esse tipo de tráfico se intersecta com o tráfico de migrantes. Considerando esses aspectos, o estudo aqui apresentado considerou as disposições do Protocolo de Palermo e o debate contemporâneo sobre tráfico internacional de pessoas, particularmente as formulações que concedem atenção aos mecanismos que possibilitam apoiar os direitos dos(as) migrantes (Kempadoo, 2005). Nesse marco, tendo como principais objetivos a apreensão das dinâmicas vinculadas ao tráfico com quaisquer fins (e não apenas à exploração sexual) e dos aspectos que contribuam para uma recepção digna e atendimento adequado às vítimas, a pesquisa tomou como foco o universo de homens, mulheres e transgêneros brasileiros deportados (as) de diversos países do exterior que retornam ao país pelo aeroporto de Guarulhos.

Incluir homens no universo de investigação não significa ignorar desigualdades de gênero, isto é, as distinções entre características consideradas masculinas e femininas que, implementadas em distribuições diferenciadas de poder, situam as pessoas em posições desiguais. Entretanto, essas desigualdades são produzidas na articulação entre noções de feminilidade e masculinidade com outras diferenças, de nacionalidade, região, raciais, culturais, de classe, orientação sexual, idade e inclusive religião (Brah, 1996; MacClintock, 1995; Crenshaw, 2002). No marco dos processos migratórios contemporâneos, as distribuições desiguais de poder ancoradas na articulação entre essas noções afetam mulheres, transgêneros e homens, situando também esses últimos, embora de maneira diferenciada, em situações de desigualdade. Este é o motivo que torna relevante a inclusão de homens no universo de pesquisa.

4. Metodologia e realização da pesquisa

O estudo foi realizado durante o período de um mês, entre 24 de outubro e 24 de novembro de 2006, nas áreas restritas dos dois terminais (1 e 2) do aeroporto de Cumbica. Os objetivos da pesquisa requeriam material a ser trabalhado em profundidade, portanto, o estudo foi realizado em uma abordagem qualitativa. Os estudos qualitativos não redundam em grandes representações da realidade. Eles costumam ser desenvolvidos sob a forma de estudos de casos, envolvendo trabalho de campo, verificação in loco do que está se passando, valorização de entrevistas e métodos de observação como formas de coleta de evidência empírica, com a finalidade de produzir “insights”. Os estudos de caso não produzem necessariamente generalizações, mas subsidiam a identificação de problemas.

A pesquisa foi realizada combinando o registro de observações nos diários de campo dos pesquisadores e entrevistas realizadas com um instrumento especialmente preparado para o projeto. O número de entrevistas seguiu o critério de reunir um número suficiente para perceber recorrências em cada uma das categorias contempladas. A amostra prevista no projeto incluía 30 entrevistas com deportados(as), 10 com cada categoria considerada, homens, mulheres e transgêneros, e 12 entrevistas com pessoas não admitidas, igualmente repartidas entre homens, mulheres e transgêneros, que integrariam um grupo de controle, com o fim de explorar possíveis especificidades entre os deportados. Previu-se, ainda, a possibilidade de entrevistar de forma complementar brasileiros(as) retirados(as) de situação de tráfico internacional de pessoas por meio de operações Policiais realizadas durante o período da pesquisa e pessoas que procurassem, espontaneamente, informações sobre questões relacionadas à sua saída do país e que possam estar envolvidas em situações de tráfico internacional de pessoas ou desejassem denunciar alguma situação de possível tráfico internacional de pessoas. Contudo, essas situações não se apresentaram durante o desenvolvimento do estudo.

O número de entrevistas realizadas superou a expectativa no que se refere ao total geral e aos totais alcançados em várias das categorias. Foram realizadas 73 entrevistas, 31 com deportados(as), divididas nas seguintes categorias: 17 com homens, das quais 2 não foram registradas com gravador; 11 com mulheres, das quais apenas uma não foi registrada em gravador e 3 com transgêneros, uma das quais não foi gravada. Com pessoas não admitidas foram realizadas 42 entrevistas, 21 com homens, das quais só 3 não foram gravadas; 19 com mulheres, das quais 6 não foram gravadas e 2 com transgêneros, gravadas. As únicas categorias em relação às quais o número de entrevistas foi inferior ao previsto foram as transgêneros, em razão do escasso número detectado pelos pesquisadores no fluxo de pessoas nessas condições que chegaram no período em que foi realizado o trabalho de campo.

Figura 1**Entrevistas realizadas segundo categorias de pessoas entrevistadas**

HOMENS DEPORTADOS	MULHERES DEPORTADAS	TRANSGÊNEROS DEPORTADAS	HOMENS INADMITIDOS	MULHER INADMITIDAS	TRANSGÊNEROS INADMITIDAS	PESQUISADOR(A)
6	1		8	5	2	Código 051
4	3	1	3	6		Código 04
3	1	2	4	3		Código 02
3	2		1	3		Código 01
1	4		5	2		Código 03
TOTAIS PARCIAIS						
17	11	3	21	19	2	
TOTAL GERAL = 73						

FONTE: Elaborada pela equipe de pesquisadores.

A equipe de pesquisadores foi integrada por cinco estudantes do curso de ciências sociais da Universidade de São Paulo, homens e mulheres. Essa equipe, que já tinha trabalhado na pesquisa realizada no aeroporto em 2005, contava com treinamento e experiência na problemática abordada. Trabalhando em duplas, a equipe abordou os(as) deportados(as) e não admitidos(as) imediatamente após a chegada nos balcões da Polícia Federal, nos dois terminais do aeroporto, nos horários de concentração de chegada de vôos internacionais: em dois períodos, manhã (entre 5h30 e 10h30) e tarde (entre 16h30 e 21h30)¹⁰. Os pesquisadores realizaram entrevistas com as pessoas que expressaram o desejo de participar e as gravaram contando com a autorização dos entrevistados. Respeitando o acordo estabelecido na realização das entrevistas, no relatório não há referências que possibilitem a identificação dos sujeitos da pesquisa.

O instrumento elaborado para a realização de entrevistas era composto por questões fechadas e abertas. As perguntas fechadas estavam voltadas para a apreensão do perfil socioeconômico das(os) entrevistadas(os), incluindo sexo, idade, cidade/estado de nascimento e de residência antes de viajar, cor, escolaridade, religião, estado civil, filhos, atividade e renda mensal no Brasil e dados relevantes como o país de destino, o país no qual desembarcou no exterior, motivos aduzidos para a deportação ou não admissão e tempo que passou no exterior.

As questões abertas seguiram um roteiro voltado para a apreensão das motivações e condições de realização da viagem, das atividades desenvolvidas no exterior, indícios de tráfico internacional de pessoas, motivos e condições da deportação e não admissão. O roteiro esteve organizado em seis blocos principais: 1) situação de vulnerabilidade e experiências anteriores de viagens internacionais; 2) recrutamento; 3) transporte,

¹⁰ O estudo levou em consideração os princípios consagrados na normativa internacional de proteção dos direitos humanos e adotou os 4 (quatro) referenciais básicos da bioética, expressos na resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde: a autonomia, a não maleficência, a beneficência e a justiça.

transferência, alojamento, acolhimento; 4) exploração em quaisquer tipo de atividades, incluindo um conjunto de perguntas específicas para eventual exploração sexual; 5) condições de deportação e de recepção em Cumbica; 6) necessidades (imediatas e a médio prazo) das(os) entrevistadas(os)¹¹.

É importante observar que durante o desenvolvimento da pesquisa, não só esse instrumento, mas os registros em diário de campo foram da máxima relevância. Os registros cotidianos da observação realizada no aeroporto ofereceram um quadro de informações que extrapola as colhidas por meio das entrevistas, permitindo criar um contexto para situar a informação proveniente delas, fornecendo impressões sobre o marco de realização da pesquisa, das dificuldades encontradas, das interações das(os) entrevistados(as) entre eles(as) e com as autoridades brasileiras.

O desenvolvimento do projeto incluiu reuniões prévias com a equipe de pesquisadores, para discutir o projeto, aspectos operacionais e técnicos e o instrumento preparado. O instrumento foi experimentado durante quatro dias. Discussões sobre os resultados iniciais, sobre a adequação da dinâmica prevista para a realização das entrevistas e do instrumento, conduziram ao aprimoramento do instrumento. Discussões posteriores possibilitaram monitorar e avaliar o trabalho durante a realização da pesquisa e após sua finalização, analisando coletivamente aspectos relevantes para a interpretação dos dados.

Assim como o estudo realizado em 2005, esta pesquisa foi de difícil realização. O estado de ânimo das pessoas deportadas e, sobretudo, das não admitidas, não as predispõe a colaborar com uma pesquisa ao desembarcar no Brasil. Em termos gerais sentem-se frustrados, com raiva, vergonha ou depressão pelas humilhações e privações sofridas durante o processo de deportação ou não admissão, incluindo fome, falta de banho, ter passado longas horas sem a possibilidade de comunicar-se com pessoas que por elas esperavam nos locais de destino. Somam-se a esses aspectos o cansaço, a inquietação ante a idéia de passar pela delegacia de polícia no Brasil, a preocupação pelos documentos, a bagagem e como seguir viagem até as cidades de origem. Esses desconfortos foram reiteradamente registrados nos diários de campo dos pesquisadores.

Mais um casal de jovens chegava inadmitido da Inglaterra. Pareciam muito perdidos e assustados. O rapaz estava muito abatido. Estava passando mal, não comia fazia 24 horas e tinha vomitado a viagem inteira.

Mais três mulheres chegaram de Londres... Consegui que uma delas falasse. Ela chorou durante a entrevista. Disse que foi muito humilhada pela polícia inglesa. Eles reviraram toda sua mala e ficaram com a foto de sua filha.

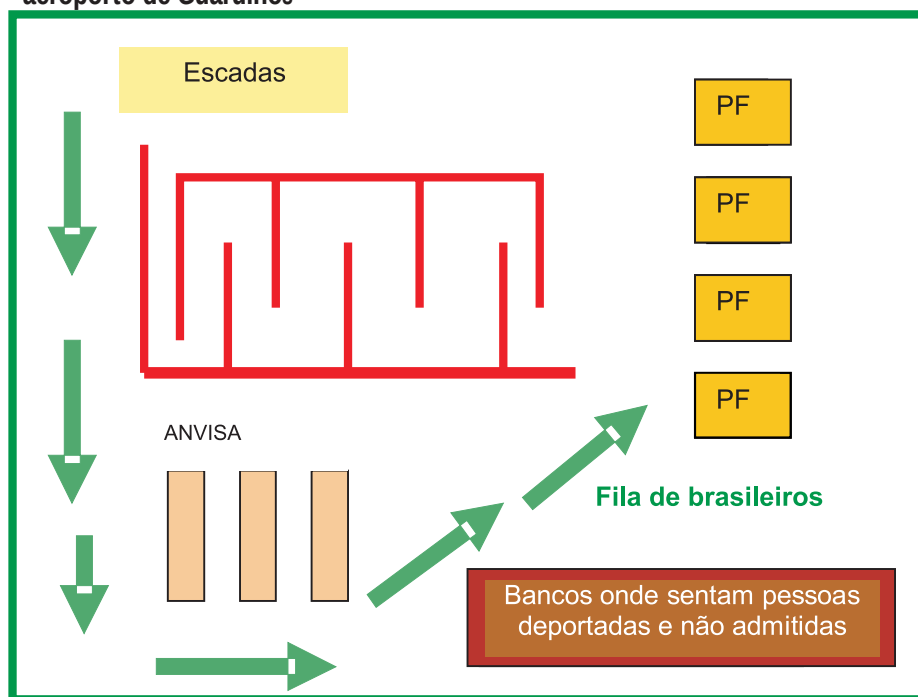
Diário de campo de Táli, 31/10/2006

¹¹ Ver cópia do instrumento elaborado no Anexo 6.

Paralelamente, o caráter público do ingresso no aeroporto, redundando em uma inevitável falta de privacidade, tornou difícil o trabalho dos pesquisadores. Os(as) entrevistado(as)s eram abordados ao sentarem em um banco, ao lado dos guichês da Polícia Federal (PF), no qual aguardavam as instruções da polícia. Esse banco ficava junto à fila formada pelos brasileiros que estavam entrando no país. A abordagem dos pesquisadores resultava em um visível constrangimento, uma vez que deportados(as) e não admitidos que, muitas vezes, preferem ocultar as condições nas quais estão retornando ao Brasil, expunham-se ao serem ouvidos pelos demais passageiros dos vôos internacionais. Essa dificuldade, vinculada ao espaço físico no qual foram realizadas as abordagens, foi registrada nos diários de campo:

Figura 2

Local de recepção de deportadas(os) e não admitidas(os) no Terminal 1 do aeroporto de Guarulhos



FONTE: Elaborada pela equipe de pesquisadores.

A disposição do terminal, com os guichês da PF, e da ANVISA... está dificultando a aproximação e abordagem.... A fila dos brasileiros se forma praticamente batendo as canelas nos bancos [nos quais sentam, para esperar, os deportados].

Diário de campo de Diego, 25/10/2006

O banco forma com os guichês dos Policiais um ângulo reto. A fila de passageiros brasileiros fica paralela ao banco de forma que, enquanto estão na fila, os passageiros reparam e ouvem tudo o que nós e os deportados, sentados, fazem e falam...

Diário de campo de Erêndira, 15/10/2006

Durante o período de realização da pesquisa, deportados e não admitidos saíam dos aviões sem contar com informações sobre os procedimentos que os esperavam. Permaneciam sentados no banco até o momento em que algum Policial os chamava para ir até a delegacia, local onde eram ouvidos e preenchiam um formulário com seus dados¹². Durante a espera, o clima, muitas vezes, tornou-se tenso, em meio à confusão de pessoas, ordens, gritos. Em algumas ocasiões, essas pessoas sentiram que, ao serem chamados para ir até a delegacia, a polícia os submetia a uma nova situação de humilhação ao identificá-los publicamente como deportados, o que aumentava o constrangimento.

Eles comentaram que ao chegar ao desembarque do Brasil, um PF gritou “ó lá os deportados”. Eu particularmente não ouvi... “humilhados até no nosso país”, a mulher disse.

Diário de campo de Natália, 08/11/06

O aeroporto de Guarulhos, para surpresa de alguns pesquisadores, se revelou também local de passagem ou escala para estrangeiros deportados para seus países de origem. Os registros dos diários de campo descrevem contingentes de bolivianos deportados da Espanha:

Enquanto atravessávamos pelos terminais, passamos pela sala da Polícia Federal. Havia dezenas de pessoas dormindo pelo corredor. Perguntamos para os seguranças o que aquelas pessoas estavam fazendo ali e eles nos disseram que eram bolivianos que foram deportados ou não admitidos na Espanha, fizeram uma escala no Brasil e tiveram que dormir pelo chão mesmo. Era muito estranho, naquela ambiente, limpo, cheio de regras e placas, um monte de gente dormindo uns aos lados dos outros. Havia roupas penduradas pelas cadeiras e sapatos espalhados pelo chão... O segurança nos informou que eram cerca de 50 bolivianos.

Diário de campo de Táli, 14/11/2006

Diante desse contexto, várias pessoas se recusaram a conceder entrevista. Algumas aceitaram, cheias de desconfiança, respondendo apenas algumas perguntas. Outras responderam a maior parte das questões, mas de maneira excessivamente sintética, causando a impressão nos pesquisadores de estarem ocultando informação, chegando inclusive a alterar, no final da entrevista, o nome dado no início.

¹² Os dados que constam nesse formulário (Declaração prestada por brasileiro impedido de entrar ou permanecer em país estrangeiro) são os seguintes: nome; filiação; data e local de nascimento; endereço residencial; data de saída do Brasil, voo e Cia aérea utilizados; país de destino, objetivo da viagem; data de retorno ao Brasil, voo e Cia aérea utilizada; breve relato das circunstâncias do impedimento ou deportação, motivos, reclamações de abusos praticados por autoridades estrangeiras. O formulário só permite diferenciar entre deportados e não-admitidos se quem o preencheu colocar essa informação em algum dos campos abertos para resposta.

Chegou um grupo de homens, de Goiás. ... Apenas um aceitou dar entrevista... Tinha a barba mal feita e estava muito desanimado, quase sem forças, falava baixo e não demonstrava interesse pelas perguntas. Dizia que ia a passeio e que conhecera os outros na viagem. Sua aparência e a descrição de sua situação no Brasil destoam da fala de estar indo a passeio, na minha percepção. Ao final perguntei novamente seu nome e ele deu outro sobrenome. Isso indica receio...

Diário de campo de Erêndira, 27/10/2006

Um dos aspectos que às vezes foi ocultado inicialmente por pessoas não admitidas era a intenção de viajar para permanecer fora, trabalhando. Outro aspecto que causou dúvidas foi a intenção de participação ou o envolvimento concreto na indústria do sexo no exterior, particularmente em histórias nas quais os relatos, confusos, envolviam namorados estrangeiros e a utilização de documentos de outras nacionalidades. Os registros nos diários de campo dão uma idéia dessas dúvidas:

Ela disse já estar morando na Espanha há mais de 12 anos (sem voltar ao Brasil, estava há 6 anos). Vivera e trabalhara em [três cidades na Espanha] Disse nunca ter feito programa e trabalhava como camareira (garçonete)... Tive a impressão de que ... fazia programas.

Diário de campo de Eron, 7/11/2006

Uma mulher não admitida de Portugal. Loira, mineira... 1,70m, blusa com estampa de flores, saia marrom clara, salto baixo (bem vestida), óculos de sol nos cabelos, perfumada (aroma agradável), com bolsinhas e sacolinhas... Disse ter conhecido o namorado em Portugal e que ele já viera visitá-la... Disse que as autoridades questionaram sobre as outras estadias em Portugal e se trabalhara ou se prostituía no país. Disse que ficaria lá às custas do namorado que é empresário...

A agente da PF trouxe o passaporte dela e perguntou se ela viajara com o passaporte português. Ela respondeu que não possuía passaporte de outra nacionalidade. A agente perguntou o que acontecera com seu passaporte anterior que ainda era válido, o que tinha em mãos fora confeccionado em setembro deste ano. [A entrevistada] respondeu que fora roubado em sua própria casa e que fizera boletim de ocorrência.

Após as perguntas a agente disse que a rota que [a moça] fizera até Portugal (BH-RJ-Lisboa) era nova e que estava sendo usada por um aliciador brasileiro de mulheres para a prostituição. Disse que o aliciador roubava passaportes portugueses e que falsificava para as mulheres (dupla nacionalidade)...

Diário de campo de Eron, 08/11/2006

Obter a confiança das pessoas retornando ao Brasil nessa situação exige um tempo prolongado que as condições de realização da pesquisa dificilmente possibilitaram. Ocasionalmente, ao passar algumas horas tentando auxiliar pessoas já entrevistadas, a equipe da ASBRAD detectou incorreções nas informações oferecidas aos pesquisadores.

Vindo de Paris chegou um casal jovem... Fui falar com a menina enquanto o namorado era entrevistado também, ambos no guichê da ANVISA. O fato

que menos soube explicar foi o convite do amigo para ir para o exterior e na tarde do mesmo dia. [Mais tarde, a agente da ASBRAD] me ligou no celular dizendo que ficou com eles muito tempo depois da entrevista terminar, pois o namorado se sentia mal por ter passado muito tempo sem comer. Eles assumiram para ela, somente depois de toda a ajuda que prestou, que não conheciam a pessoa que estava à espera deles no exterior, que era um contato que nunca tinham visto. Isto dá uma certa frustração para o pesquisador, todavia faz parte da pesquisa.

Diário de campo de Diego, 31/10/2006

Em outras oportunidades, os entrevistados, além de escamotear informações, expressaram abertamente irritação e até hostilidade em relação aos pesquisadores. O relato da realização de uma entrevista com uma mulher “rechaçada”, que chegou da Suíça, ilustra esse ponto.

Apresentei-me, ela aceitou conversar comigo, mas foi colocando empecilhos durante toda a entrevista... Tive de ficar justificando questão por questão. Os piores momentos foram quando perguntei a nacionalidade do seu namorado, já tinha me dito que era estrangeiro. Não houve meio dela declarar e ainda retrucou: mas por que você quer saber? Não vou falar!!! Nem sei se ele é meu namorado mais, agora que vim para cá. Ou então na pergunta sobre atividade e renda no Brasil, complicadíssima também... Depois tentei reafirmar que eu não era da polícia, mas não adiantou, a entrevista parou quando perguntei sobre sua motivação para viajar, não teve resposta depois disto.

Diário de campo de Diego, 10/11/2006

A Polícia Federal contribui de diversas maneiras com os pesquisadores: “segurando” não admitidos e deportados no banco e redondezas até os pesquisadores tentarem aplicar as entrevistas, deixando usar o computador na cabine para olhar os horários de chegada dos vôos do exterior e também colaborou estimulando os potenciais entrevistados a participarem da pesquisa. Essa contribuição é registrada nos diários de campo:

Estavam muito indignadas, era sua primeira viagem ao exterior. Uma... morava no interior de São Paulo, cabelo tingido de loiro, 1,70m, jaqueta de couro, jeans preto, camiseta preta, bota de salto (bem vestida). Mostrou-se desconfiada com minha abordagem e relutante em dar a entrevista. O agente da PF disse-lhe que uma das formas de fazer alguma coisa contra a inadmissão era responder a pesquisa. Aceitou. Sua amiga, também com cabelos tingidos de mesmo tom e roupa similar, recusou.

Diário de campo de Eron, 10/11/2006

Esse conjunto de dificuldades incidiu em que muitas das entrevistas fossem interrompidas, às vezes, de curta duração (os registros gravados variam entre 10 e 60 minutos), detendo-se em apenas alguns dos aspectos tratados nos roteiros. Nem sempre, porém, as respostas das pessoas entrevistadas inspiraram dúvidas nos pesquisadores. Algumas pessoas não admitidas explicitaram a intenção de permanecer no exterior, trabalhando.

Um grande grupo chega ao mesmo tempo. A metade vem de Paris e a outra de Milão, inadmitidos, sem passagem anterior no estrangeiro. Conversamos um pouco. Apenas duas mulheres ficam mais caladas. Os homens, na maioria jovens, entre 20 e 30 anos, brincam e ironizam a própria situação. Durante a conversa informal fica explícito que todos estavam indo trabalhar, “tentar a vida”, fugir das condições do Brasil. Um deles fala: “Da próxima vez, eu vou mais chique”... A explicitação do que iam fazer (de que não pretendiam voltar) era compartilhada...

Diário de campo de Erêndira, 9/11/2007

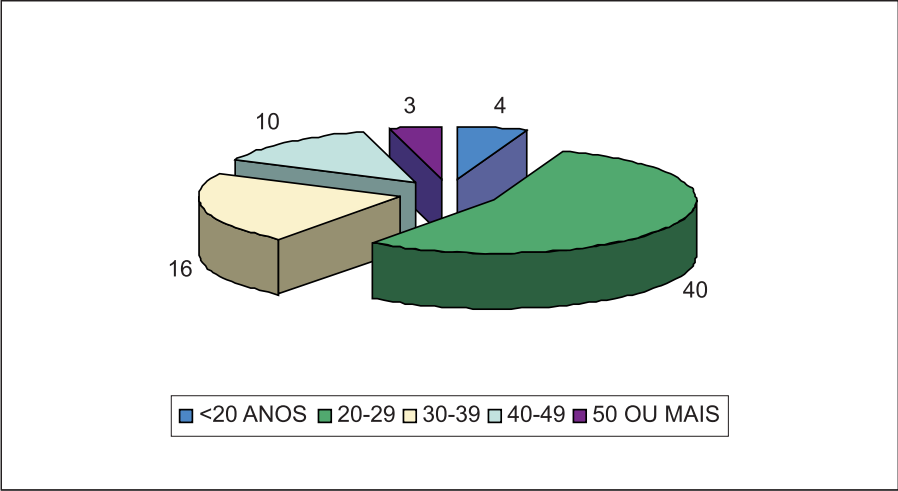
Algumas mulheres e transgêneros afirmaram ter trabalhado na indústria do sexo. Várias pessoas detalharam procedimentos vinculados ao tráfico de migrantes, afirmaram ter passado por diversas deportações e algumas, inclusive, ter estado envolvidas em alguma atividade criminosa, como facilitação de obtenção de documentos para que pessoas em situação irregular irregulares permanecessem em um país estrangeiro. A empatia, persistência e paciência de alguns dos pesquisadores que acompanharam os entrevistados no aeroporto durante horas, resolvendo todo tipo de problemas, colaborando no preenchimento dos formulários na delegacia, tarefa difícil para algumas pessoas com poucos anos de escolaridade, auxiliando na troca de dinheiro quando os(as) entrevistados(as) não tinham CPF, na compra de cartões telefônicos, na obtenção de passagens para seus locais de origem, redundou na obtenção de um material que, articulando os fragmentos, ilumina aspectos relevantes, permeados por gênero, vinculados aos processos de deportação e inadmissão, aos trajetos seguidos, os meios utilizados para viajar, tipo de inserção laboral no exterior e apontam para indícios de tráfico, sobretudo, de migrantes.

5. Perfis

5.1 Idade

Nesse universo de pesquisa que, como já observamos, não tem representatividade estatística, predominam pessoas jovens, na faixa dos 20 aos 29 anos. Esse grupo, somado aos menores de 20 anos, integra mais da metade do total de pessoas entrevistadas. Em segundo lugar, estão as pessoas entre 30 e 39 anos. Em terceiro, as com mais de 40 anos, seguidas por pessoas entre 40 e 49 anos. Uma pequena parcela é integrada por menores de 18 anos, estudantes financiados por suas famílias, e por maiores de 50. Vale esclarecer que, embora se trate de um estudo qualitativo, optou-se por elaborar quadros e tabelas para auxiliar na compreensão dos dados comentados, parte dos quais foram incluídos nos anexos. Os valores referem-se a números absolutos e não a percentuais com o fim de não induzir a generalizações, inadequadas em um estudo desta natureza.

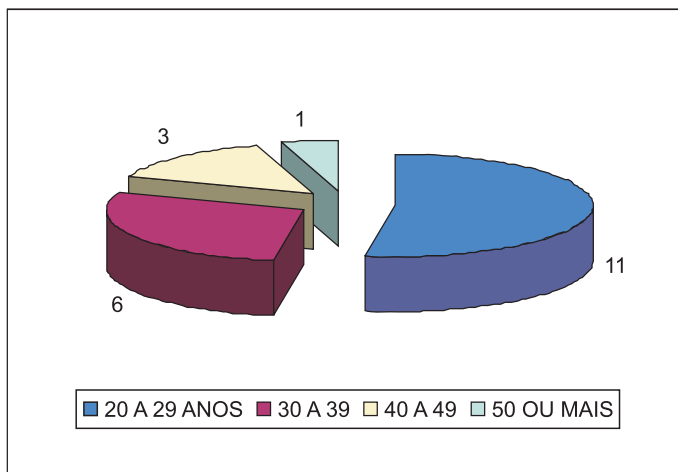
Figura 3
Deportadas(os) e não admitidas(os) por faixa etária (valores absolutos)



FONTE: Elaborada pela equipe de pesquisadores.

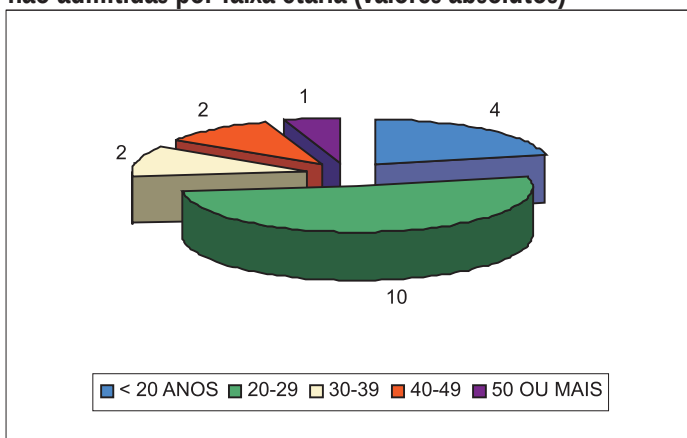
Entre as pessoas não admitidas, a concentração na faixa de 20 a 29 anos é significativa entre homens, mulheres e transgêneros.

Figura 4
Homens não admitidos por faixa etária (valores absolutos)



FONTE: Elaborada pela equípede pesquisadores.

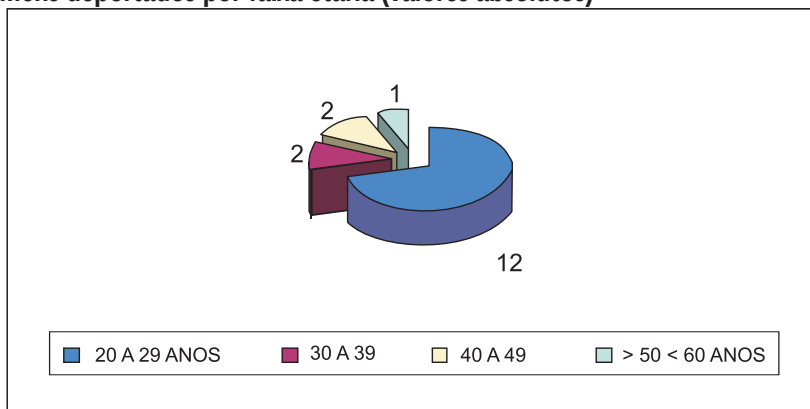
Figura 5
Mulheres não admitidas por faixa etária (valores absolutos)



FONTE: Elaborada pela equípede pesquisadores.

No que se refere às pessoas deportadas, essa faixa é particularmente relevante entre os homens.

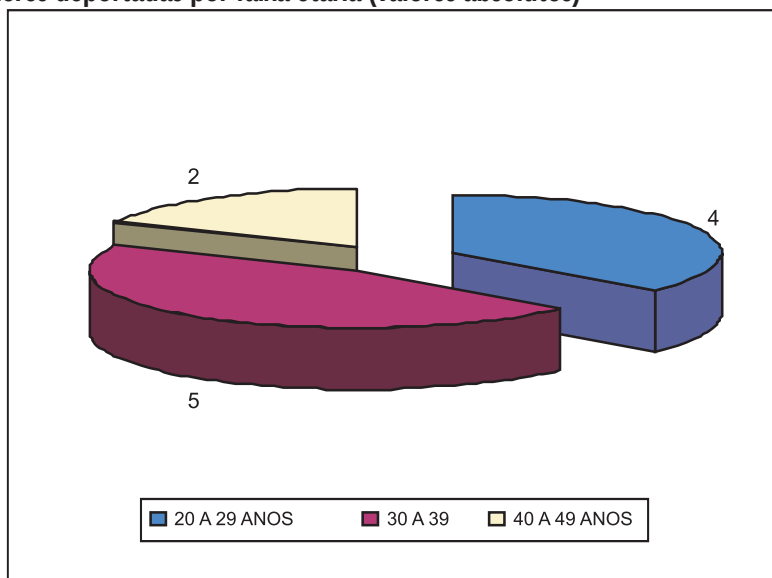
Figura 6
Homens deportados por faixa etária (valores absolutos)



FONTE: Elaborada pela equipe de pesquisadores.

Nas mulheres deportadas há uma ligeira predominância do grupo entre 30 e 39 anos, e entre as transgêneros deportadas, apenas três pessoas, as faixas são diferenciadas, entre 20 e 29, entre 30 e 39 e entre 40 e 49 anos.

Figura 7
Mulheres deportadas por faixa etária (valores absolutos)



FONTE: Elaborada pela equipe de pesquisadores.

5.2 Estados de naturalidade e residência

Os estados de naturalidade dos(as) entrevistados(as) adquirem relevância em termos de possibilitar observar relações tal como a vinculação entre não admissão no exterior e o estado de naturalidade registrado no passaporte. Já os estados de residência são importantes para perceber conexões com redes (criminosas ou não) migratórias. Considerando que nesse universo há pessoas potencialmente vulneráveis ao tráfico internacional de pessoas e de migrantes, identificar os principais estados emissores é fundamental em termos de formulação de políticas específicas.

Os principais estados de naturalidade do conjunto de pessoas entrevistadas são Goiás, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Rondônia, Mato Grosso e seguidos por diversos estados do Norte, Nordeste, Sudeste e Sul do Brasil.

Figura 8
Deportados(as) e não admitidos(as) por estado de naturalidade

Goiás	24
Minas Gerais	13
São Paulo	7
Paraná	7
Rondônia	4
Mato Grosso	3
Pernambuco	2
Santa Catarina	2
Espírito Santo	2
Mato Grosso do Sul	2
Roraima	2
Tocantins	1
Bahia	1
Distrito Federal	1
Rio Grande do Sul	1
Pará	1

FONTE: Elaborada pela equipe de pesquisadores.

No universo da pesquisa, o principal estado de residência emissor dessas pessoas é Goiás e, em segundo lugar, Minas Gerais. A metade das(os) entrevistadas(os) residiam

nesse dois estados. Em terceiro lugar, aparecem os estados de Roraima e São Paulo e em quarto lugar, Mato Grosso e Paraná. No conjunto de entrevistados(as) chama a atenção o relativo destaque adquirido por um estado do Norte do país, Roraima e a pouca relevância dos estados do Nordeste. Pernambuco e Bahia concentram uma pequena parcela das pessoas entrevistadas, semelhante a outro estado do Norte, Tocantins. O estado de Ceará nem sequer aparece.

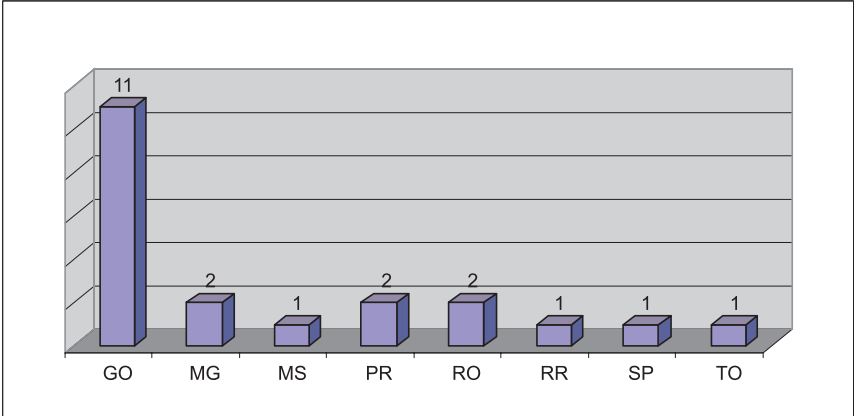
Figura 9
Deportados(as) não admitidos(as) por estado de residência no Brasil

Goiás	25
Minas Gerais	11
São Paulo	7
Roraima	6
Rondônia	4
Paraná	4
Mato Grosso	4
Tocantins	2
Pernambuco	2
Mato Grosso do Sul	2
Bahia	2
Rio Grande do Sul	1
Rio de Janeiro	1
Paraná	1
Espírito Santo	1

FONTE: Elaborada pela equipe de pesquisadores.

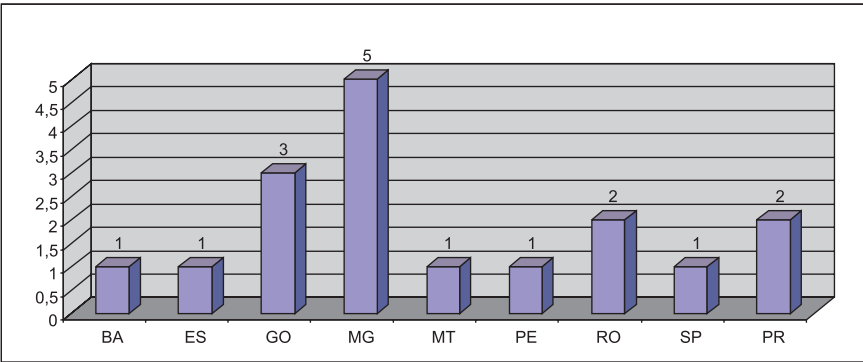
Esses registros não se modificam significativamente considerando os estados de naturalidade, mas mostram algumas alterações entre as diferentes categorias de entrevistados. No que se refere aos homens, entre os não admitidos a maior concentração em termos de estado de residência registra-se em Goiás. Minas Gerais, um estado que adquiriu extrema relevância nos processos migratórios irregulares de brasileiros na década de 90, ocupa um lugar análogo a Paraná, São Paulo e Rondônia. Mato Grosso do Sul, Roraima, São Paulo e Tocantins apareceram como estados de residência de um único entrevistado. Entre os homens deportados, contudo, Minas Gerais aparece como o principal estado de residência, seguido por Goiás.

Figura 10
Homens não admitidos por residência e domicílio (valores absolutos)



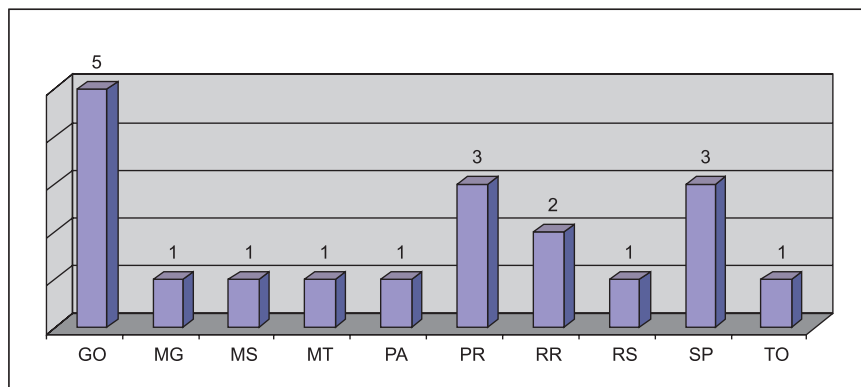
FONTE: Elaborada pela equipe de pesquisadores.

Figura 11
Homens deportados por estado de residência e domicílio (valores absolutos)

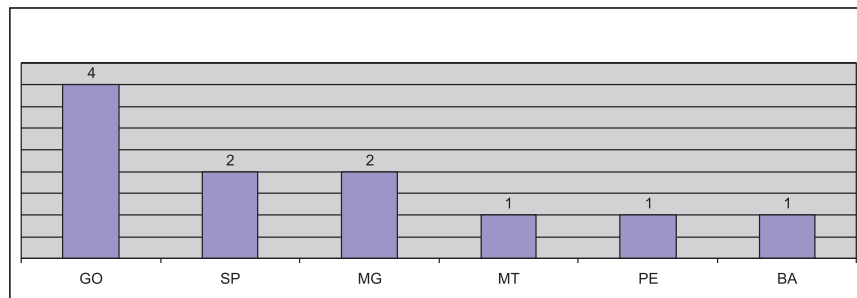


FONTE: Elaborada pela equipe de pesquisadores.

Entre as mulheres, Goiás também adquire destaque como estado de residência, o principal entre as não admitidas, seguido por Paraná, São Paulo e por Roraima. Goiás também concentra significativamente as deportações femininas, seguido por Minas e São Paulo.

Figura 12**Mulheres não admitidas por estado de residência e domicílio (valores absolutos)**

FONTE: Elaborada pela equipe de pesquisadores.

Figura 13**Mulheres deportadas por estado de residência e domicílio (valores absolutos)**

FONTE: Elaborada pela equipe de pesquisadores.

As transgêneros residiam em diversos estados: Goiás, Rio de Janeiro, Mato Grosso, São Paulo e Minas Gerais. A leitura das diversas categorias contempladas sugere alguns pontos para serem consideradas em ulteriores pesquisas quantitativas. O estado de Goiás tem sido apresentado nos meios de comunicação como um espaço relevante no que se refere à operação de quadrilhas de tráfico internacional de pessoas¹³. Na pesquisa realizada em Guarulhos em 2005, Goiás apareceu como o principal estado emissor de mulheres¹⁴. No estudo aqui apresentado, Goiás mantém a primazia em termos das mulheres, deportadas e não admitidas, mas também aparece como principal estado emissor no que se refere aos homens não admitidos no exterior. Somando a este aspecto o fato de que Minas Gerais concentra os homens deportados, isto é, que já passaram um

¹³ OPERAÇÃO BABILÔNIA, Tráfico de mulheres sofre baixa. Polícia Federal prendeu em Goiás seis acusados de aliciar pelo menos 20 mulheres para a prostituição no exterior. O Popular, Goiás, 05/08/2005. In: www.opopular.com.br.

¹⁴ Ver Secretaria Nacional de Justiça, 2006: 40.

tempo no exterior, os resultados podem sugerir uma eventual alteração nas dinâmicas de migração irregular masculina, com uma predominância de Goiás também entre eles, apontando, ao mesmo tempo, para redes que, nesse estado, envolvem igualmente homens e mulheres.

5.3 Escolaridade, renda e cor

Anos de estudo, renda e “cor” são indicadores importantes no traçado do perfil socioeconômico dos(as) entrevistados(as). Esses indicadores estão diretamente relacionados ao posicionamento social dos agentes nas estruturas de desigualdade que tendem a ser vinculadas à migração irregular, protagonizada por pessoas vulneráveis ao tráfico de pessoas. Os dados desta pesquisa relativos a estes indicadores devem ser lidos em uma perspectiva comparativa, situando a informação relativa ao universo de pesquisa em relação aos indicadores gerais relativos à população brasileira.

De acordo com pesquisas baseadas em dados do IBGE, em 2003, a média de anos de estudo da população em idade ativa era 6,24¹⁵. De acordo com análises desse Instituto, a renda média mensal das pessoas ocupadas no Brasil, em novembro de 2006, período em que foi realizada a pesquisa, foi de R\$ 1.056,60, levando em conta as regiões metropolitanas de Recife, Salvador, Belo Horizonte, São Paulo e Porto Alegre¹⁶.

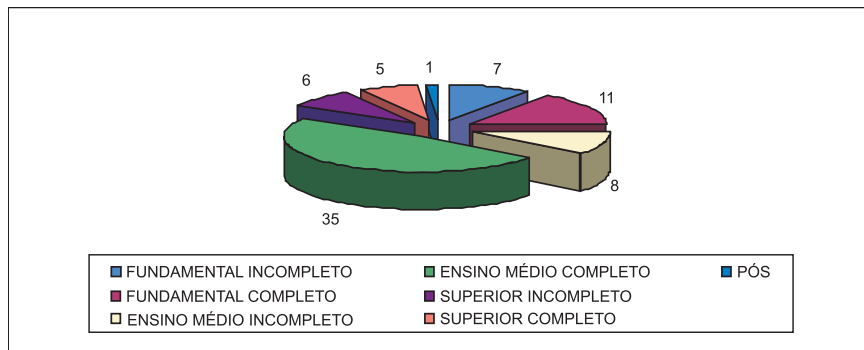
Considerar a “cor” conduz a uma área mais complexa. “Raça” é uma categoria problemática, na medida em que está ancorada em classificações variáveis que se alteram conforme contextos e situações (Fry, 1996). Contudo, pesquisas aceitas no Brasil, baseadas em autoclassificação, indicam que, em 2004, 19,6% da população branca se encontrava nas faixas de pobreza, percentual que alcançava 41,7% da população negra. E a diferença tende a ser maior nas populações com menos pobres, nos estados do Sul, Sudeste e Centro-Oeste. Nos estados com maiores taxas de pobreza, no Nordeste e no Norte, a diferença entre brancos e negros tende a ser menor (IPEA, 2006).

Levando em conta o conjunto desses indicadores, o universo de pessoas entrevistadas neste estudo, assim como o da pesquisa realizada em 2005, não se integra no grupo de brasileiros marcados por graus mais extremos de desigualdade. Neste universo de pesquisa, pouco menos da metade das pessoas entrevistadas concluíram o ensino médio e 12 tiveram acesso à universidade (ensino superior incompleto, superior completo e pós-graduação). Isto significa que mais da metade das pessoas possui 11 ou mais anos de estudo. Os demais entrevistados têm escolaridade mais baixa, ensino médio incompleto, fundamental completo e fundamental incompleto.

¹⁵ Fonte, Micro-dados da PNAD. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios do IBGE.

¹⁶ IBGE, Pesquisa Mensal de Emprego – PME, 2006. In: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/pme122006ttm03.shtm. Essa média está distante dos indicadores de pobreza em termos de renda no país que, de acordo com estudos do IPEA, inclui a indigência, ou extrema pobreza, definida como a condição da população que sobrevive com menos de ¼ de salário mínimo domiciliar mensal per capita e a pobreza propriamente dita, da população que vive com rendimentos entre ¼ e ½ salário mínimo (IPEA, 2006).

Figura 14
Deportados (as) e não admitidos(as) por escolaridade (valores absolutos)

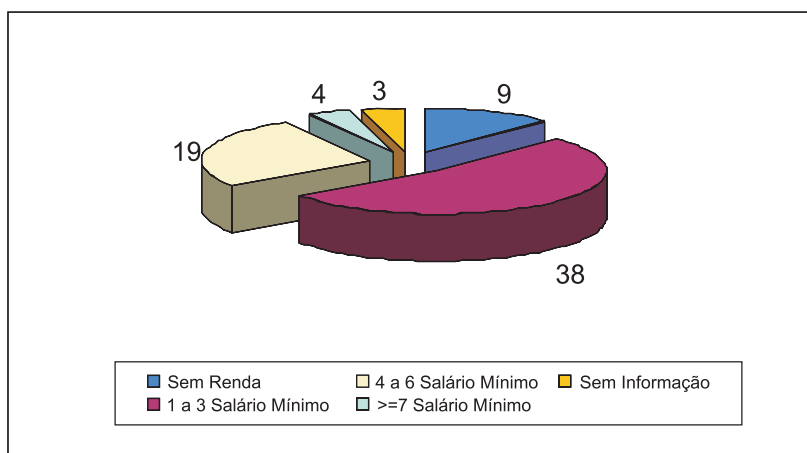


FONTE: Elaborada pela equipe de pesquisadores.

As pessoas com 11 ou mais anos de estudos (ensino médio completo ou universitário) são particularmente significativas entre as mulheres, tanto não admitidas como deportadas. As transgêneros compõem um grupo reduzido (5 pessoas) no qual apenas duas contam com ensino médio completo, as restantes têm menos anos de estudo (ensino médio incompleto e fundamental incompleto).

Neste universo, o grau de escolaridade, em termos gerais superior à média de anos de estudo no Brasil, não incide em renda necessariamente superiores à média mensal no Brasil para o período no qual foi realizada a pesquisa. Responder sobre a renda foi, aliás, um dos aspectos problemáticos para os(as) entrevistados(as). Todavia, as respostas permitem perceber que mais da metade das pessoas entrevistadas declararam ter renda entre 1 e 3 salários mínimos.

Figura 15
Deportados(as) e não admitidos(as) por renda (valores absolutos)



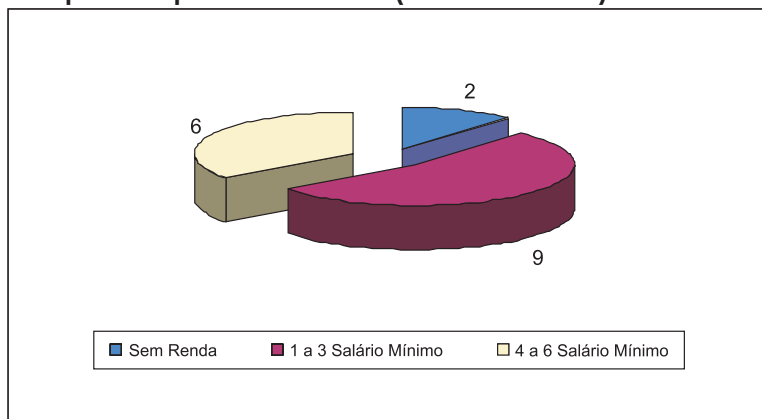
FONTE: Elaborada pela equipe de pesquisadores.

Uma pequena parte das pessoas entrevistadas afirmou não ter renda, quase todas mulheres; entre elas, várias jovens estudantes, sustentadas pelos pais. Contudo, pouco menos de 1/3 dos entrevistados declararam ter rendimentos mensais superiores a quatro salários mínimos.

A predominância de pessoas que têm rendimentos mensais entre 1 e 3 salários mínimos é perceptível entre os homens entrevistados, deportados e não admitidos, e também entre as transgêneros.

Figura 16

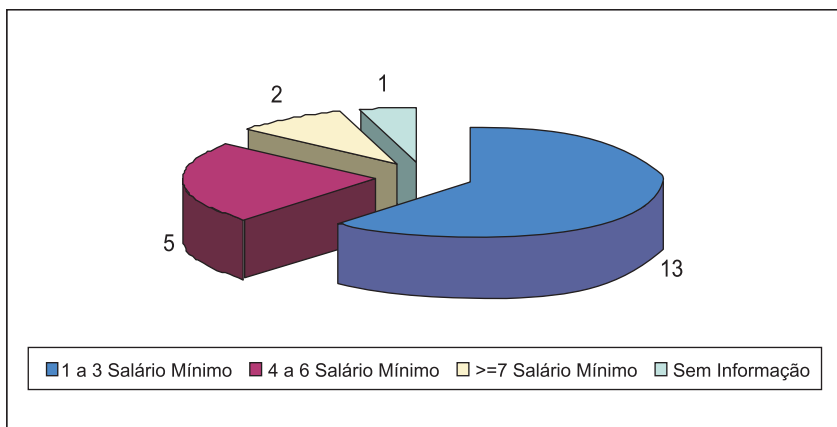
Homens deportados por renda no Brasil (valores absolutos)



FONTE: Elaborada pela equipe de pesquisadores.

Figura 17

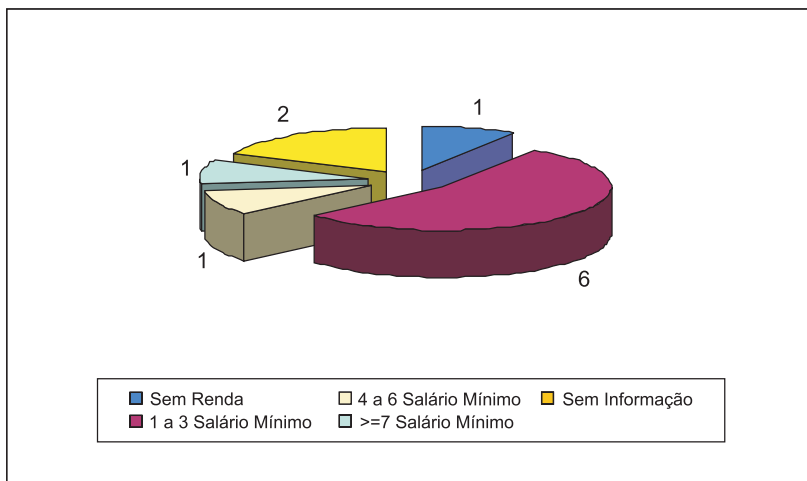
Homens não admitidos por renda no Brasil (valores absolutos)



FONTE: Elaborada pela equipe de pesquisadores.

As mulheres apresentam um quadro diferente. Entre as deportadas, reitera-se a concentração na faixa de 1 a 3 salários mínimos, como demonstra a Figura 18.

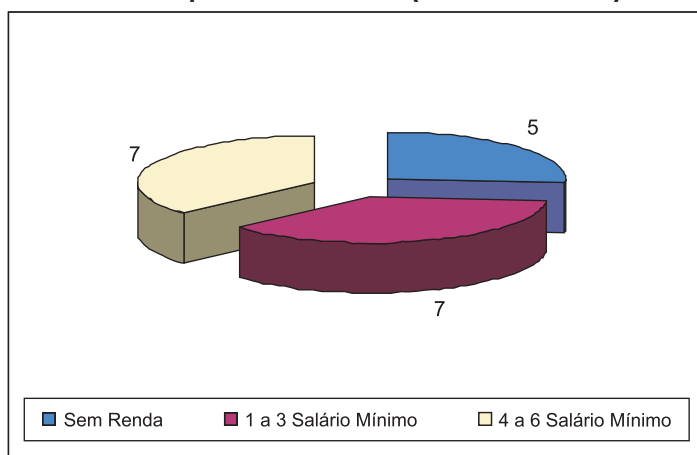
Figura 18
Mulheres deportadas por renda no Brasil (valores absolutos)



FONTE: Elaborada pela equipe de pesquisadores.

Entre as não admitidas, porém, um número equivalente afirmou ter rendimentos mensais entre 1 e 3 e entre 4 e 6 salários mínimos. Este é um ponto que, articulado aos resultados da pesquisa realizada em Guarulhos, em 2005, é significativo, sugerindo que o fato de contar com salários mais elevados, que em alguns casos possibilitariam viajar como turistas, não impede a não admissão, particularmente quando se trata de mulheres.

Figura 19
Mulheres não admitidas por renda no Brasil (valores absolutos)



FONTE: Elaborada pela equipe de pesquisadores.

O conjunto de pessoas entrevistadas desempenhou no Brasil, predominantemente, atividades no comércio, como vendedores(as), entregadores, supervisores de vendas e promotores(as) sim, pode substituir por O conjunto de pessoas entrevistadas desempenha, no Brasil, atividades no... auxiliares administrativos e também proprietários de comércio; pessoas que prestam serviços técnicos especializados (técnicos de laboratório, informática, em montagem de som, protéticos, fotografia); trabalham na área de turismo (agência de viagens, guia de turismo); de serviços (costureiras, salão de beleza) e também são estudantes. Em parte desse universo as atividades são indistintamente desempenhadas por homens e mulheres. Mas há também traços de gênero nas ocupações desempenhadas no Brasil. Alguns homens trabalham na construção (pedreiros, encanadores, pintores); no de transporte de passageiros (taxistas, motoristas de caminhão); como mecânicos de manutenção de automóveis e esportistas profissionais. Uma parte das mulheres desempenha atividades tidas como femininas: secretária, auxiliar de enfermagem, cozinheira, serviços de limpeza em bares ou como empregada doméstica. Nenhuma dessas mulheres afirmou ter trabalhado na indústria do sexo no Brasil. Já entre a maioria das transgêneros, o trabalho em salão de beleza, padaria e bailarina combina com a prostituição.

Apesar da diversificação das atividades, salvo algumas exceções, as ocupações desempenhadas não remetem a elevada qualificação nem a rendimentos muito elevados (as pessoas que declararam maiores rendimentos afirmaram receber em torno de R\$3.500,00 mensais – um cabeleireiro – e mais de 21 salários mínimos – uma transgênero não admitida, submetida a um processo de cirurgia de transformação de sexo na Inglaterra, artista performática no Brasil).

Parte das pessoas não admitidas afirmou estar viajando para conhecer outro país. Entre as pessoas que declararam viajar para trabalhar no exterior e entre as deportadas, os baixos salários, e não necessariamente o desemprego, aparecem como o principal motor para a tentativa de migração. Um jovem de 28 anos, negro segundo a pesquisadora que o entrevistou, não admitido na França expressou de maneira sintética essa motivação que aparece de maneira recorrente em diários de campo e entrevistas.

Sentei e comecei a conversar com um jovem alto, negro, de aparelho nos dentes, boné, jeans e camiseta. Ele disse que havia muito árabes e africanos sendo também inadmitidos na França e que agora tentaria outro país, mas não desistiria de tentar entrar na Europa para trabalhar. Ele falou a seguinte frase: “Os árabes fugindo da guerra, os africanos da fome e os brasileiros da pobreza. Aqui eu como, mas o que eu ganho não dá para fechar o mês”

Diário de campo de Erêndira, 4/11/2006

Nos termos de um homem que se autoclassificou como pardo, de 32 anos, não admitido na Inglaterra:

*Lá você trabalha e vive bem. Por isso eu estou querendo ir pra lá. Trabalhar e viver bem você tem que ganhar 3.000, 4.000, 5.000 por mês. E aqui você não faz isso. Só deputado, né?*¹⁷

¹⁷ Entrevista 2/9, realizada em 09/10/2006. Os códigos utilizados referem-se ao número da entrevista realizada por cada pesquisador.

De acordo com um homem não admitido de 28 anos, que se autotranscreveu como preto, cujo destino era a Bélgica:

Hoje a gente fala que mora no Brasil pra falar só que mora mesmo. Porque oportunidade a gente não tem. Igual eu que estou no segundo ano de faculdade, mandei currículo pra mais de 20 empresas. Nenhuma me liga, você está entendendo. A que liga quer pagar R\$ 350 pra você. Agora, veja bem, se é uma pessoa casada ela tem condição de receber R\$ 350? ¹⁸

Uma mulher de 29 anos, que se autotranscreveu como parda, não admitida na Suíça explicou:

A vida no Brasil era bem pobre... Trabalhava muito e o dinheiro não entrava... Trabalhava no salão, mas não era meu. Era empregada... estava muito difícil. ¹⁹

Observe a fala de uma transgênero de 40 anos que se autotranscreveu como parda, e, no Brasil trabalhava em um salão, recebendo em torno de R\$ 500,00 por mês, deportada de Itália, onde trabalhou como prostituta:

[Decidi sair] pela questão financeira. Porque no salão não tinha uma renda fixa. Ganhava por comissão. ²⁰

Entre os não admitidos que viajam pela primeira vez ao exterior, o desejo de migrar e trabalhar fora está vinculado à ideia do quanto poderiam ganhar fora, baseada em relatos de sucesso de parentes e de conhecidos. De acordo com um não admitido de 32 anos, de Goiás:

Tem amigos meus morando lá. Eles trabalham em restaurante... Todos em Londres. No interior, não. O que acontece, uns trabalham em restaurante, outros fazem faxina. Essas coisas de brasileiro, entendeu? É isso que acontece. Mas lá eles ganham em torno de R\$ 5.000... Eles mandam dinheiro pra cá... Um amigo meu já comprou duas casas em Goiânia. Outro tem outros imóveis. Faz tudo do bom e do melhor. ²¹

Alguns entrevistados fazem, inclusive, uma avaliação dos destinos possíveis, em razão dos ganhos que imaginam poder obter. De acordo com um homem de 21 anos, de Rondônia, cujos primos e amigos da mesma cidade moram há três anos na Europa:

Desde quando eu saí a primeira vez, eles falaram que iam para Europa. Me chamaram para ir... Eu queria ir para os Estados Unidos, pois na época ganhava-se muito bem lá e na Europa razoavelmente. Eu fui mais ambicioso e fui pros Estados Unidos. ²²

¹⁸ Entrevista 3/2, realizada em 03/11/ 2006.

¹⁹ Entrevista 1/6, realizada em 01/11/2006.

²⁰ Entrevista 2/1, realizada em 12/11/2006.

²¹ Entrevista 2/9, realizada em 09/10/2006.

²² Entrevista 2/4, realizada em 27/10/2007.

Embora as pessoas sejam estimuladas pela idéia de obterem ingressos superiores aos que poderiam receber no Brasil, muitas são conscientes da discriminação da qual são objeto os migrantes brasileiros no exterior, particularmente as mulheres. Nos termos de uma mulher de 22 anos, originária do Distrito Federal, mas residindo em Tocantins, não admitida na França, cujo destino final era Espanha, onde tem parentes:

Pesquisador: *Que histórias que seus parentes contam de lá?*

Entrevistada: *Que lá é legal. O custo de vida é muito caro. Que mulher brasileira [sofre] muito preconceito, tem preconceito porque eles pensam que todas mulheres são pra fazer programa. Que tem que aceitar a realidade... Que lá tem muito preconceito [em relação] à mulher e ao povo brasileiro em si, no geral. Mas que é muito bom você trabalhar e mandar o dinheiro pro Brasil.* ²³

Apesar de que os relatos de parentes, amigos e conhecidos residindo no exterior aludem a uma série de dificuldades cotidianas, o desejo de migrar está freqüentemente associado a uma certa idealização do local de destino que aparece, às vezes, na forma de uma estetização de locais e pessoas estrangeiras e de uma desvalorização de tudo o que é vinculado ao Brasil. Esse mecanismo aparece registrado de diversas maneiras nos diários de campo:

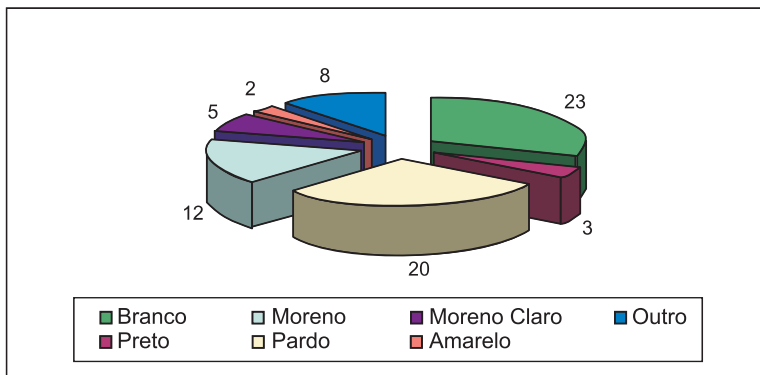
No voo de Milão... veio um rapaz... Estava com roupas masculinas, mas me disse que no Brasil só usava salto e cada dia um brinco diferente... Estava imensamente decepcionado por não ter entrado... Ele era do interior de Mato Grosso do Sul, vestia roupas coloridas, porém simples, um tênis velho, já bem usado que não era de marca conhecida, carregava uma mochila e mala velhos, nada sofisticados. Não parava de falar em como todos eram muito mais bonitos na Itália, muito mais elegantes, perfumados, apontava para a fila de brasileiros e dizia: “Nada dessa pobreza que a gente sente aqui”. Apontou para uma mulher loira, chique, e disse: “Você está pensando que ela é bonita? É nada, não chega aos pés dos italianos”. Disse que aqui no Brasil as pessoas não sabem se vestir, que lá na Itália realmente seria feliz. Senti em sua fala um grande desejo de ascender socialmente, de poder vestir as roupas da Itália, pois só assim seria outra e valorizada no Brasil, ela não teria mais o “ar de pobreza”... Deveria ser muito pobre pois viajou com apenas R\$ 700 e quem pagou sua passagem foi a família que já estava na Itália.

Diário de campo de Táli, 03/11/2006

No que se refere à cor, é importante observar que várias pessoas entrevistadas se sentiram incomodadas com a pergunta e responderam que sua cor é “ótima”, são “sem cor”, “da cor que eu sou” ou “latina” ou registrados como “outras”, nas Figuras 20 e 21. As pessoas que se declararam amarelas, não necessariamente são asiáticas, mas, por exemplo, de um moreno “dourado”. Apenas uma parte das pessoas entrevistadas se declarou branca. Esse dado adquire sentido situando as diversas categorias de entrevistados(as) em uma perspectiva comparativa.

²³ Entrevista 1/9, realizada em 07/11/2006.

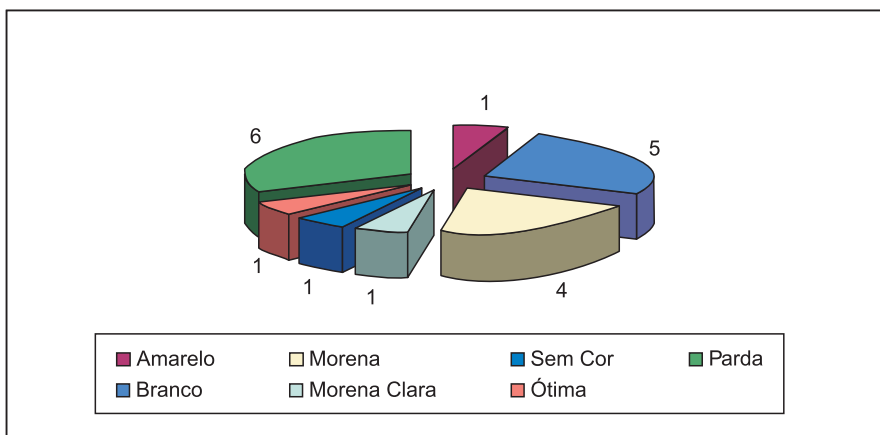
Figura 20
Deportados(as) e não admitidos(as) por cor declarada (valores absolutos)



FONTE: Elaborada pela equipe de pesquisadores.

Entre as mulheres não admitidas um número reduzido se considerou branca. A maioria absoluta das “rechaçadas” em algum país do exterior se considera não branca, mas parda e morena.

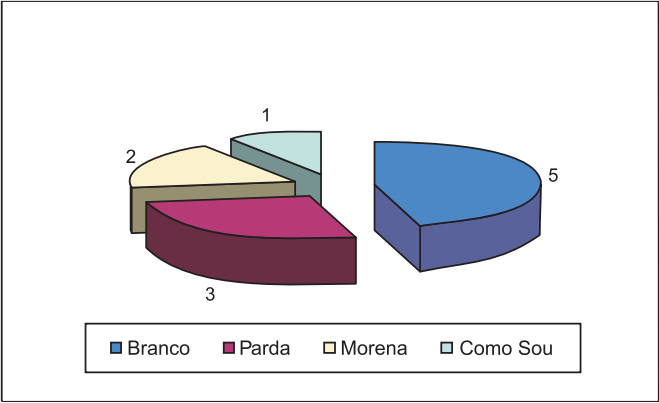
Figura 21
Mulheres não admitidas por cor declarada (valores absolutos)



FONTE: Elaborada pela equipe de pesquisadores.

Já entre as deportadas, quase a metade se considerou branca, superando amplamente o conjunto de pardas e morenas (nenhuma deportada se considera preta). A percepção do conjunto das mulheres pode sugerir que, as que se consideram brancas, tiveram mais oportunidades de ingressar em algum país do exterior (e foram posteriormente deportadas).

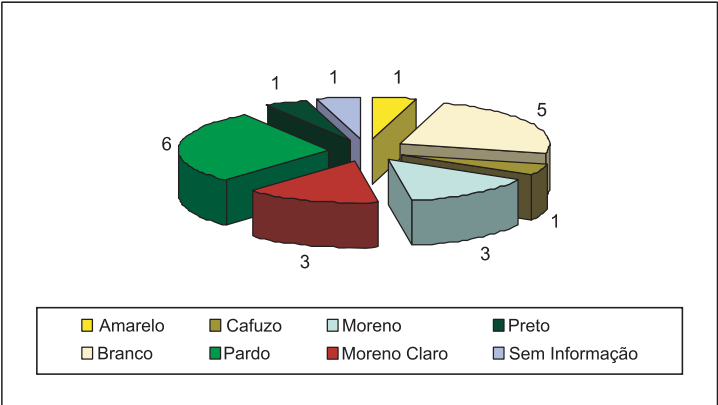
Figura 22
Mulheres deportadas por cor declarada (valores absolutos)



FONTE: Elaborada pela equipe de pesquisadores.

Um processo um pouco diferente tem lugar entre os homens. Semelhante ao que acontece entre as mulheres, apenas uma pequena parcela de homens não admitidos se considera branco.

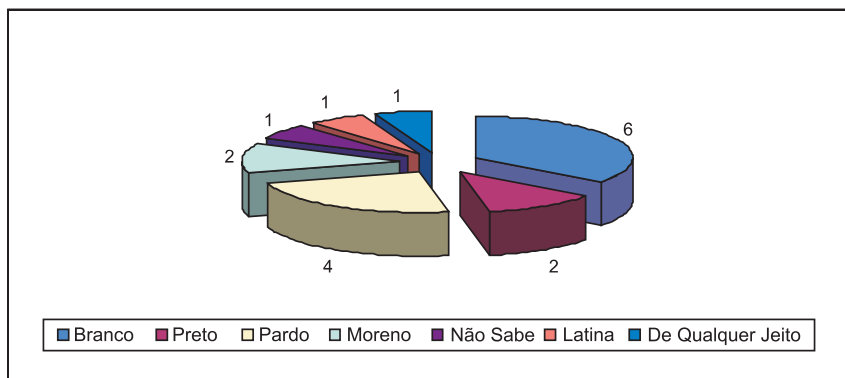
Figura 23
Homens não admitidos por cor declarada (valores absolutos)



FONTE: Elaborada pela equipe de pesquisadores.

Entre os deportados, porém, o conjunto daqueles que se percebe como pretos, pardos e morenos supera àqueles que se consideram brancos.

Figura 24
Homens deportados por cor declarada (valores absolutos)



FONTE: Elaborada pela equipe de pesquisadores.

As amostras com as quais se trabalhou não têm representatividade estatística e as diferenças são relativamente tênues. Contudo, esses dados, sugerindo que neste universo de pesquisa a cor parece incidir na inadmissão de mulheres que se percebem como não brancas e não dos homens que se consideram não brancos, aponta para um aspecto relevante a ser explorado em pesquisas quantitativas: a articulação entre gênero e cor nas não admissões de brasileiros(as) no exterior. Apenas uma das cinco transgêneros se classificou como branca, as restantes se consideram morenas, parda e amarela.

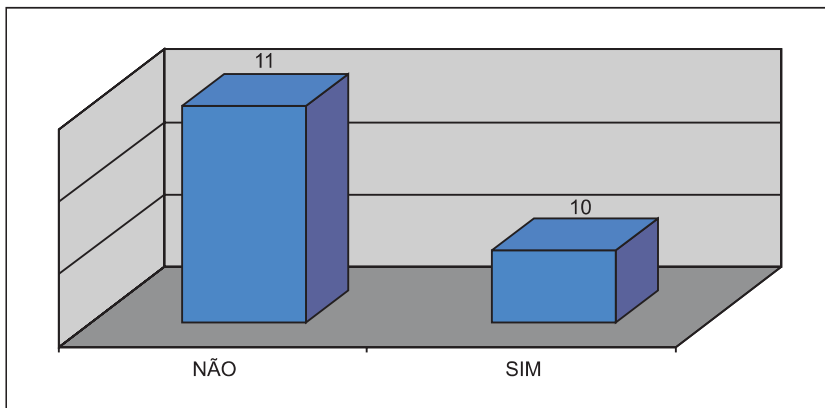
5.4 Situação conjugal e filhos

Neste universo de pesquisa marcado pela juventude, mais da metade dos homens, deportados e não admitidos, afirmou não ter companheiro(a) ou cônjuge. Entre as mulheres, esse quadro se reitera entre as não admitidas, alterando-se apenas entre as deportadas, nas quais há uma concentração de pessoas que têm companheiro (brasileiro ou estrangeiro)²⁴.

Parte significativa das pessoas entrevistadas, homens e mulheres, tem filhos. É o caso de pouco menos da metade de homens e mulheres não admitidos.

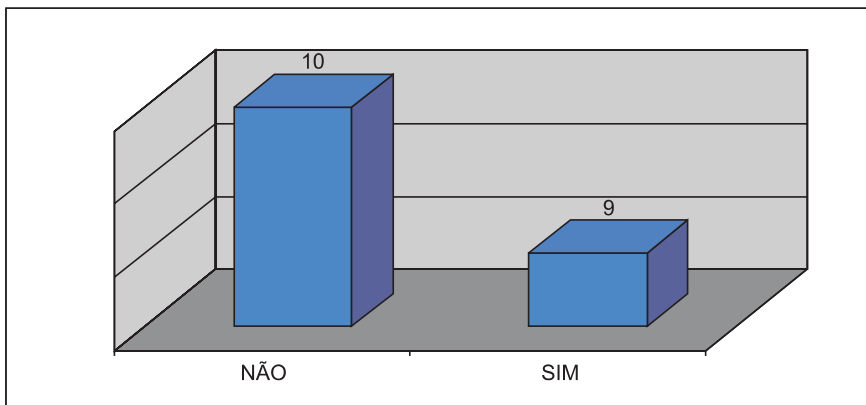
²⁴ Ver quadros relativos no Anexo – Conjugalidade e Filhos.

Figura 25
Homens não admitidos por filhos (valores absolutos)



FONTE: Elaborada pela equipe de pesquisadores.

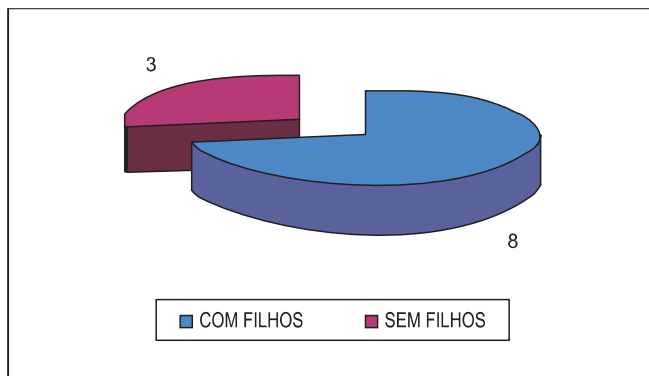
Figura 26
Mulheres não admitidas por filhos (valores absolutos)



FONTE: Elaborada pela equipe de pesquisadores.

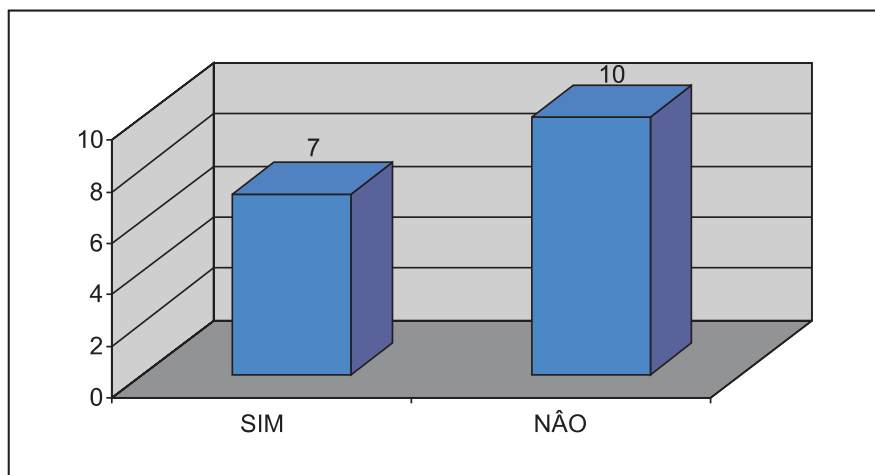
A presença de filhos, contudo, é particularmente relevante entre as mulheres deportadas.

Figura 27
Mulheres deportadas por filhos (valores absolutos)



FONTE: Elaborada pela equipe de pesquisadores.

Figura 28
Homens deportados por filhos (valores absolutos)



FONTE: Elaborada pela equipe de pesquisadores.

Os estudos sobre migração internacional feminina reiteram uma e outra vez a relevância desses fluxos de população como estratégia de sobrevivência familiar, particularmente no caso de mães que deixam seus filhos no país de origem. Esta pesquisa referenda em parte esses estudos. Contudo, a presença significativa de jovens solteiras, sem filhos, entre as mulheres que viajaram com o objetivo de permanecer trabalhando no exterior, pode também remeter a estratégias migratórias individuais e/ou a outros estilos de circulação familiar.

5.5 Religião

Concluindo o traçado do perfil das pessoas entrevistadas, o catolicismo foi a religião predominante em todas as categorias, superando amplamente a metade das pessoas entrevistadas²⁵. Um pequeno grupo afirma estar vinculado à “religião espírita”, ao protestantismo, ao candomblé ou serem evangélicos. Contudo, os dados não possibilitaram estabelecer relações entre religião e outros aspectos dos perfis das pessoas entrevistadas, nem com os estilos de migração a partir do Brasil. O único aspecto significativo é que as pessoas evangélicas afirmam frequentar igrejas com uma regularidade que não aparece entre pessoas de outras religiões. E, em alguns casos, a circulação entre países europeus que muitos migrantes realizam, inclusive utilizando documentos falsificados, está vinculada a redes estabelecidas a partir de contatos com brasileiros nesses cultos.

²⁵ Ver Anexo 6- Religião.

6. Países de deportação e não admissão

Tomando como referência os resultados do estudo realizado no aeroporto de Guarulhos em 2005, um dos primeiros aspectos que chamou a atenção dos pesquisadores foi a aparente diminuição no fluxo de pessoas deportadas e não admitidas retornando ao Brasil através do aeroporto de Guarulhos. O segundo aspecto foi o reduzido fluxo de pessoas chegando do México e o terceiro a diminuição das mulheres e transgêneros nesse fluxo geral. A exigência de visto para brasileiros chegando ao México, a partir de 23 de outubro de 2005, uma medida vinculada nos meios de comunicação às reclamações dos Estados Unidos, em virtude do elevado número de brasileiros entrando irregularmente nesse país através do México, pode ter resultado em uma significativa diminuição do fluxo chegando deste país²⁶. De acordo com uma reportagem da BBC Brasil em Londres, em razão dessa exigência de visto, as detenções de brasileiros tentando ingressar irregularmente nos EUA teria diminuído até 95% entre 2005 e 2006²⁷. Entretanto, outras explicações são possíveis para a aparente redução do fluxo geral. Os funcionários das companhias aéreas deveriam entregar os passaportes de deportados(as) e não admitidos(as) à Polícia Federal. O fato de que muitas vezes os passaportes são entregues diretamente às pessoas, que se unem aos demais brasileiros nas filas, foi registrado uma e outra vez pelos pesquisadores.

Um federal antigo sentou de nosso lado e lembrou da pesquisa passada... Durante a conversa perguntei se ele também percebia que o número de deportados e inadmitidos tinha diminuído muito e ele disse que sim. Disse que não sabia bem porque, mas imaginava que se devia a duas coisas. A primeira é que as companhias estão devolvendo os passaportes para os inadmitidos e deportados e quando eles chegam entram normalmente e nem a polícia fica sabendo. A segunda é a situação da polícia no desmantelamento de quadrilhas.

Diário de campo de Erêndira, 2/11/2006

Hoje nós perdemos alguns deportados, acho que dois, porque as companhias aéreas devolveram os passaportes para eles, que passaram pela PF como passageiros comuns. Depois, estávamos sentadas nos banquinhos e veio um rapaz de uma companhia, todo esbaforido, pedir mil desculpas à polícia, que deu uma esculachada nele: “assim vocês atrapalham o nosso trabalho”. Ele saiu sentido check-in, para tentar localizar os outros inadmitidos que escaparam.

Diário de campo de Natália, 31/10/2006

²⁶ Viver no Exterior, México passa a exigir visto de brasileiros, Quinta, 8 de setembro de 2005, 22h35. In: <http://noticias.terra.com.br/mundo/vivernoexterior/interna/0,,OI660417-EI1292,00.html>, consultado em 16/02/2007.

²⁷ De acordo com essas informações, em 2006, 1460 brasileiros foram presos tentando cruzar ilegalmente as fronteiras americanas, cerca de um vigésimo de 2005, quando 31.071 brasileiros foram detidos pela polícia de imigração. Entre outras razões, a impressionante queda brasileira foi atribuída ao fato de que, a partir de outubro de 2005, o México passou a exigir visto. Número de brasileiros presos na fronteira dos EUA cai 95%, PABLO UCHOA, da BBC Brasil, em Londres, 27/02/2007 - 10h24. In: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/bbc/ult272u61277.shtml>, consultada em 02/03/2007.

No voo do Porto (18:30) não havia chegado nenhum inadmitido. Então fui perguntar ao agente da PF... como estava o movimento de passageiros. Enquanto conversávamos, chegaram duas mulheres com o passaporte na mão e reclamando de terem sido impedidas de entrar em Portugal e pedindo informações de como serem ressarcidas do prejuízo. Tanto eu quanto o agente ficamos surpresos. Por meio delas, soubemos que os funcionários da empresa TAP devolveram-lhes os passaportes durante o voo.

Diário de campo de Eron, 10/11/2006

Esse procedimento tem o efeito de impossibilitar o registro do fluxo de pessoas deportadas e não admitidas. Durante parte do período desta aplicação da pesquisa, o registro também foi comprometido pelo fato de que os formulários a serem preenchidos por deportados e não admitidos nem sempre foram entregues às pessoas que estavam regressando ao Brasil nessa condição²⁸.

No terminal 02, conversei com uma das estagiárias da Infraero. Disse-me que não entregavam mais a ficha do MJ...

Diário de campo de Eron, 31/10/2006

O conjunto desses aspectos sugere a existência de uma grande discrepância entre as estimativas sobre o número de pessoas deportadas e não admitidas realizadas na base dos registros da Polícia Federal e o número real que ingressa no Brasil por meio do aeroporto de Guarulhos. Não se sabe ao certo o número de pessoas que não são registradas, através dos formulários, porque as companhias aéreas lhes entregam diretamente os passaportes. Tampouco se sabe o número de pessoas que deixaram de ser registradas porque não receberam os formulários na delegacia. Este é um ponto relevante, uma vez que o número de brasileiros deportados e não admitidos que retornam ao Brasil através do aeroporto de Guarulhos certamente é muito mais elevado do que os registros permitem perceber²⁹.

²⁸ É importante observar que, de acordo com informações oferecidas por agentes da Divisão Policial de Retiradas Compulsórias na Polícia Federal à equipe de pesquisa, a competência da Polícia Federal é com medidas de retirada compulsória de estrangeiros que estão no Brasil e não de brasileiros no exterior. Informações relevantes relativas a deportados ou não admitidos brasileiros seriam notícias de um crime cometido em território brasileiro antes da saída do país. Por exemplo, casos de tráfico de pessoas em que o aliciamento ocorreu no Brasil, ou crimes relativos a tráfico de drogas e armas. Contudo, as informações sobre as condições de deportação ou não admissão são colhidas tendo em vista contribuir com outros órgãos públicos, como o Ministério de Relações Exteriores, na adoção de procedimentos que promovam um melhor tratamento dos(as) brasileiros(as) não admitidos e deportados. A partir de 1998, por força de uma determinação da Divisão de Imigração da PF provocada pela percepção do aumento dos brasileiros deportados ou não-admitidos no exterior, a Polícia Federal começou a ouvir sistematicamente os brasileiros nessa situação no momento de sua chegada ao Brasil. Cada aeroporto, entretanto, adota procedimentos diferenciados para colher as informações. Os formulários utilizados em São Paulo foram desenvolvidos pela PF no aeroporto em razão do alto fluxo de passageiros, para facilitar o registro das declarações, enviados mensalmente a Brasília. Comentários de Marina, 1/11/2006.

²⁹ Nos registros de atendimento a pessoas deportadas e não admitidas em Guarulhos da ASBRAD, entre dezembro de 2006 e fevereiro de 2007, aproximadamente 75% das pessoas atendidas não tinham preenchido o formulário. Comunicação da equipe da ASBRAD em 21 de fevereiro de 2007.

Os números provavelmente estão aumentando com efeito das novas operações, realizadas a partir do final de fevereiro de 2007 em aeroportos europeus para limitar o ingresso de potenciais migrantes irregulares da América do Sul³⁰. De acordo com informações difundidas nos meios de comunicação, na primeira semana de vigência das novas medidas, a Agência de Controle de Fronteiras Externas da União Européia tinha “barrado” 202 brasileiros, que, conjuntamente com bolivianos, foram os cidadãos preferencialmente “rechaçados”³¹.

Os depoimentos das pessoas entrevistadas indicam que nesse universo de pesquisa, o Reino Unido, incluindo Inglaterra, Irlanda e Escócia, conjuntamente com a França, são responsáveis pelo envio de brasileiros deportados e não admitidos, seguidos por Itália, Portugal, Estados Unidos, Espanha, Bélgica e pela Suíça.

Figura 29
Deportados(as) e não admitidos(as) por país de devolução (valores absolutos)

FRANÇA	15
ITÁLIA	14
INGLATERRA	13
PORTUGAL	11
EUA	10
ESPAÑA	3
BELGICA	3
IRLANDA	2
ESCÓCIA	1
SUIÇA	1

FONTE: Elaborada pela equipe de pesquisadores.

O quadro de países se modifica, porém, quando se observam separadamente as diferentes categorias.

³⁰ De acordo com essas informações a Agência Européia de Controle de Fronteiras s (Frontex) iniciou uma operação de controle para detectar o fluxo de imigrantes irregulares procedentes da América Latina em oito aeroportos: Madrid, Barcelona, Lisboa, Paris, Amsterdã, Milão, Roma e Frankfurt, contando com 29 funcionários Policiais procedentes de sete Estados membros da UE, entre eles, Espanha. El Frontex controla la inmigración latinoamericana en ocho aeropuertos, El País, 2007-02-23. In: <http://medios.mugak.eu/noticias/noticia/90086>, consultado em 02/03/2007.

³¹ Jornal Nacional Globo, Agência de Controle de Fronteiras Externas da União Européia já barrou 202 brasileiros, 02/03/2007. In: http://jornalnacional.globo.com/Jornalismo/JN/O_AA1475864-3586,00.html, consultado em 02/03/2007.



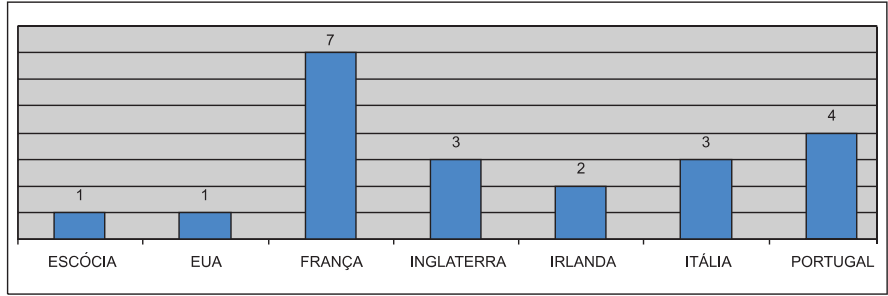
[Pesquisas em Tráfico de Pessoas]
_parte 3



7. Inadmissões

As pessoas não admitidas formam uma parcela substantiva desse fluxo. No que se refere aos homens, eles foram principalmente rechaçados em primeiro lugar França; em segundo pelo Reino Unido, incluindo Inglaterra, Irlanda e Escócia, seguidos por Portugal, Itália e finalmente Estados Unidos. O número de “rechaçados” de cada país pode ser verificado na figura a seguir.

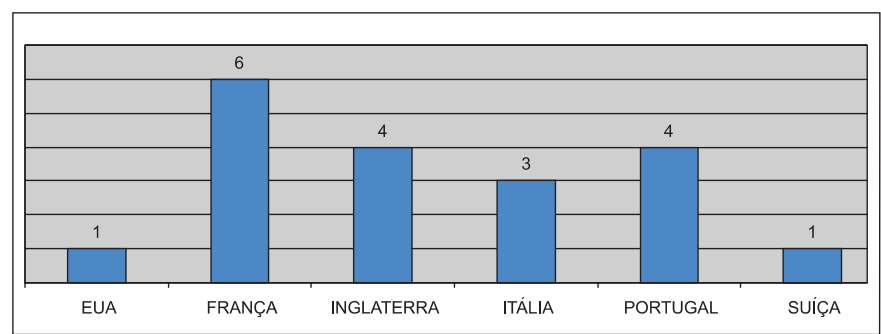
Figura 30
Homens por país de não admissão (valores absolutos)



FONTE: Elaborada pela equipe de pesquisadores.

Os principais países que não admitiram mulheres foram França, Inglaterra e Portugal, seguidos por Itália e, finalmente, Suíça e Estados Unidos. Na Figura 31 é possível verificar o número de brasileiras não admitidas por país. As transgêneros não admitidas foram rechaçadas nos aeroportos de Madrid e de Londres.

Figura 31
Mulheres por país de não admissão (valores absolutos)



FONTE: Elaborada pela equipe de pesquisadores.

É importante observar que os depoimentos do conjunto de pessoas não admitidas indicam que França é, sobretudo, um país de desembarque para chegar a outro destino, utilizado por homens e mulheres como uma das vias privilegiadas de acesso a outros países. No estudo realizado em Guarulhos em 2005, Espanha aparecia como um país

significativo em termos de não admissão de mulheres (Ministério de Justiça 2006:22). Nesta pesquisa, o número de entrevistados foi excessivamente reduzido para apontar tendências. Entretanto, entre as mulheres não admitidas, Espanha aparece como destino favorito pelo qual se tenta entrar via França ou Itália. Já a Inglaterra é o país de destino final para homens e mulheres.

As entrevistas apontam para a não admissão de brasileiros de países da Europa e da América do Norte que já se tornaram pólos “clássicos” de atração para os(as) migrantes. Entretanto, os diários de campo registram informações sobre homens não admitidos, que recusaram ser entrevistados, chegando de países raramente contemplados nos debates sobre migração de brasileiros, como Nova Zelândia.

Às 16:50 chegou um inadmitido no voo das 16:35 de Buenos Aires... Aparentava ter 25 anos, 1,85m e bem articulado. Usava camisa social preta, calça de sarja cinza, bem vestido. Recusou-se a conceder a entrevista, pois estava cansado e irritado com as 40 horas de viagem, mas ficamos conversando. Disse que fora inadmitido na Nova Zelândia, mas não sabia o motivo, uma vez que tinha dinheiro e hotel reservado. Fomos interrompidos por um agente da PF, que se mostrou solícito em esperar pelo fim da entrevista antes de levá-lo à delegacia. Anderson voltou a negar a entrevista e se foi junto com o agente.

Diário de campo de Eron, 31/10/2006

Puxei conversa, mas recusou a conceder a entrevista. Tinha sotaque do interior de São Paulo. Disse que fora impedido de entrar na Nova Zelândia e que chegara lá ontem. Disse que recebera uma proposta de emprego em uma fazenda de kiwi ou maçã daquele país de uma agência de empregos e que pagara R\$ 1.400,00, mas que se sentia enganado, pois tivera de lidar com a imigração por conta própria. As autoridades estrangeiras alegaram que ele não conhecia os pontos turísticos que ia visitar, fizera uma pesquisa na Internet, mas se confundiu, pois não fala bem o inglês. Pesquisou também o endereço e telefone de uma igreja Congregação Cristã (é adepto) na Nova Zelândia. Chegou a telefonar e a falar com o pastor brasileiro responsável. Disse que quando chegou no aeroporto de lá, conheceu outro brasileiro impedido de entrar e que estava aguardando voo de volta desde domingo.

Diário de campo de Eron, 14/11/2006

De acordo com os(as) não admitidos(as) entrevistados, o principal argumento para a não admissão foi considerar que não estavam viajando como turistas ou a falta de alguma documentação. Algumas pessoas foram recusados porque já moraram no exterior anteriormente, excedendo nessas ocasiões o tempo de permanência regular como turistas. O argumento utilizado para rechaçar outras foi que o hotel no qual ficariam não confirmara a reserva, ou confirmara, mas não tinha sido pago com antecedência ou não portavam dinheiro considerado necessário para fazer turismo e/ou não tinham referências suficientes de pontos turísticos. Em outros casos, a não

admissão foi justificada na base de os(as) entrevistados(as) não terem “carta convite” devidamente certificada das pessoas que supostamente os receberiam no país ao qual se dirigiam, pois o endereço que deram para a polícia não pode ser verificado, porque, tendo contrato de trabalho, não tinham visto de trabalho, ou por ter viajado como turistas após ter o visto como estudante negado. Esses foram os argumentos aduzidos, embora, de acordo com os entrevistados, muitas vezes eles contavam com todos os documentos e exigências requeridas³².

Estes motivos foram utilizados pelas autoridades estrangeiras tratando-se de homens ou mulheres. Todavia, entre as mulheres, as cartas convite rejeitadas são principalmente de namorados estrangeiros (com nacionalidade portuguesa, espanhola e escocesa) que, segundo as entrevistadas, pagaram suas passagens. Nestes casos, a verificação das pessoas que as receberiam, isto é, os namorados, suscitaram dificuldades não por impossibilidade de verificação, mas porque eles tinham problemas com a justiça (não explicados nas entrevistas) e, em alguns casos, as autoridades estrangeiras aludiram abertamente à possibilidade de que o namorado em questão se dedicasse a ingressar mulheres irregularmente em algum país europeu. No relato de uma mulher de 33 anos, não admitida em Portugal:

É tipo assim, o que você veio fazer aqui? Vim pra casa de meu namorado. [O policial disse] Como é que você fica esse tempo todo aqui sem fazer nada? [Eu disse], é lógico! Eu não preciso fazer nada. [Ele disse] Mas o que você vai ficar fazendo? Você já ficou aqui 3 meses?.. Você estava trabalhando? É lógico que não. Trabalhar aqui, eu não preciso. E aí o tempo todo [ele queria me colocar em contradição]. Eu quase virei pra ele e disse se ele achava que eu estava trabalhando, me prostituindo também. Quase falei isso porque julgam muito as brasileiras... A minha passagem... Foi meu namorado quem enviou... [Mesmo com o convite do namorado, o policial] não aceitou. Meu namorado foi lá e conversou com eles. Por ele não ser português e sim escocês eles não deixaram. Ainda alegaram que ele poderia estar fazendo... ajuda de imigração ilegal. Só que ele tem casa lá. Ele passa férias lá tanto quanto eu³³.

Chamo a atenção para esse ponto, sobre o qual voltarei depois, porque namoros e casamentos vinculados a processos migratórios podem remeter ao tráfico internacional de pessoas (Human Rights Council, 2007) ou a articulações para a inserção na indústria do sexo no exterior (embora não necessariamente o façam). Esse é um ponto ao qual aludiram agentes da Polícia Federal no aeroporto, registrado nos diários dos pesquisadores:

³² O trabalho de atendimento realizado pela ASBRAD no período posterior ao campo reforça as afirmações desses entrevistados, sugerindo a arbitrariedade das não admissões. De acordo com os registros da ASBRAD, 5.000 euros individuais pode ser considerado dinheiro insuficiente, mas 15.000, excessivo. Entre os atendidos pela ASBRAD, entre dezembro de 2006 e fevereiro de 2007, circula, também, a idéia de que existe uma “quota” diária de brasileiros a ser rechaçados em certos países europeus. Comunicação da equipe da ASBRAD, em 21 de fevereiro de 2007.

³³ Entrevista 5/18, realizada em 7 de novembro de 2006.

A agente falou também sobre o caso das mulheres brasileiras espancadas na Irlanda, chegou a ver uma delas machucada no pulso por grilhões. Disse que muitas mulheres são enganadas por falsos namorados, os quais as colocarão na prostituição européia.

Diário de campo de Eron, 08/11/2006

As transgêneros não admitidas, na Espanha e na Inglaterra, foram rechaçadas por falta de algum documento não especificado. Contudo, entre elas, um dos problemas em relação à documentação pode ser a discrepância entre aparência e o gênero indicado no passaporte. Esse é um ponto que apareceu na pesquisa realizada em 2005 no aeroporto de Guarulhos e que parece vislumbrar-se nos diários dos pesquisadores, neste estudo de 2006.

O policial me mostrou uma mulher inadmitida. Ela já estava indo embora para pegar suas malas, mas, educadamente, se prontificou a ser entrevistada. Ela era muito bonita, alta, cabelos loiros e longos, muito bem cuidados. Estava com um terno preto sóbrio e discreto. Disse que foi a Inglaterra para fazer uma consulta. Ela tinha acabado de ser operada. Era transexual e precisava ver seu médico novamente, ir ao psiquiatra. Estava indignada por não a deixarem entrar, pois ela tinha todos os comprovantes. Quando perguntei seu nome, ela respondeu, Juliana, mas logo se corrigiu, dizendo que sua documentação ainda estava no masculino, ou seja Juliano.

Diário de campo de Táli, 31/10/2006

Vários relatos apontam para o fato de, no grupo organizado por alguma agência, e, às vezes, acompanhado por algum guia turístico, uma ou duas pessoas em um grupo serem detidas de maneira aparentemente aleatória, para serem posteriormente “devolvidas” ao Brasil. O relato de um entrevistado de 28 anos, “barrado” na Inglaterra, ilustra esse procedimento.

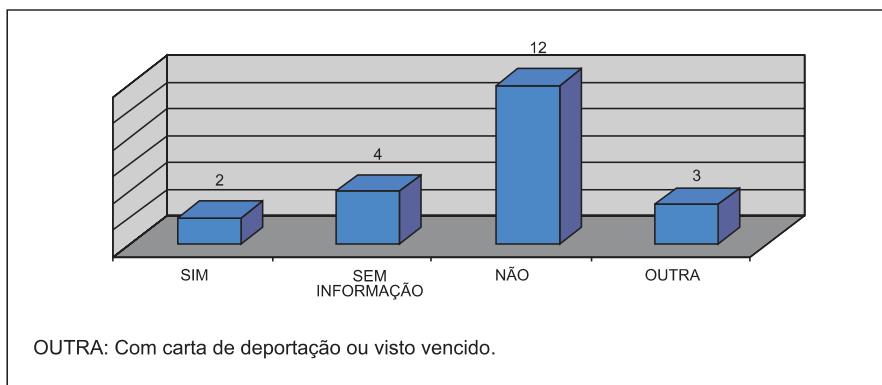
Fui com um grupo. De ida foi excelente. Vôo tranquilo, normalzinho. Chegamos lá na imigração francesa, só pegou o passaporte, olhou, agradeceu por estar optando pelo país. O grupo todo, 16 pessoas... em Paris... Visitamos a catedral, o Rio Sena, o Museu do Louvre, Arco do Triunfo, Torre Eiffel... Nós ficamos no hotel... Todo mundo... Vai um guia turístico que fala a língua. Ele que ia na frente e depois nós... Até Londres embarcamos todo mundo e na fila da imigração, como ocorre aqui, o pessoal, acho que deve ser inglês ou francês e um discutindo com outro por causa de passar na frente, de cortar a fila pra passar mais rápido, porque parece que tinha vôo de conexões e tal. Aí, o pessoal da imigração, “Pó pará aí! O pessoal daqui pra lá não vai passar agora. Tem que aguardar”. E nós ficamos aguardando. Aí, de lá, foram revistadas as bagagens. Um grupo teve que seguir, não podia ficar porque o pessoal mesmo não aceitou, da imigração, o grupo esperar... Só faltava eu... O pessoal falou que podiam ir, mas eu não. Ia fazer a revista da mala e revistou. Uma seqüência de perguntas. Aí, decidiram que eu não estava como turista... “Mas eu não estou, eu tenho cartão de crédito, tenho as minhas contas, tenho meus vínculos todinhos dentro do Brasil, tenho o meu serviço...”. Eu passei o meu

número telefônico pra eles ligarem dentro da empresa. Mostrei os meus contra-cheques tudinho. Eles não aceitaram³⁴.

A maioria dos homens não admitidos entrevistados afirmou ter saído do Brasil pela primeira vez. Do restante, uma parte tinha um histórico de deportação anterior, de algum país da Europa ou dos Estados Unidos, por ter permanecido irregularmente em algum país (por até três anos) ou por ter retornado a Europa, após ter permanecido seis meses, sem deixar passar um intervalo de três meses. No entanto, o número de pessoas com esse tipo de histórico entre não admitidas não deve ser considerado representativo, uma vez que procurar pessoas com essa trajetória foi uma estratégia seguida pela equipe de pesquisadores.

Figura 32

Homens não admitidos por situação anterior de deportação ou não admissão (valores absolutos)



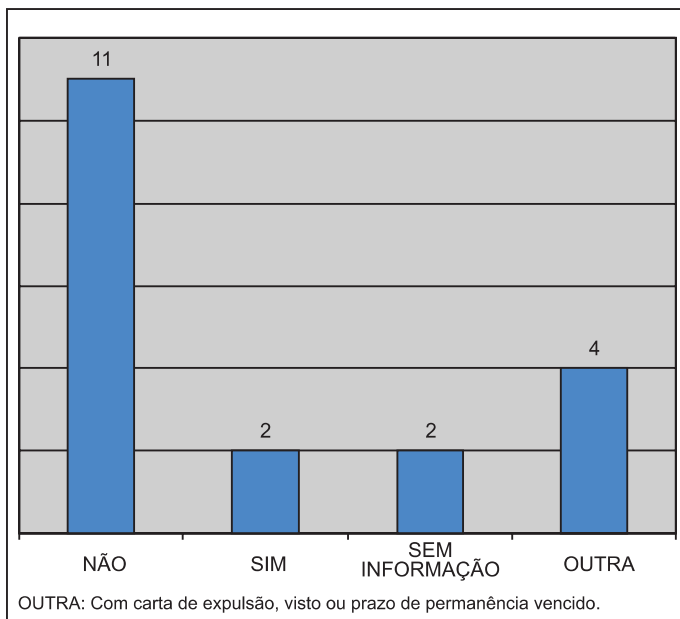
FONTE: Elaborada pela equipe de pesquisadores.

Entre as mulheres, a maioria também afirmou ter saído do Brasil pela primeira vez. Contudo, o grupo que possui deportação anterior, carta de expulsão ou prazo de permanência vencido é elevado. As duas transgêneros não admitidas não tinham históricos análogos.

³⁴ Entrevista 1/5, realizada em 1/10/2006.

Figura 33

Mulheres não admitidas por situação anterior de deportação ou não admissão (valores absolutos)



FONTE: Elaborada pela equipe de pesquisadores.

Entre as pessoas não admitidas, pouco mais da metade, tanto homens como mulheres, explicitou a intenção de trabalhar no exterior. A maior parte do restante afirmou estar viajando a passeio. Embora isso seja certamente possível em alguns casos, os níveis de renda de parte das pessoas entrevistadas tornam a idéia de viagens de turismo a países europeus e aos EUA praticamente inviáveis. Essa idéia condiz com a percepção que os pesquisadores tiveram de uma parcela das pessoas não admitidas:

As mulheres estavam tensas, quietas... Os cabelos alisados e roupas que pareciam novas, mas não eram caras... Um dos homens já parecia um senhor, mas tinha 40 anos. A barba mal feita, a roupa e os sapatos gastos e o rosto um pouco sujo...

Diário de campo de Erêndira, 25/10/2006

Chegou um vôo de Milão e um grupo de inadmitidos... Entre eles, duas meninas de Goiás. Uma das meninas tinha os cabelos descoloridos e bem ressecados, ambas estavam mal vestidas e não queriam falar.

Diário de campo de Erêndira, 10/11/2006

Os olhos doces e tristes, o rosto já marcado, as roupas e maneiras muito simples; ele me lembrou os parentes que moram na zona rural... com a pele queimada de sol, as roupas muito simples: calça jeans, tênis, agasalho

de nylon, camiseta. Mora em Goiás. É pedreiro, disse ganhar 600 reais em média. Tem 40 anos, mas aparenta ter mais idade. Quatro filhos.

Diário de campo de Natália, 7/11/2006

Conversei com [uma mulher] de 28 anos, mas aparentava ter mais idade (aquele rosto bem marcado pelo sofrimento, ou pelo desgaste da viagem). Morena, magra, falava baixo. Estava com um terninho preto, sapatos beges, uma blusa listrada, tentando aparentar elegância³⁵.

A percepção da pobreza de parte significativa das pessoas não admitidas incidiu em que as pessoas com uma produção corporal mais elaborada, isto é, demonstrando maior sofisticação no vestir, chamassem a atenção.

Ele [deportado] se vestia de maneira completamente oposta à de todos os inadmitidos: roupa preta (calça jeans e jaqueta de couro), um tênis Puma, super fashion, cabelo estranho, meio moicano (deve ser moda na Europa).

Diário de campo de Natália, 2/11/2006

Na percepção de alguns entrevistados, a simplicidade e falta de familiaridade com espaços cosmopolitas, como os aeroportos, os tornaram alvos dos crivos policiais nos aeroportos no exterior. Nos termos de um entrevistado de 23 anos, um encanador que reside no interior do Paraná e foi detido no aeroporto de Milão:

A gente chegou lá. Não tinha certeza onde era o local. Fomos procurar o local certo. Daí já vimos a polícia de lá. Fomos lá e a gente ficou meio na dúvida assim, [ele] já chegou e já abordou a gente. Chamou a gente num canto, pegou o passaporte no check in e daí já começou a fazer um monte de pergunta. Eles já têm experiência também. Eles já vêem de longe aquela pessoa que não é... sabe... que não está... eles têm muita prática³⁶.

Na percepção das pessoas entrevistadas, a “aparência” é um critério utilizado para impedir o ingresso de brasileiros(as) no exterior, particularmente na Europa, atingindo inclusive pessoas que viajam para fazer turismo. Uma mulher de 33 anos, que se considera branca, não admitida em Lisboa, comenta esse ponto descrevendo pessoas com as quais conviveu na detenção antes de regressar ao Brasil:

Pesquisador: Como eram as pessoas que estavam com você? Tinha pessoas de outros países?

Entrevistada: Tinha dos Estados Unidos, da Rússia, da Romênia. Tinha brasileiros, um casal que foi a passeio pra conhecer Porto. Não deixaram eles entrar pela aparência.

P: Por que você acha que pela aparência?

E: Falaram pra eles, “Eu vejo quem não tem dinheiro pela aparência”.

P: Falaram?

E: Falou. E o cara é um microempresário em Goiânia. Ele estava totalmente

³⁵ Entrevista 4/6, realizada em 05/11/2006.

³⁶ Entrevista 5/15, realizada em 1/11/2006.

desiludido. Ele pagou R\$ 5 mil de passagem e rasgou tudo. No lugar onde não deixou entrar. Ser julgado pela aparência?!³⁷

Ao ar de simplicidade e pobreza de uma parcela das pessoas não admitidas somam-se os trajetos seguidos, muitas vezes indiretos, para chegar ao destino desejado, uma estratégia comum para driblar os controles de fronteira dos países considerados mais duros. Nesses relatos, Inglaterra e Irlanda aparecem como principais alvos, aos quais se tenta entrar via França, seguidos por Espanha na qual se tenta acesso via França, Itália, Portugal ou Suíça; Escócia, via França, e Bélgica, também via França. Aparecem também tentativas de chegar a Portugal, via Espanha. Os itinerários indiretos adquirem sentido levando em conta as observações registradas nos diários de campo.

Nos primeiros vôos não houve nenhum deportado, apenas alguns inadmitidos de Paris. Conversamos um pouco com eles, e nenhum tinha a intenção de ficar na França – com o que eu conversei um pouco mais, Paris era apenas uma escala para a Bélgica.

Diário de campo de Natália, Quinta, 26/10/2006

Ela [transgênero] ficou dando dicas de rotas para os inadmitidos: “você têm que entrar por aeroportos pequenos, que o controle da imigração é menor. O negócio é fazer escala em Paris pra vôos que vão pra outras cidades da Itália, Milão é muito difícil, o aeroporto é muito grande”.

Diário de campo de Natália, 16/11/2006.

Comecei uma entrevista com um inadmitido...Disse que ia tentar pois tinha uns 8 colegas que tinham “se dado bem” e já trabalhavam em Londres há tempos. Sua rota para entrar seria Paris-Dublin-Londres. Disse que essa era a forma mais fácil para não ser pego e que ia tentar outra vez.

Diário de campo de Eron, 9/11/2006

Um era homem, 25-30 anos, 1,70m, robusto, camiseta preta e jeans, pele morena e cabelo cortado com máquina, algumas bolsas e tinha bagagem a retirar. Falava bem... Disse que ia trabalhar na construção civil em Portugal. Disse possuir contrato de trabalho, mas fora inadmitido por não ter o visto de trabalho, disse não saber que era necessário. Disse que o contratante orientara-o a ir por Madrid, mas como tinha contrato achou que podia ir direto. Disse que ganharia em torno de 700 euros.

Diário de campo de Eron, 8/11/2006

³⁷ Entrevista 5/18, realizada em 7/11/2006.

Nos registros dos pesquisadores, os itinerários indiretos aparecem vinculados também aos deslocamentos de transgêneros:

Enquanto o vôo não chegava, fiquei conversando com o mocinho do “Posso ajudar?”, que sempre está aqui às quartas-feiras. Em algum momento, começamos a falar sobre o questionário, e ele viu a classificação “trans” dentro de sexo. A partir daí, começou a comentar a respeito dos vários trans que voltam com italianos, casados e tal. E falou “se você quer ver trans, é só ir ao embarque dos vôos da Suíça. Tem de monte!”. Perguntei se ele fazia idéia do por que disso, por que tantos vão pra Suíça. “Ah, isso não sei, talvez pra irem pra Itália depois”.

Diário de campo de Natália, 08/11/2006



[Pesquisas em Tráfico de Pessoas]
_parte 3

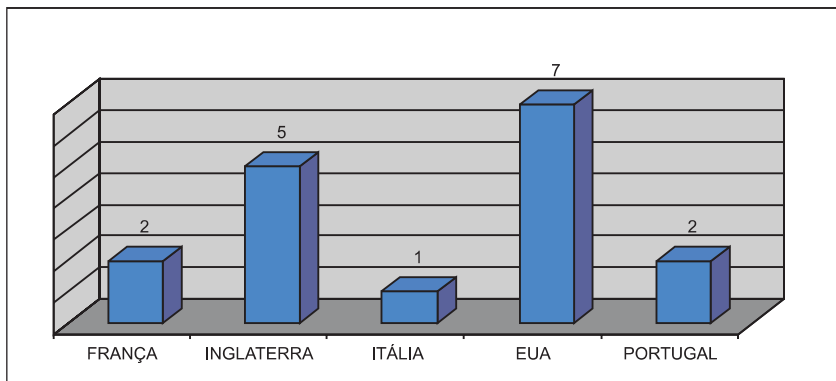


8. Deportações

No que se refere aos homens, o principal país que os deportou homens foi Estados Unidos, seguido por Inglaterra, França e Portugal e, finalmente, Itália.

Figura 34

Homens por país de deportação (valores absolutos)

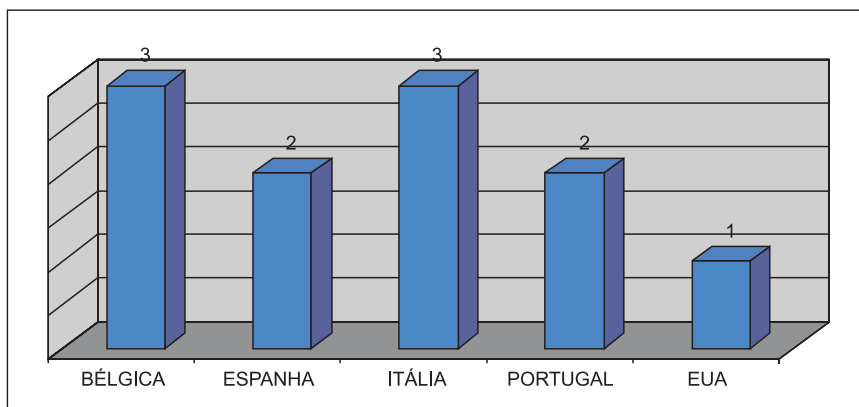


FONTE: Elaborada pela equipe de pesquisadores.

Entre as mulheres, os principais países de deportação foram Itália e Bélgica, seguidos por Espanha, Portugal e, finalmente, Estados Unidos. Já as três transgêneros foram deportadas da Itália, reiterando o quadro de país de deportação para essa categoria de pessoas que se delineou na pesquisa realizada no aeroporto de Guarulhos em 2005.

Figura 35

Mulheres por país de deportação (valores absolutos)

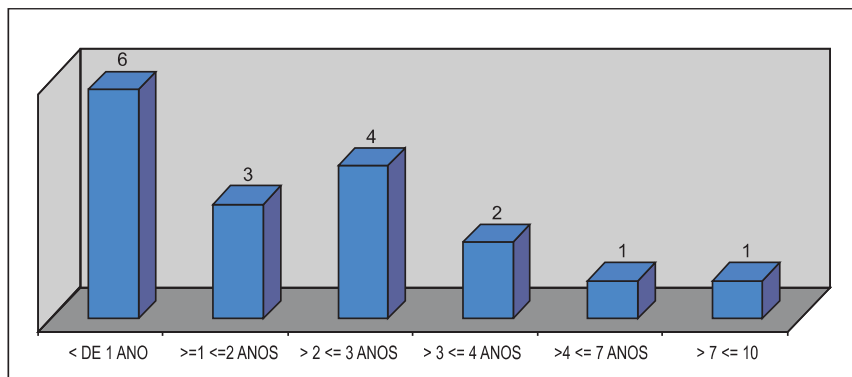


FONTE: Elaborada pela equipe de pesquisadores.

Um grupo significativo de homens e mulheres foi deportado antes de completar um ano no exterior, embora haja homens que passaram mais de sete anos fora e mulheres que residiram durante mais de cinco anos no exterior. Contudo, quase a metade dos homens e das mulheres permaneceram no exterior menos de dois anos.

Figura 36

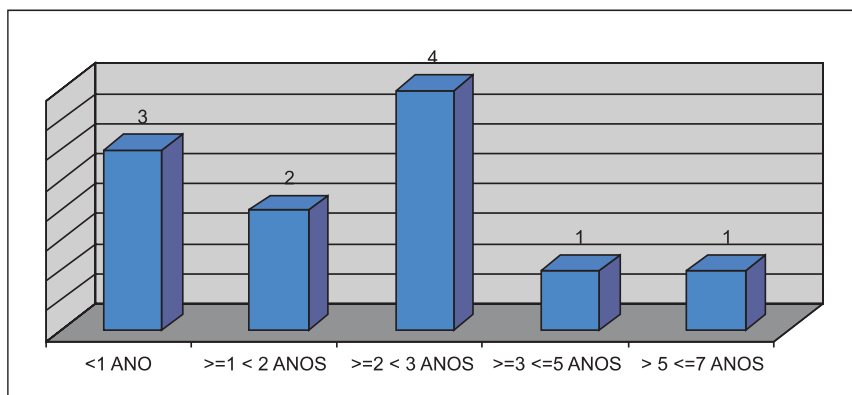
Homens deportados por tempo no exterior (valores absolutos)



FONTE: Elaborada pela equipe de pesquisadores.

Figura 37

Mulheres deportadas por tempo no exterior (valores absolutos)



FONTE: Elaborada pela equipe de pesquisadores.

Esse aspecto e os relatos sobre as circunstâncias que propiciaram parte das deportações apontam para o crescente controle dos migrantes irregulares nos países de destino dessas pessoas. Em diferentes países da Europa várias foram detidas em blitz policiais em locais públicos, como estação de metrô, caminhando na rua ou ao solicitarem documentos dos ocupantes dos carros nos quais se deslocavam. No relato de um homem de 24 anos, que se considera pardo, deportado de Londres, onde trabalhava como garçom:

Eles me pegaram nesses alertas vermelhos. Esses negócios de bomba... está tendo muita gente deportada com isso. Muita gente... Eu estava... [numa] estação de metrô. No dia eu ia encontrar com minha mulher também pela tarde. Aí, me pegaram. Duas semanas atrás pegaram um colega meu também, brasileiro... O país está em alerta vermelho e muito brasileiro está sendo deportado por causa disso, muita gente... Eu estava saindo da estação. A estação é muito grande e a polícia estava lá... Aí, bateram lá e me levaram³⁸.

De acordo com uma mulher de 20 anos, que se considera branca, deportada de Milão, cidade onde trabalhava em um supermercado:

... Me pegaram na rua. Eu estava vindo do trabalho... na hora que eu estou saindo, um carabinieri. [policial italiano] Era mais ou menos umas 9 horas da manhã. Tinha trabalhado a noite inteira no estoque de um super mercado... Quando eu estou saindo do mercado o controle de polícia em frente ao mercado... Eles param e vêem que não é italiano. Lá, todo mundo falava pra mim que eu não tinha cara de ser brasileira. Tinha cara de marroquina. Entendeu? Lá marroquino é muito perseguido... Dei o passaporte... perguntou se eu tinha "permisso". Eu falei que não tinha³⁹.

No relato de uma mulher de 26 anos, que se considera morena, deportada da Bélgica, onde trabalhou fazendo limpeza em casas particulares:

Foi controle de identidade belga. Eu estava dentro do trem e todos os estrangeiros que estavam dentro desse trem foram retirados e levados à delegacia. Eles foram verificar a situação. Aí, o meu passaporte estava vencido e me deportaram.... Estava sozinha... Estava indo trabalhar⁴⁰.

Segundo uma mulher de 48 anos, que se considera parda, deportada de Portugal, onde trabalhava cuidando de um idoso, ocupando-se também da limpeza e cozinha na casa onde ele residia:

Estava voltando de uma janta com os amigos de carro, já era tarde, casa de italianos. Ai, a polícia parou pra pegar documento daquele. O guarda olhou dentro do carro e pediu os documentos e eu estava com meu passaporte e sem o meu celular. A senhora está aqui dois anos já e não tem o "Permisso"?... Levou nós pra delegacia⁴¹.

Nos relatos, também aparecem os controles de documentos em espaços de lazer, como pubs, e nos locais de trabalho⁴². Eles acontecem, sobretudo, em bares e restaurantes provocando a deportação de brasileiros que não tem visto de trabalho, que excederam o prazo de permanência e, também, que utilizam documentos falsos. Esses controles aparecem reiteradamente em espaços voltados para a prostituição. Das cinco

³⁸ Entrevista 1/11, realizada em 21/11/2006.

³⁹ Entrevista 1/10, realizada em 1/10/2006.

⁴⁰ Entrevista 3/8, realizada em 10/11/2006.

⁴¹ Entrevista 3/10, realizada em 16/11/2006.

⁴² Nos atendimentos realizados pela ASBRAD, há registros de blits em domicílios privados, mas essa situação não apareceu nos depoimentos registrados neste estudo.

peessoas que, neste universo de pesquisa, afirmaram ter desempenhado essa atividade, uma das duas mulheres e duas das três transgêneros foram “pegas” nesses locais. De acordo com uma mulher de 29 anos, que se considera morena, deportada da Espanha onde trabalhava como prostituta em um clube:

Porque eu trabalhava num clube e eu estava ilegal. E aí, eles pegaram e deram a carta de expulsão... Não sei se é de 3 em 3 meses faz batida nos clubes. Aí, como eu estive lá puxaram a minha ficha. Viu que eu fui deportada e me deportaram de novo⁴³.

No relato de uma transgênero de 25 anos, que se considera amarela, deportada da Itália,

... depois de 3 meses a gente não pode mais ficar. Aí, fica mais difícil, porque a gente tem que ficar se escondendo. Porque lei é lei.... lá fazer 4 meses que estava lá. Só que pelo trabalho que faço lá... Eu trabalhava em casa, no passado. Mas, aí eu comecei a trabalhar na estrada⁴⁴.

Há também casos de deportação vinculados a denúncias de vizinhos, à ingenuidade ou a falta de cuidado de pessoas em situação irregular. Entre as pessoas entrevistadas nesta pesquisa, um operário da construção se apresenta à polícia, em Portugal, denunciando ter sido vítima de um roubo e é ele próprio detido, após a comprovação de sua permanência irregular no país. Um jovem participa de uma festa de brasileiros cujo intenso barulho motiva uma reclamação dos vizinhos à polícia. Finalmente, algumas deportações são o efeito de uma tentativa frustrada de ingresso ao Reino Unido, após terem residido em outro país europeu.

Entre as pessoas deportadas dos Estados Unidos, a maioria absoluta das detenções está vinculada a controles no trânsito, relacionados ou não a infrações. E se, na maioria dos casos, as detenções se devem ao fato de ter excedido o tempo de permanência ou de estar trabalhando sem visto, neste universo de pesquisa há, nos registros dos diários de campo e nas entrevistas casos, de pessoas envolvidas em crimes relativos a tráfico de drogas e à falsificação de documentos.

Sara, 1,70m, blusa verde (presente de uma deportada... que conhecera no aeroporto de Amsterdã), jeans, bota cano longo e salto, deportada da Bélgica (apliquei a entrevista). Disse que fora pega com documentos portugueses falsos, necessários para trabalhar na Bélgica. Passou três dias presa na Bélgica. Enquanto aplicava a entrevista ela dava piscadelas às outras mulheres, pensei que estivesse mentindo em algo, mas depois fui convencido da sinceridade de suas respostas. Acho que as piscadelas foram para disfarçar a vergonha. Não quis mudar de lugar para a gravação da entrevista.

Diário de campo de Eron, 23/11/2006

No vôo de Madri (20h20) chegaram duas mulheres deportadas da Espanha. Uma, branca, 27 anos, 1,65m, blusa amarela, calça jeans,

⁴³ Entrevista 4/10, realizada em 11/11/2006.

⁴⁴ Entrevista 2/13, realizada em 17/11/2006.

com muita vontade de fumar. Disse ter ficado um ano em La Coruña e que de outra vez ficara três anos. Recusou conceder a entrevista. A outra, parda, 45 anos, 1,50, cabelos cacheados e pintados de vermelho, jaqueta de couro preta e jeans. Misturava o português com o espanhol. Disse ter ficado por nove anos presa em Madri, pois fora pega levando três quilos de cocaína para Barcelona. Disse ser de São Paulo, capital, e que precisava telefonar para a família. Perguntou-me se deveria falar a verdade a PF sobre sua situação. Orientei a não mentir, pois provavelmente eles teriam sua ficha. Não deu entrevista.

Diário de campo de Eron, 23/11/2006

Um homem de 26 anos, que se considera latino, deportado de Londres, onde trabalhava em um banco, a única pessoa entrevistada que afirmou contar com pós-graduação (mestrado), relata seu envolvimento com documentação ilegal ao narrar sua deportação.

Entrevistado: Morava em..., Londres. Morei 4 anos e meio, no mesmo lugar, terminei a faculdade. Eu estava trabalhando pro Lloyds Bank... descobriram que não era legal. (...)

Pesquisador: Você trabalhava num banco... Você não precisa estar legal no país pra poder te contratar?...

E: É fácil conseguir isso lá... Tem que pagar. O passaporte custa 500 euros... Você compra fácil.

P: É! Como que compra? Que tipo de pessoa que vende?

E: Brasileiro, brasileiro... Fácil. Você pode ter uns papéis. Pode ser falso ou original. A Inglaterra não tem controle nenhum sobre as pessoas que estão dentro do país hoje. Não tem controle de quem é legal e quem é ilegal, não sabe quem entrou e quem saiu do país.

Você está vivendo como um inglês. Você fala inglês. Se você é um cara formado, tem o seu diploma da faculdade você passa como um inglês⁴⁵.

No relato de um jovem de 21 anos, que se considera branco, deportado dos Estados Unidos, onde residia com a família há seis anos:

Entrevistado: Estudei primeiro. Fiz a faculdade, cancelei a matrícula. Trabalhei num restaurante. E depois, foi como eu te falei, ajudando a pessoa a tirar a carteira lá e tal.

Pesquisador: Pessoas de todos os países você tinha contato?

E: De todos os países.

P: Como as pessoas chegavam a você, assim?

E: Colocava anúncio no jornal. Tem jornal brasileiro lá, um jornal hispânico... No caso, estava um anúncio lá e via o anúncio e o número do telefone. Ligava e perguntava como que era, como podia ser feito, como poderia ajudar. Entendeu? ... Fiquei nisso 3 anos, mais ou menos... Sempre tinha trabalho...

⁴⁵ Entrevista 5/22, realizada em 21/11/2006.

P: Qual é a sua renda, mais ou menos, básica? Você conseguia fazer quanto mais ou menos.

E: Ganhava mais ou menos. Podia fazer por mês uns US\$ 15 mil. [Tinha green card, o processo de deportação foi] porque, no caso, eles falam que o trabalho que eu estava fazendo, para uma pessoa tirar a carteira de motorista em outro estado, era um trabalho ilegal. Então, um castigo por esse trabalho que eu estava fazendo⁴⁶.

⁴⁶ Entrevista 1/1, realizada em 25/10/2006.

9. Indícios de tráfico de pessoas

Levando em conta a conceitualização do Protocolo de Palermo, perceber indícios de tráfico de pessoas exige esquadriñar as diferentes fases do processo de deslocamento dos(as) migrantes: o recrutamento, o transporte, a transferência e o alojamento ou o acolhimento, procurando vestígios de ameaças, uso da força, coação, fraude, engano, abuso de situação de vulnerabilidade em todas ou alguma fase do processo. E também requer perceber indícios de que alguma das fases desse processo tenha fins de exploração. Portanto, apreender indícios de tráfico requer prestar atenção às maneiras de viajar, às condições de trabalho e ao cotidiano no exterior. Convites para viajar, valores pagos pela viagem, dívidas contraídas, acordos prévios de trabalho, condições de trabalho, a existência ou não de exploração e o tipo de exploração e, finalmente, a existência de liberdade ou, ao contrário, seu cerceamento mediante controle, reclusão ou prisão são elementos importantes para explorar esses indícios.

9.1 Deslocamentos

As relações que as(os) migrantes mantêm com pessoas nos locais de destino são relevantes, uma vez que com frequência elas estão vinculadas aos convites para viajar ou essas pessoas são utilizadas como recurso para chegar, hospedar-se e inserir-se no mercado de trabalho no exterior. A maioria absoluta dos homens afirmou ter parentes nos locais aos quais se dirigiram: irmãos(ãs), primos(as), tios, ocasionalmente mãe, filhos e netos. Uma parte desses homens tinha amigos ou conhecidos, geralmente de sexo masculino. Em algumas ocasiões os amigos são da mesma cidade de origem ou residência no Brasil. Nos relatos são correntes às alusões a um grande número de pessoas da mesma cidade morando em uma determinada cidade ou região no exterior. A concentração de brasileiros de diversos estados aparece registrada em diferentes países da Europa. De acordo com um homem não admitido, de Mato Grosso do Sul, de 28 anos, que se considera preto, há 14 pessoas da sua mesma cidade morando na Bélgica⁴⁷. Segundo os registros nos diários de campo, concentrações análogas se reiteram em cidades e regiões de Portugal e da Itália:

Ele também comentou que na região onde morava na Itália, perto de Verona, há cerca de 5 mil pessoas de uma mesma cidade do interior do Paraná, [o detalhe é que a região da Itália tem cerca de 90 mil habitantes]; [essa cidade do Paraná] tem uma parcela significativa da população.

Diário de campo de Natália, 2/11/2006

Entre os “conhecidos” aparecem, ocasionalmente, estrangeiros, intermediando viagens de homens e mulheres, algum português, considerado “atravessador”, alguma peruana. Nos relatos, esses estrangeiros aparecem com ares de recrutadores de trabalhadores migrantes. Contudo, os depoimentos não possibilitam confirmar esse ponto. No relato de uma mulher de 44 anos, originária do Paraná, que se considera morena, cozinheira no Brasil, não admitida em Itália, cujo destino final era Espanha:

⁴⁷ Entrevista 3/2/, realizada em 3/11/2006.

Sua inadmissão aconteceu por dois motivos: não tinha dinheiro suficiente (330 euros) e a pessoa que deu a carta convite para ela “tinha problemas”, segundo a Polícia Italiana. Ela não soube, ou não quis, dizer qual era esse problema da tal amiga e a polícia também não explicou.

Conheceu essa amiga há cerca de um ano e meio [no interior do Paraná] mesmo. A amiga é peruana e mora na Espanha há vinte anos, veio fazer turismo [nessa cidade] e a conheceu no shopping, onde ia comer todos os dias ao longo do tempo em que ficou na cidade (cerca de um mês). “Eu falo muito, sabe, então puxo conversa com as pessoas, foi assim que conheci ela”. A amiga a convidou para ir para a Espanha (ela, inclusive, ia ficar na casa dessa mulher). Como ela já pensava em ir para o exterior, resolveu aceitar o convite. Essa mulher trabalha, segundo a [entrevistada] em uma fábrica de enlatados.⁴⁸

As mulheres aludiram a relações de parentesco análogas às mencionadas pelos homens. Entre elas, porém, os vínculos com pessoas já residentes no exterior, regular ou irregularmente, se dividem equitativamente entre parentes, amigas e namorados, esses últimos geralmente estrangeiros. Em alguns casos, algum “namorado” recente que arcou com a passagem de mais de uma entrevistada, ou alguma amiga que cobrou valores extorsivos pela passagem enviada também parecem sugerir indícios de viagens vinculadas a algum tipo de exploração. Contudo, o material colhido nos depoimentos não possibilita ir além da suspeita.

De acordo com homens e mulheres entrevistadas, em algumas ocasiões, parentes, amigos, conhecidos e namorados convidaram para viajar, financiando a viagem, emprestando parte ou a totalidade do dinheiro necessário, oferecendo hospedagem e/ou emprego no exterior. Em outras, são os(as) potenciais migrantes os(as) que procuram essas relações para viabilizar a viagem ao exterior. As transgêneros que viajaram com a intenção de permanecer no exterior afirmaram ter comprado as passagens com recursos próprios ou crédito bancário, procurando elas mesmas amigas ou conhecidos que as recebessem no exterior.

Várias das pessoas não admitidas que pretendiam permanecer no exterior viajaram com promessa de emprego e parte delas contraiu dívidas. Alguns dos empregos prometidos, em restaurantes e lanchonetes, não apontam para nítidas distinções de gênero. Na maioria dos casos, porém, essas distinções são evidentes, os homens partem com convites ou contatos para trabalhar na construção, em indústrias (metalúrgica, siderúrgica), na agricultura (colheitas), em haras. As mulheres para cuidarem de idosos ou de crianças, como empregadas domésticas, faxineiras e para desempenhar atividades na indústria do sexo.

Segundo as(os) entrevistadas(os), há pessoas que não contraíram dívidas para viajar. Trata-se de pessoas que venderam ou “trocaram” bens para viajar e, também, de alguns jovens financiados por parentes próximos, basicamente os pais, e de mulheres que viajaram convidadas e, de acordo com elas, financiadas por namorados. Um homem

⁴⁸ Entrevista 4/6, realizada em 15/11/2006.

deportado dos EUA, originário de Minas Gerais, de 24 anos, que se considera pardo, oferece um exemplo dos “intercâmbios” realizados para pagar as viagens:

A minha passagem de ida foi uma espécie de contrato com um coiote. Eu tinha dois carros. Um Gol com aparelhagem de som avaliada, aproximadamente, em R\$ 5 mil. Esse Gol, no valor aproximado de R\$ 12 mil, e um Citroen Xsara que estava, aproximadamente, no valor de R\$ 20 mil. Totalizando, na época, com o dólar a 3 por 1, dava R\$ 32, R\$ 33 mil ou US\$ 11mil, por aí. Nessa faixa⁴⁹.

Algumas pessoas entrevistadas obtiveram créditos bancários para financiar a viagem, mas, na maior parte dos casos, contraíram dívidas com parentes, amigos e conhecidos e, ocasionalmente, com a empresa na qual trabalhavam no Brasil. Os valores são diversificados, oscilando entre R\$ 7.000,00 nas viagens à Europa e U\$ 14.000,00 para ingressar irregularmente nos Estados Unidos, país ao qual o acesso é mais difícil. Nas viagens à Europa, freqüentemente, a pessoa que acertou o emprego no exterior, parente, amiga ou conhecida, é também a mesma com a qual se contraiu dívida. O relato de um entrevistado de Mato Grosso do Sul ilustra essa situação, que é recorrente nos depoimentos, mostrando também as redes familiares e locais acionadas nesses deslocamentos.

Entrevistado: *Antes de começar a faculdade eu trabalhava como calheiro... Fui pôr calha na casa de um amigo meu... Ele veio pra Bélgica, ficou 5 anos, ficou muito bem. Ele me deu a maior força, arrumou dinheiro, fez os contatos tudinho. Incentivou a ir e eu vim com essa proposta de emprego... Ele me emprestou dinheiro. Fez as ligações... Tudo o que uma pessoa poderia fazer pela outra eu posso falar que ele fez por mim... Esse dinheiro eu ia pagar pra ele depois de 6 meses, sem juros, sem nada... Caso alguma coisa desse errado eu venderia a minha moto pra pagar ele... Agora estou voltando pro Brasil, vou chegar lá, vou vender a minha moto pra pagar ele. Um compromisso que eu fiz com ele... O emprego já está arrumado. Vou entrar no lugar de um cara [da minha cidade] ... num haras lá.... Eu já estava indo agora pra mim aprender até o dia 28 e começar a ganhando 1.000 euros a partir do momento que eu pisasse o pé lá.*

Pesquisador: *Essa pessoa que está voltando agora foi junto com esse seu outro amigo que emprestou o dinheiro?*

Entrevistado: *Não. Ele foi 3 anos depois, com a força do irmão desse que me emprestou o dinheiro.*

Esse que me emprestou dinheiro... os dois irmão dele estão lá⁵⁰.

As pessoas que viajaram para Europa, reiteradamente, quase como repetindo uma cartilha, afirmam que contraíram dívidas para financiar a viagem, mas que as pagariam, sem juros, uma vez no exterior, com seu trabalho. Neste procedimento, elas eliminam a idéia de exploração do trabalho em função das dívidas. De acordo com um entrevistado de Goiás, de 30 anos, que se considera moreno:

⁴⁹ Entrevista 1/2, realizada em 26/10/2006.

⁵⁰ Entrevista 3/2, realizada em 3/11/2006.

Pesquisador: *Você já tinha viajado anteriormente para fora do país?*

Entrevistado: *Não, nunca. A primeira vez.*

P: *Como você teve a idéia de viajar? Partiu de você ou foi um convite?*

E: *Foi um convite de um amigo.*

P: *Qual seria esse amigo?*

E: *O rapaz que tentou atravessar a gente. É de Portugal.*

P: *Mas esse convite veio porque vocês conheceram esse português em Goiânia?*

E: *Nos conhecemos no RJ...*

P: *Ao chegar lá vocês conheceram esse português aonde?*

E: *A gente conheceu ... bebendo.*

P: *Você já estava procurando uma pessoa pra dar as dicas ou não?*

E: *Não. Nem passava pela minha cabeça. Nem pensava sair do Brasil nunca.*

P: *Você conheceu ele num bar e ele falou.*

E: *Foi.*

P: *No caso, como que você comprou a passagem? Foi por conta própria ou você pegou dinheiro emprestado?*

E: *Peguei dinheiro emprestado.*

P: *Com esse português?*

E: *Foi.*

P: *Como é que se daria esse processo do pagamento?*

E: *Normal. Sem juros, sem nada⁵¹.*

Contudo, há exceções. Uma pessoa afirmou que o pagamento envolveria juros análogos aos pagos pela caderneta de poupança. Alguma mulher aludiu abertamente a juros de aproximadamente 100% em viagens financiadas por amigas, mas insistiu em ter trabalhado como garçonzete e não na indústria do sexo. No relato de um homem não admitido em Portugal, de 42 anos, que se considera moreno, originário de Goiás:

Pesquisador: *O senhor contraiu alguma dívida com essa [viagem]?*

Entrevistado: *Hoje sim. agora nesse momento sim ... Com pessoas daqui... São pessoas conhecidas, mas não são familiares. Conhecidos há mais de 8 anos. Que me ajudaram, me emprestaram algum dinheiro e quando chegasse lá eu os pagava....*

Pesquisador: *No caso dessa dívida que o senhor adquiriu com essas pessoas tem algum juros? Qual é o processo de pagamento?*

Entrevistado: *A princípio teria uns juros de poupança que é pra pessoa não perder a desvalorização do dinheiro dela⁵².*

⁵¹ Entrevista 3/5, realizada em 07/10/2006.

⁵² Entrevista 3/3, realizada em 04/11/2006.

De acordo com uma mulher de 29 anos, originária de Goiás, que se considera parda, não admitida na Suíça e com deportação prévia da Espanha:

Foi a minha amiga mesmo que me levou e me cobrou 3 mil euros. Que na época, há 4 anos atrás, quase R\$ 13 mil... O euro estava alto... [Ela]... é casada lá. Não trabalhava. Ela me emprestou o dinheiro... [Mais tarde]... eu levei a minha irmã. Fui eu que dei a passagem e não cobrei, viu (risos). Dela, não⁵³.

Nos deslocamentos irregulares para os EUA, as pessoas dificilmente compram as passagens, pois elas costumam comprar um “pacote” que envolve todo o deslocamento desde o local de origem até o ingresso nos EUA. No relato do entrevistado deportado de Minas Gerais desse país:

Pesquisador: Como você conheceu esse “coiote”? Ele é da sua cidade?

Entrevistado: Através de um amigo que me apresentou.

Pesquisador: [Seu amigo] tinha ido com ele?

Entrevistado: Foi com ele. Ele mora em Filadélfia e tem família em Valadares... É um brasileiro.

Pesquisador: Como que foi a viagem? Você comprou a passagem?

Entrevistado: Não. Tudo organizado por ele. Primeiramente, a família dele. A filha dele e um rapaz – supostamente, creio que seja um sobrinho – “foi” na minha casa, olhou os meus carros. Logo depois foi acertado. Ele aceitaria o pagamento com os meus carros. Ele mesmo comprou a passagem. Ele mesmo agendou tudo. Ele colocou na nossa mão, aproximadamente, US\$ 1.500 na mão de cada um. Que era pra gasto durante a viagem. Gasto entre aspas porque esse dinheiro seria para pagar a nossa entrada no México, propinas que são pagas.⁵⁴

De acordo com um jovem de 21 anos de Rondônia, não admitido na Europa, mas que já tinha sido deportado dos USA, na fase em que o México não solicitava visto:

Esse que morava na minha cidade era só intermediário. Ele não era nada.... Ele que arrumava o pessoal pra ir levar, mas ele não podia exigir isso.... O mais forte era aqui em SP. Lá o cara era só o que fechava os grupos e mandava, entendeu... O cara é conhecido na cidade. Acho que levou metade do pessoal da minha cidade que mora nos Estados Unidos hoje foi ele que levou... Quando não dava certo ele não cobrava... Pagava o retorno da gente até a cidade... [Aqui em São Paulo]... A gente não vê nada. Só uma mulher que recebia a gente na rodoviária, hospedava... [no] Terminal Tietê... do lado do terminal. Agora eu esqueci o nome do hotel... A gente ficou 3 dias no hotel. Tudo é pago por eles. Tudo. Comida, estadia toda. Aí, eles compram a passagem pra gente e a gente vai e embarca⁵⁵.

⁵³ Entrevista 1/6, realizada em 01/11/2006.

⁵⁴ Entrevista 1/2, realizada em 26/10/2006.

⁵⁵ Entrevista 2/10, realizada em 10/11/2006.

Aliás, entre várias pessoas não admitidas, para além da frustração e dos sentimentos vinculados às humilhações sofridas, um dos aspectos que as desesperam é o fato de terem vendido tudo o que tinham para viajar e agora, no Brasil, como conseguir o dinheiro necessário para saldar essas dívidas. Essas eram as preocupações de algumas entrevistadas. No relato de uma mulher de 44 anos do Paraná, considerada negra pela pesquisadora, não admitida na Itália, mas cujo destino final era Espanha:

Disse que comprou a passagem com essa rota porque era mais barato, e pagou a passagem à vista na Costa Sul, agência de viagens. Aqui no Brasil, ela trabalha como cozinheira em uma lanchonete de um shopping, mora no Paraná. Disse que ganha cerca de 800 reais. Ela tem uma filha, já casada. Falou que resolveu ir para a Europa porque precisa construir uma casa aqui, daí quis tentar trabalho lá. Já tinha essa idéia há cerca de dois anos, mas foi de uns 7, 8 meses pra cá que ela decidiu de fato ir para a Espanha - para juntar dinheiro, ela vendeu tudo o que tinha: móveis, utensílios. Enquanto me contava, falava pra si mesma, "não sei onde eu estava com a cabeça quando fiz isso"⁵⁶.

A entrevista de uma mulher de 28 anos, não admitida na Itália, ilustra o problema das dívidas contraídas, inclusive com familiares:

Estava revoltada. Ela é de Mato Grosso. Separada, tem dois filhos: um de nove anos, um de oito meses... as crianças moram em um sítio com sua mãe, na zona rural, para onde ela vai todo final de semana. No Brasil, é garçonete e ganha "salário mínimo". Foi inadmitida na Itália, mas pretendia ir para Barcelona, Espanha. Logo disse que não ia para passear, mas para trabalhar como doméstica na casa de uma pessoa indicada por um amigo dela. Disse que alguns amigos já moram na Espanha, e ela se interessou em ir... Para ir, ela pegou 7 mil reais emprestado com o avô. E no começo da nossa conversa, disse que quer tentar de novo, apesar da dívida de 7 mil já contraída⁵⁷.

Os estilos de viajar desses(as) migrantes são diversificados. Há pessoas que viajam sozinhas, mas muitas viajam acompanhadas: os homens por amigos e parentes, geralmente do mesmo sexo, as mulheres por alguma amiga, e há também casais de jovens namorados. Nos deslocamentos a Europa, as passagens são compradas diretamente em agências de viagem. Essas agências, aliás, ocupam um lugar relevante nos relatos. Um dos aspectos notáveis em relação à inadmissão está vinculado com viagens em grupo por elas organizadas. As agências de viagem aparecem constantemente nos relatos, particularmente dos entrevistados que partiram de Goiás (que aludem basicamente às mesmas agências), mas também são relevantes entre entrevistados de outros estados, como Mato Grosso do Sul e Rondônia. Em alguns casos, elas são escolhidas em razão de considerar que auxiliaram no ingresso de outras pessoas em algum país da Europa. Embora homens e mulheres se refiram a essas agências, neste universo de pesquisa elas aparecem com mais força nos relatos dos homens entrevistados. Nos termos do mesmo entrevistado:

⁵⁶ Entrevista 4/16, realizada em 15/11/2006.

⁵⁷ Entrevista 4/6, realizada em 5/11/2006.

Eu recebi todas as dicas dele [o amigo que o convidou e emprestou dinheiro] porque foi ele e a esposa dele... eles foram ficaram dois anos lá, vieram pro Brasil. Ficaram uns 10 dias e voltaram. Então, eles deram as dicas pros dois irmãos dele e os dois irmãos dele entrou lá. Já estão com três anos... Por isso ele me indicou certinho, me explicou como fazer. Qual agência ir certinho pra poder chegar nesse processo... O que me falaram que a agência... era o seguinte: que eu poderia... que eu teria que ter o endereço de alguém legalizado lá, e eu tinha. O cara já estava sabendo, tinha gente na rodoviária me esperando e sai daqui e tinha que ter uma quantia de dinheiro boa no bolso e eu tinha. Teria que ter o cartão Visa, eu tinha. Tudo que falaram que precisava eu tinha⁵⁸.

Em alguns casos, porém, a utilização das agências, com a possibilidade de integrar-se em um grupo que viaja para fazer turismo, aparece como uma estratégia individual para camuflar a intenção de permanecer no país de destino. Essa ambigüidade, que é perceptível nas entrevistas, foi também registrada nos diários dos pesquisadores.

No vôo vindo de Paris chegaram várias inadmitidas. Consegui depoimento de duas. Vieram de Goiânia, reiteravam que foram para a Europa passear. Estavam indignadas, foram viajar em um grupo de turistas de 20 pessoas, inclusive com uma guia turística, foram através de uma agência de turismo, e a guia não as ajudou em nenhum momento, foi a primeira a ir embora e não intercedeu junto à polícia francesa por elas... A segunda entrevistada... admitiu que se achasse um emprego por lá acabaria ficando, pois já tinha passado meses em Portugal trabalhando em um café. Ambas pareciam ser pessoas simples, roupas populares. Me chamou a atenção o fato de elas terem ido em um grupo organizado por uma agência de turismo.

Diário de campo de Táli, 01/11/2006

O tema das agências é importante, sobretudo considerando que, de acordo com os meios de comunicação, há agências de turismo especializadas em montar pacotes para os falsos turistas. De acordo com informações veiculadas na imprensa, esse pacote, que era vendido anteriormente a 1.100 euros para os bolivianos, está valendo atualmente 2.700 euros. E, em muitos casos, a agência não reserva o hotel prometido para eles, motivo pelo qual são rapidamente descobertos e “rechaçados”⁵⁹. O material relativo à pesquisa no aeroporto não permite afirmar a existência de exploração econômica na montagem nos pacotes turísticos dessas agências, contudo, a queixa de as reservas não terem sido feitas é muito freqüente entre os entrevistados. Trata-se de um ponto que requer ulteriores aprofundamentos.

Os depoimentos de algumas pessoas entrevistadas sobre seus deslocamentos para a Europa suscitam dúvidas em relação à eventual existência de dívidas a serem pagas com exploração do trabalho no local de destino; no entanto, não é possível ir além das dúvidas. Já nos relatos dos homens deportados dos EUA aparece com nitidez o tráfico de migrantes.

⁵⁸ Entrevista 3/2, realizada em 03/11/2006.

⁵⁹ Os latinos no “melting pot” espanhol. *Lê Monde*, 31/01/2007. In: <http://noticias.uol.com.br/midiaglobal/lemonde/2007>.

O conjunto do material sugere que, quanto mais rígidos os controles migratórios, com exigência de visto, mais provável é a presença de tráfico de migrantes (smuggling). Nesses relatos, fica clara a diferença entre os arranjos migratórios para os países da União Européia, que não requerem visto para os(as) cidadãos(ãs) brasileiros(as), e para os EUA. Os relatos sobre tráfico de migrantes, que adquirem características diferenciadas na fase anterior e posterior à exigência de visto para ingressar no México, e também em termos de gênero, aparecem principalmente nos deslocamentos para os Estados Unidos. Nos termos do entrevistado de 21 anos, de Rondônia:

*Para Europa não existe esse esquema. Para Europa vai quem quer*⁶⁰.

Os meios de comunicação chamam à atenção sobre as terríveis condições enfrentadas por migrantes que, com o objetivo de ingressar irregularmente nos EUA, atravessam o México, incluindo o risco de serem vítimas de seqüestros nesse país, pagando elevados resgates (de até U\$10.000) (Cevallos, 2007). Nas histórias narradas pelos entrevistados, os esquemas de tráfico de migrantes, duros, perigosos, envolvem seqüestro por grupos concorrentes de “coiotes” ao longo do percurso. No relato de um homem deportado dos EUA, de 24 anos, originário de Rondônia, que permaneceu dois anos e dois meses no exterior:

Eu cheguei na Cidade do México numa 4a feira, nós éramos em 4... a gente pegou um táxi e fomos pro hotel. Ficamos lá e no mesmo dia viajamos pra fronteira. Viajamos para a fronteira e ficamos 2 dias na fronteira, cruzamos o rio e fomos para uma casa. Era só nós 4 na casa. Com 2 dias chegou uns 10, 11 brasileiros...

Começaram a tirar o pessoal da casa. Tiraram nós 4 e esse menino nos levaram pra uma casa de família.

Ficamos de 3 a 4 dias nessa casa. Chegou um chicano... – filho de americano com mexicano. Chegou 2 chicanos e falou que ia levar a gente pra frente porque o difícil não é você atravessar a fronteira, o difícil é você chegar. Andar 3h, 4h horas indo pro meio do país. Que chamam de Check Point, eu não sei como é que chama aqui no Brasil. Check Point é como uma avenida, uma rua principal que todos os carros têm que ser checados.

Ele falou que ia atravessar e começo a ir. Eu tinha me informado, pra gente ir pro meio do país tinha que passar por uma cidade chamada Santo Antônio, no Texas.

Ele estava levando a gente e as placas só indicavam Macale. Macale é fronteira com o México.

Chegou no hotel ele entrou pra dentro e falei que lá não era Santo Antônio. E comecei a teimar com ele. Ele disse, “Você cala a boca que você não sabe de nada!”. Eu falei, esse negócio não está certo.

Quando foi à noite ele falou que ia querer US\$ 2.000 de cada um, isso aqui é um seqüestro, senão a gente não libera vocês.

Colocou nós dois pra dormir no carpete e um dormia e o outro ficava vigiando. Aí, o meu irmão no outro dia passou US\$ 2.000. A família do

⁶⁰ Entrevista 2/10, realizada em 10/11/2006.

outro menino não queria passar. O cara falou que eu tinha que passar mais US\$ 2.000 senão ele não ia liberar nem eu nem ele. Eu falei, não, esse negócio está errado.

No outro dia, amanheceu, e combinei com o menino o seguinte, “Vou falar que está com fome e você vai confirmar”. Um deles vai ter que sair pra buscar comida pra nós. E nós vai ter que dar um jeito.

Falei que ele estava com fome e conversaram os dois e um saiu. Quando um saiu, demorou uns 2, 3 minutos e o que estava com nós foi ao banheiro e o outro tinha deixado o cartão do hotel em cima da mesinha. Peguei o cartão e abri a porta. Voltei, fiquei esperando ele sair do banheiro pra mim pegar ele. De raiva que eu estava. E o menino, “vamos embora!”. Saímos e o menino querendo correr. Não precisa correr porque ele não vai fazer nada com a gente. Sem nenhum centavo no bolso...

Aí, fomos pro centro da cidade porque não tinha muito problema para pegar um telefone e ligar para o Brasil pra saber onde nós estava e mandar alguém pegar a gente...

No outro dia e o pessoal me pegou.. Ficamos mais um dia numa casa de uma mulher lá. Na outra semana, na terça-feira nós começamos a andar. Andamos terça à noite e de dia descansava, quarta à noite e de dia descansava... Fomos chegar no local no amanhecer de domingo.

Tinha duas mulheres junto com a gente do Pará. Você não via o coró fino dos pés delas, só via bolhas de sangue da caminhada...

As pessoas que me levaram... foi na minha cidade mesmo... [paguei] US\$ 9.000,00... com garantia de pôr lá dentro... Independente se você fosse pego na fronteira e voltasse ele apanhava a gente de novo⁶¹.

Nos relatos, a polícia mexicana é freqüentemente apresentada como corrupta, participando dos esquemas vinculados a esse tipo de tráfico:

Chegou o dia de atravessar. A gente foi pego por uma viatura da polícia mexicana. Foi quem levou a gente até a beirada do rio e onde a gente atravessou com bóia... a máfia que envolve isso aí é muito grande. Envolve coisas de milhões. Envolve o contato no Brasil, o atravessador no México e além disso tem as pessoas que transportam de outro lado, quando está nos Estados Unidos⁶².

De acordo com os depoimentos, há maneiras diferentes de pagar para ingressar nos EUA: antes de viajar ou após atravessar a fronteira dos EUA (nesse caso os familiares da pessoa que migra entregam o dinheiro apenas quando tem a confirmação de que a pessoa já ingressou no país de destino). Nos relatos das pessoas entrevistadas o tráfico de migrantes adquire matizes de gênero. Em uma mesma família os homens atravessaram a fronteira via México, enquanto a irmã, pagando mais caro, utilizou um esquema mais suave, “inteiramente aéreo”. De acordo com o registro de uma das pesquisadoras:

⁶¹ Entrevista 4/1, realizada em 26/10/2006.

⁶² Entrevista 1/2, realizada em 26/10/2006.

Ele entrou nos EUA via México. Disse que pegou dinheiro emprestado com o pai, e pagou 9 mil dólares para um coioite (que é a coisa mais fácil de se encontrar, segundo ele)... Ele disse que se animou em ir para os EUA porque alguns amigos e parentes estavam se dando bem no país. O seu irmão... já morava em Ohio há sete meses. A dívida com o pai foi paga ao longo de oito meses de trabalho nos Estados Unidos. A sua irmã também mora lá, faz faxina, foi depois dele. Ela também foi por intermédio de um coioite de Curitiba, mas com todo o trajeto feito por avião – pela bagatela de 14 mil dólares. Ele e o irmão a ajudaram, pagando a sua ida para lá.

Diário de campo de Natália, Quinta, 26/10/2006

A análise dos depoimentos sugere que a exigência de visto para ingressar no México teve como efeito a ampliação dos grupos criminosos organizados que traficam migrantes e de sua articulação transnacional, envolvendo agentes em um maior número de países. Relatos de não admitidos no México, registrados nos diários de campo, apontam para esse aspecto, aludindo aos esquemas utilizados na Guatemala:

Vieram no vôo de Bogotá. Eram... 7 homens e 3 mulheres... Quase todos eram inadmitidos do México. Os rapazes nos disseram que tentaram entrar pela fronteira com a Guatemala. Foram de avião até a Guatemala e tentaram entrar no México por terra. Outros dois homens mais velhos fizeram todo o caminho por terra, trem, ônibus e algumas vezes, nas regiões montanhosas tinham que ir a pé e escalar, se preciso. A maioria daquelas pessoas já estava há mais de um mês viajando... Os rapazes nos contaram que para viajar é necessária a ajuda de um coioite, que há vários deles, mas nem todos são bons, ou seja, garantem a viagem. Conseguem o contato desse coioite, ou por conhecerem alguém da cidade, região, ou algum amigo, parentes que já estavam no exterior (EUA) indicam. Em cada país que eles viajam, é um coioite que os guia, a maioria deles são mexicanos.

Diário de campo de Táli, 15/11/2006

Nas narrativas, o tráfico de migrantes ocasionalmente aparece também nos deslocamentos entre Brasil e Europa, protagonizado por pessoas que “atravessam” migrantes irregulares dentro da União Européia, que seguiram rotas indiretas para chegar ao local de destino:

Em um vôo de Milão chega uma transgênero deportada... Me contou que já tinha sido deportada antes e que desta vez foi à Suíça, Zurich, e de lá até Genebra. Então contratou um taxista brasileiro para passar a fronteira da Itália por terra. Não podia ser pega pois já estava proibida de entrar na Itália. Disse que pessoas como esse taxista são comuns. Brasileiros que são regulares na Itália e fazem a travessia por terra de pessoas irregulares como ela. Disse que eles ganham bem e vivem só disso. Ela teve sorte, não conferiram sua documentação na fronteira e entrou.

Diário de campo de Erêndira, 17/11/2006

No processo de deslocamento há também indícios de atos vinculados ao tráfico de migrantes em relação aos documentos utilizados por alguns poucos entrevistados

(a utilização de um passaporte de outra pessoa, documento falsificado para trabalhar) e inclusive na participação de um entrevistado, que obteve elevado lucro, na obtenção de documentos para auxiliar terceiros na permanência irregular em algum país do exterior.

Parentes, amigos(as) e conhecidos(as) são agentes fundamentais no acolhimento das pessoas que ingressaram no país de destino. Na maior parte das vezes os(as) recebem durante alguns dias ou semanas até os(as) migrantes encontrarem repúblicas, apartamentos ou alojamentos e/ou emprego. Apenas em pouquíssimos casos os parentes recém chegados, basicamente irmãos(ãs), permaneceram residindo com aqueles(as) que já estavam no país de destino.

No conjunto dos relatos não há sinais de coação, engano, fraude, abuso de situação de vulnerabilidade ou privação de liberdade no processo de “convites” ou procura de contatos para viajar, de deslocamento ou acolhimento, excetuando os casos de tráfico de migrantes em que as pessoas se viram em situação de seqüestro. Fora esses casos, a exploração econômica em razão de dívidas contraídas no deslocamento aparece com nitidez em um único caso, de uma mulher, mas não há elementos para afirmar que resultou em exploração sexual.

Nos relatos, as alusões a brasileiras e prostituição são freqüentes entre os homens que descrevem os meios nos quais moraram no exterior e entre mulheres que relatam terem sido contatadas ou convidadas com esse fim. De acordo com um homem deportado de Portugal:

A maior parte das mulheres, não quer dizer todas, essas meninas jovens estão indo para Espanha, para Portugal, para se prostituir⁶³.

Nos registros dos diários de campo, relativos a um deportado dos EUA:

Ele disse que conhecia também muitas mulheres que iam para se prostituir pois elas ganhavam em torno de 1500 a 2000 dólares por semana, mas segundo ele isso não dava futuro, porque uma hora elas envelhecem e ninguém mais vai querer saber delas.

Diário de campo de Tali, 15/10/2006

Segundo uma mulher deportada que afirma ter trabalhado como garçonne na Espanha:

Trabalhei em uma cafeteria... em Canárias, uma cafeteria normal. Recebi muitas propostas [de programas]... Eu necessitava muito desse dinheiro para cuidar de meus filhos e passei por isso, mas pensei duas vezes... Recebia muitas propostas, mas não cheguei a fazer⁶⁴.

Entre as 73 pessoas entrevistadas, porém, apenas duas mulheres e três transgêneros, cinco pessoas no total deportadas, afirmaram terem trabalhado na indústria do sexo. Os relatos dessas pessoas apontam para padrões migratórios análogos

⁶³ Entrevista 3/9, realizada em 16/11/2006.

⁶⁴ Entrevista 3/6, realizada em 07/10/2006.

aos dos (as) restantes entrevistados (as). Mulheres e transgêneros afirmam terem sido auxiliadas por amigas para ingressar no país de destino e ou acolhidas em suas casas e, por vezes, “ajudadas” para inserir-se na prostituição. Em alguma entrevista, nas entrelinhas parece haver sugestões da alusão a esquemas organizados neste tipo de viagens, quando as entrevistadas referem-se à maneira como as amigas chegaram a diferentes países europeus. Contudo, ao narrarem as próprias trajetórias elas insistem em dizer que viajaram por conta própria. A entrevista realizada com uma mulher de 34 anos, de Pernambuco, que se considera branca, deportada de Itália, onde ofereceu serviços sexuais na estrada dá uma idéia dessas alusões:

Pesquisador: *Como a senhora teve a idéia de viajar as duas vezes?*

Entrevistada: *Porque todas as amigas que foi se deram bem.*

P: *É! Como que elas foram? Foram por conta própria? Tiveram...*

E: *Ah, eu não posso falar, não. Aí pula.*

P: *E a senhora?*

E: *Eu fui por conta própria.*

P: *Elas não ajudaram em nada?*

E: *Emprestaram dinheiro.*

P: *la ficar na casa delas quando chegasse lá?*

E: *Quando eu cheguei fiquei na casa dessa minha amiga que emprestou dinheiro... Fiquei na casa dela e ela arrumou trabalho pra mim e fui trabalhar e paguei a mesma coisa do que ela me emprestou. Ela não me cobrou a mais.*

P: *Só o da viagem, só o da passagem?*

E: *Só foi o dinheiro do bilhete que ela me emprestou. Depois o dinheiro pra eu poder entrar no país.⁶⁵*

De acordo com uma transgênero, originária do Paraná, residente no Rio de Janeiro, de 40 anos, que se considera parda, deportada da Itália, onde trabalhou como profissional do sexo:

[Viajei] através de conhecimento das pessoas mais chegadas ao nosso meio. Sempre tem uma que está querendo ir Uma comentando com a outra, vai que é legal, é assim, é tranqüilo, não tem negócio de exploração, de cafetagem... Já tinha pessoas amigas lá. Já tinha tudo certo. Casa⁶⁶.

Algumas pessoas deportadas, acolheram ou convidaram outros(as) migrantes, sobretudo parentes, alguma irmã ou irmão, insistindo que a ajuda não envolveu pagamentos de juros pelas passagens enviadas. O caso mais extremo é de um transgênero de 30 anos, que passou 10 anos fora do Brasil, oferecendo serviços sexuais na rua até dois anos atrás (quando, segundo ela, um namorado italiano rico possibilitou que deixasse essa atividade) e afirma ela mesma ter contribuído para o ingresso de várias dezenas de pessoas. Trata-se de uma das pessoas que afirma ter construído um

⁶⁵ Entrevista 1/7, realizada em 3/11/2006.

⁶⁶ Entrevista 2/11, realizada em 11/11/2006.

certo patrimônio no exterior, comprando um salão de beleza e um supermercado em sua cidade natal, em Goiás. Contudo, o depoimento truncado não possibilita afirmar que os deslocamentos que ela propiciou estivessem vinculados a tráfico de pessoas.

Daí ela comentou que toda essa dificuldade [nos aeroportos] começou por causa das prostitutas brasileiras e do tráfico, que está sendo motivo de preocupação para o governo dos países. E lá falou sobre as prostitutas brasileiras como que as culpando pela implementação de sistemas cada vez mais rígidos nos aeroportos europeus, mas disse depois que ajudou muita gente a ir trabalhar lá: “eu mesma já ajudei umas 50 pessoas a entrar”⁶⁷.

9.2 Trabalho

Os(as) migrantes que ingressaram em países no exterior desempenharam diversas atividades distantes da noção de trabalho digno, no sentido de ter um rendimento justo, em um ambiente seguro, obtendo proteção social para si e seus familiares (OIT, 2006). Ao contrário, nos relatos, esses trabalhos aparecem frequentemente marcados pela exploração. Os tipos de exploração são diversificados, envolvendo, em certas ocasiões, pagamentos mais baixos que os oferecidos a pessoas em situação regular. Outras vezes, a exploração combina os baixos valores pagos com a exigência de jornadas extenuantes. Em alguns casos a exploração é extrema, combinando esses dois aspectos com condições de trabalho inseguras e diretamente nocivas para a saúde, em situações em que os migrantes, vulneráveis em razão de sua situação irregular no exterior, são pressionados a trabalhar em condições inadequadas. Todavia não se trata de trabalho forçado, no sentido que a Organização Internacional do Trabalho (OIT) concede a essa expressão, isto é, como trabalho ou serviço exigido de uma pessoa sob a ameaça de sanção e para o qual não se tenha oferecido espontaneamente⁶⁸. Os relatos das pessoas que integraram o universo de pesquisa tampouco remetem a situações análogas à escravidão, entendida como falta de liberdade. Vale lembrar que, segundo a OIT, formas comuns de cercar essa liberdade são a retenção de documentos, dificuldade de acesso ao local e presença de guardas armados, aspectos que não aparecem em nenhum dos relatos⁶⁹.

Os(as) migrantes que trabalharam no exterior não foram enganados em relação às funções que iriam desempenhar. Entre os homens, foram realizados trabalhos em restaurantes, na construção, em indústrias e na agricultura, adicionam-se outras atividades como o trabalho como estivador ou, no comércio, como vendedor. As mulheres se dedicaram a atividades de limpeza, em casas particulares, restaurantes, lanchonetes ou firmas. Elas também desempenharam serviços de cuidados, a idosos e crianças e trabalharam na indústria do sexo. Apenas ocasionalmente, alguma mulher trabalhou no comércio, como vendedora, ou repondo estoques em supermercado, na Europa, e nos EUA, na construção, realizando serviços mais “leves” que os masculinos.

⁶⁷ Entrevista 4/4, realizada em 16/11/2006.

⁶⁸ Convenção (29) sobre o trabalho forçado ou obrigatório. Organização Internacional do Trabalho, junho de 1930 (entrou em vigor em maio de 1932).

⁶⁹ Organização Internacional do Trabalho: Erradicação do Trabalho Forçado, s/d.

Em termos gerais, os trabalhos se caracterizam por alta rotatividade, por desempenhar diversas atividades dentro de um setor ou entre diferentes setores, inclusive simultaneamente. O intenso nível de procura de novas oportunidades, no marco das reduzidas possibilidades abertas a migrantes irregulares, é evidente nos relatos de homens e mulheres. Os homens circulam entre diversas atividades no setor da construção, ou em restaurantes, ou se deslocam entre esses setores e outros.

Figura 38

Homens deportados e trabalho no exterior

HOMENS DEPORTADOS E TRABALHO	
ATIVIDADE	QUANTIDADE
CONSTRUÇÃO	3
DELIVERY PIZZA E BANCO	1
ESTIVADOR E LAVA LOUÇA	1
GARÇON, BARMAN E LAVA LOUÇA	1
GARÇON, BARMAN E PEDREIRO	1
MARCENARIA	1
PEDREIRO	2
PINTOR DE PAREDE	1
RESTAURANTE E DESPACHANTE	1
RESTAURANTE E ENTREGADOR	1
RESTAURANTE, FAXINA E PINTOR DE PAREDE	1
S/INF	2
VENDA EM FEIRA LIVRE	1

FONTE: Elaborada pela equipe de pesquisadores.

As mulheres também desempenham diferentes atividades em uma única estadia no exterior, combinando às vezes várias atividades remuneradas em um único dia: como faxineira e manicure, manicure e prostituta; cuidador de crianças e serviços prestados em supermercados e em faxina.

Figura 39
Mulheres deportadas e trabalho no exterior

MULHERES DEPORTADAS E TRABALHO NO EXTERIOR	
FAXINA E BABÁ	1
FAXINA, BABÁ E GARÇONETE	1
FAXINA E CONSTRUÇÃO	1
FAXINA	1
LANCHONETE	1
SERV DOMÉSTICO	1
CUIDADO IDOSO	1
PROSTITUIÇÃO, FAXINA E MANICURE	1
FAXINA, GARÇONETE E VENDEDORA	1
GARÇONETE	1
PROSTITUIÇÃO	1

FONTE: Elaborada pela equipe de pesquisadores.

Já as transgêneros desempenharam atividades exclusivamente na indústria do sexo.

Figura 40
Transgêneros deportadas e trabalho no exterior

Transgêneros deportadas e trabalho no exterior	
Indústria do sexo	3

FONTE: Elaborada pela equipe de pesquisadores.

Os relatos das pessoas entrevistadas dão idéia dessas circulações. De acordo com uma mulher de 34 anos, de Pernambuco, deportada da Itália, onde morou quatro anos:

Primeira coisa quando cheguei eu trabalhava na estrada, fazia programa. Depois eu fui conhecendo pessoas e fui falando que queria arrumar um trabalho. Aí, eu conheci muitos italianos... eles que me arrumavam as coisas pra eu fazer, está entendendo?... Fazia unha de brasileiras e até de italianas. Trabalhei fazendo também limpeza em casa, por hora. Eles pagam [por] hora, lá⁷⁰.

Segundo uma entrevistada de Pernambuco (20 anos), que se considera branca, deportada de Itália, onde permaneceu cinco meses:

⁷⁰ Entrevista 1/7, realizada em 03/11/2006.

Eu acordava e se tivesse um trabalho, uma faxina pra fazer eu ia fazer. Nada [era] certo. [Isso] ... eu sabia que só poderia arrumar depois que eu tivesse documento. Eu tive sorte na Itália porque ... eu trabalhava todo dia. Ralava pra caramba... Cuidando de criança; como garçoneiro em restaurante, bar; pondo estoques em supermercado. O que aparecia pra mim eu fazia⁷¹.

No relato de um homem de Minas Gerais (40 anos), que se considera pardo, deportado dos EUA, onde passou quatro anos e quatro meses:

Depois de chegar lá o primeiro serviço que eu arrumei foi trabalhar num restaurante... Lava prato, limpa banheiro, fazia de tudo... Agora, antes de eu ser deportado eu trabalhava na pintura... Melhor! Ganha mais... Limpeza de mercado, (...) e construção também⁷².

No que se refere à indústria do sexo, as características intrínsecas a ela (a intensidade dos controles Policiais sobre locais que operam na ilegalidade ou que recrutam migrantes irregulares e a demanda de clientes que requerem diversidade) incidem em que as atividades nela desempenhada estejam marcadas pelos deslocamentos entre locais e espaços, envolvendo também deslocamentos geográficos (Agustín, 2005; Piscitelli, 2007). Ambos aspectos são claramente delineados no relato de uma transgênero, de 40 anos, deportada da Itália (era sua terceira deportação):

Na Suíça eu trabalhava num cabaré... Um mês. Porque lá é contrato. Você fica um mês... No outro mês já tem outra pessoa pra ocupar o seu lugar... Porque tem o controle da polícia. A polícia da Suíça é muito rígida. Mais rígida do que da Itália. E a polícia sabe que você está ali. No momento que você entrou ali, já entende que ela vai te pegar... [E também] Pra... Como se diz assim... para o pessoal não ficar batido no lugar. Pra não ficar visada. Pros clientes não se cansar, entendeu? Então, tem que sempre se revezar. Caras novas, pessoas novas⁷³.

No universo desta pesquisa, porém, o deslocamento geográfico aparece como um aspecto que permeia o trabalho migrante em qualquer setor. A procura de novas oportunidades estimula as pessoas que estão na Europa a circular de um a outro país: de Portugal à Espanha, de Espanha à Bélgica, ao Reino Unido, recorrendo, às vezes, a utilização de documentos falsificados para obterem melhores empregos. As tabelas recentes de salários mínimos por quarenta horas semanais para países europeus mostram a elevada diferença entre países: 403 euros mensais em Portugal, em janeiro de 2007; 570 na Espanha; 1234 na Bélgica, em junho de 2005; 1380 na Grã Bretanha, em janeiro de 2007; 1438, na Irlanda no mesmo período⁷⁴. As pessoas entrevistadas demonstraram uma clara percepção do valor superior dos salários pagos em certos países. No relato de uma mulher de Goiás, deportada, de 22 anos, que se considera parda, passou quatro anos e quatro meses no exterior e trabalhou em Portugal, Espanha e Bélgica:

⁷¹ Entrevista 1/10, realizada em 01/10/2006.

⁷² Entrevista 2/1, realizada em 25/10/2006.

⁷³ Entrevista 2/11, realizada em 12/11/2006.

⁷⁴ Federation of European Employerse review of minimum wage rates. In: www.fedee.com/minwage.html.

[Passei 9 meses em Portugal] Lá emprego nunca faltou. Fui chegando e com 5 dias eu já comecei a trabalhar e desde o último dia que fiquei nunca fiquei sem trabalho... Durante 4 meses eu trabalhei no shopping. Porque lá não tem restrição por ser imigrante. Depois eu trabalhei num restaurante até eu sair de lá... [Fui primeiro] vendedora... [depois].. Garçonete... No primeiro [serviço] foi bom, foi 800 euros. E o segundo já foi os seus 600 euros... Portugal, em vista dos outros países, é bem menos e eu estava querendo mais... Eu entrei de férias do meu trabalho do restaurante e fui primeiro pra Madri, que é o país mais próximo de Portugal pra conhecer e ver se eu conseguia emprego melhor lá. Por sorte eu consegui... Por sinal eu fiquei lá só um dia e parti pra Bélgica... Era pra ser em pensão, num tipo hotel. Mas aí a mulher não queria uma funcionária, queria uma... escrava... Antes de sair de Portugal eu conheci um colega e como ele me disse que é evangélico eu me senti mais segura, porque eu também sou. Ele me chamou pra ir pra Bélgica porque ele ia. Eu da Espanha desesperada telefonei e aí, ele me chamou e eu fui chegando e me adaptei ao lugar e estou lá até hoje... Lá, limpeza. Em escritórios, em shoppings, casas... Agora, no último momento trabalhava 8h por dia... Rendimento, 1.500 euros⁷⁵.

Nos relatos, as remunerações são extremamente diversificadas. Os maiores valores recebidos estão vinculados a atividades ilegais, como o fornecimento de documentos que possibilitem a permanência de migrantes irregulares nos EUA, rendendo até U\$15.000,00 mensais⁷⁶ ou ao trabalho na indústria do sexo, recebendo até 300 euros diários em clubes, contando os valores pelos serviços sexuais prestados e comissões por bebidas ingeridas pelos clientes, e superando os 3.000 euros mensais quando o trabalho era realizado em apartamentos ou na rua⁷⁷.

Entre os homens, alguns entrevistados afirmam ter recebido de 35⁷⁸ a 50 euros por dia trabalhando na construção em Portugal⁷⁹. Nos EUA, também na construção, entre U\$ 7 ou U\$ 8 e até U\$ 15 por hora trabalhada, para os trabalhadores tidos como “mais ativos”⁸⁰. Contudo, tanto nos EUA como em países europeus, a construção é tida como incerta, deixando os trabalhadores por períodos de várias semanas sem serviços. Há também registros de valores que beiram ou são inferiores aos salários mínimos: 400 euros mensais como estivador, em Portugal⁸¹ e 800 libras mensais (aproximadamente 1.195 euros), como garçom na Inglaterra⁸². Há valores mais elevados, até 700 euros por semana, como “barista”, trabalhando em um bar-restaurante na Itália⁸³.

⁷⁵ Entrevista 3/12, realizada em 16/11/2006.

⁷⁶ Entrevista 1/1, realizada em 25/10/2006.

⁷⁷ Entrevista 2/13, realizada em 17/11/2006.

⁷⁸ Entrevista 3/9 realizada em 16/11/2006.

⁷⁹ Entrevista 3/11, realizada em 19/11/2006.

⁸⁰ Entrevista 1/2 realizada em 26/10/2006.

⁸¹ Entrevista 2/12, realizada em 13/11/2006.

⁸² Entrevista 1/11, realizada em 21/11/2006.

⁸³ Entrevista 5/17, realizada em 06/11/2006.

Entre as mulheres, em Portugal, há registros de salários em torno dos 600 euros mensais como garçoneiro e 800 euros mensais no comércio⁸⁴. Na Itália, 600 euros mensais, com casa e comida, cuidando de idosos⁸⁵. Nos relatos das mulheres predominam alusões a trabalhos concomitantes, pagos por hora. Em um mesmo dia elas podem fazer faxina em um par de casas, trabalhar como manicure ou como babá em outra casa e, até, ocasionalmente, combinar essas atividades com a realização de algum “programa”. Os serviços de limpeza renderam a elas entre oito e dez euros por hora tanto na Itália quanto na Bélgica. O caráter fragmentando das informações não possibilita traçar tendências em relação aos ganhos, nem comparar os valores recebidos por homens e mulheres. Contudo, entre as mulheres, as atividades múltiplas e pagas por hora em alguns países aparecem como oferecendo melhores rendimentos que trabalhos únicos (como garçoneiro, por exemplo), em outros, permitindo que algumas ganhem entre 1.500 e 2.000 euros mensais, como na Bélgica⁸⁶ e na Itália⁸⁷.

A exploração é um aspecto freqüente nos trabalhos desses migrantes irregulares no exterior e este ponto é claro para a maior parte das pessoas entrevistadas. Às vezes, mais de 50% dos rendimentos ficam nas mãos de intermediadores, um aspecto que aparece registrado nos diários de campo:

Curitibano, negro, 1,80m, jeans e camiseta rosa, jaqueta de couro, apreensivo (queria fumar e pegar as malas) vivia há quatro anos na Holanda, trabalhava colhendo tomates plantados em estufa em uma cidade pequena próxima a Amsterdã. Tem uma filha de dois meses com uma holandesa, trouxe documentação delas (companheira e filha) para entrar com pedido de visto e casamento. Disse que seu trabalho era intermediado por turcos, os donos das plantações pagam aos turcos 17 euros por hora para cada trabalhador e eles ficam com 10 euros, pagando 7 euros por hora aos colhedores. Disse que quando foi pego pela polícia tinha a receber cerca de 1800 euros.

Diário de campo de Eron, 21/11/2006

Freqüentemente, a exploração do trabalho no exterior é realizada por brasileiros, tanto nos EUA como na Europa. De acordo com um entrevistado de Minas Gerais, de 40 anos, que se considera pardo, que trabalhou nos EUA e em Portugal:

[Nos EUA] explorado todo imigrante lá é. Entendeu. A lei lá de trabalhar é 40 horas semanais. Mas se o imigrante for trabalhar 40 horas ele não consegue nada. Então, ele tem que trabalhar, no mínimo, 80. Tem as companhias que pagam 80 horas, te contratam pra trabalhar 80 horas e é 100... O próprio brasileiro que tem companhia lá e te pega... Ele faz o intermédio... Você vai de carro próprio ou a companhia que te contratou te leva e chega lá vai trabalhar 100 horas, só que eles vão te pagar 80... Têm várias [agências] de brasileiros, de hispanos...tanto nos EUA quanto

⁸⁴ Entrevista 1/2 realizada em 16/10/2006.

⁸⁵ Entrevista 3/10, realizada em 16/11/2006.

⁸⁶ Entrevista 3/8, realizada em 10/11/2006.

⁸⁷ Entrevista 1/7, realizada em 03/11/2006.

em Portugal [há exploração]. Foram os dois países em que estive. Estive em Portugal uns seis ou sete anos atrás⁸⁸.

Conversamos sobre a vida [do entrevistado] na Itália. Quando ele resolveu ir, pediu abrigo a um amigo dele que morava lá... Chegando lá, começou a trabalhar na construção civil para um patrão brasileiro, que já mora na Itália há anos e “tem muito dinheiro”... Disse que trabalhava 10, 11 horas por dia, cerca de 220/250 horas por mês!... Direitos trabalhistas? Nem! Ele ganhava por hora trabalhada...

Diário de campo de Natália, 2/11/2006

Em alguns casos as pessoas enfrentam, além da exploração econômica, condições de trabalho extremamente duras, que incluem algum tipo de coação, sem a mínima preocupação por medidas básicas de segurança no trabalho. Observe o relato de um homem que morou nos EUA, de onde foi deportado:

Pesquisador: *Você alguma vez foi pressionado a fazer algum trabalho, foi forçado...*

Entrevistado: *Quantas vezes... Vou citar um exemplo, só. Eu estava trabalhando para um brasileiro... Ele tem uma firma... em Ohio. Ele é o que nós consideramos como patrão carrasco.*

No meu primeiro dia de trabalho com ele tive um episódio desagradável. Até então eu nunca tinha trabalho com cimento. O cimento nos Estados Unidos é diferente do cimento aqui no Brasil. O cimento nos Estados Unidos tem uma química muito forte e, além disso, contém cálcio. Então ele é corrosivo.

Quando você vai trabalhar com esse cimento tem que usar uma bota de plástico como proteção pra não ter problema. Não me foi passado nada. Eu entrei de tênis no cimento. Trabalhei o dia todo. No final do dia quando eu tirei o tênis a pele do meu pé saiu agarrada na meia, ficou na carne viva.

No outro dia liguei pra ele e falei que infelizmente estava machucado e não ia dar pra trabalhar. Ele falou que não tinha problema. Só que no mesmo dia, às 4 horas da tarde, ele me ligou e falou, “Amanhã você vai vir?” com aquele tom irônico de tipo “Não sou eu que preciso de você”. “Se você vim vai ter o seu trabalho, se você não vir...” perde o seu trabalho.

Eu fui obrigado, eu tive com trabalhar com meu pé em sangue aonde eu enrolava uma faixa nele e colocava duas meias para poder ficar mais ou menos confortável. Que, aliás, não tem como ficar confortável com o pé ensanguentado. Trabalhei normal até o meu pé cicatrizar tudo ao ponto de eu chegar em casa todos os dias e tirar a meia branca toda vermelha de cima em baixo...

Você não tem opção. Quando você trabalha pra uma empresa americana, aí sim você tem opção. Quando você trabalha pra brasileiro, você não tem opção. Muitas vezes eu pisei em prego que atravessou o meu pé. E... você não tem opção, tem que continuar trabalhando. Você não pode parar. Se você pára é prejudicado. Eles não querem saber a sua situação. Se está

⁸⁸ Entrevista 2/1, realizada em 25/10/2006.

machucado, se te dói, se tem como continuar trabalhando ou não. Eles querem ver o trabalho pronto... Eu mesmo tive que cuidar e me virar da melhor forma possível. Já teve episódios de pessoas que desmaiaram no trabalho. Estavam super mal e... infelizmente não pode parar⁸⁹.

Os trabalhos realizados no exterior por várias pessoas entrevistadas adquirem conotações de exploração visíveis tanto nos EUA como na Europa, sobretudo, ao estabelecerem relações entre o valor mensal recebido e o número de horas trabalhadas, particularmente entre os homens. Alguns entrevistados afirmam ter trabalhado entre 12 e 16 horas diárias, praticamente sem descanso, às vezes com apenas meia hora para alimentar-se, e com pouquíssimas folgas durante a semana. De acordo com um entrevistado de 24 anos, de Minas Gerais, que se considera pardo, deportado de EUA:

Tinha muitas histórias de, "Ah! você pode trabalhar em dois trabalhos a ganhar, aproximadamente US\$ 2.000 por semana"... Só que quando eu cheguei lá a história é totalmente diferente. Você trabalha a hora, você vende hora... em qualquer ramo... Então, você acorda cedo e vai pro trabalho. A partir do momento que você começa a trabalhar... a sua hora está contando. Você parou pra comer, parou a sua hora. Você voltou a trabalhar está contando a sua hora até o final do dia. Costumava trabalhar 16 horas por dia ou até mais... Eu tive quatro trabalhos. Trabalhei como carpinteiro, na construção de casas. Trabalhei com concreto fazendo ... saída de garagem, essa calçada, fazendo a base da casa... trabalhei com limpeza de loja, também, em grandes supermercados. Trabalhei numa indústria siderúrgica, onde eu trabalhava como soldador, maçariqueiro e corte com eletrodo⁹⁰.

No relato de outro deportado dos EUA, um homem de 40 anos, de Minas Gerais, que se considera pardo:

Depois de chegar lá o primeiro serviço que eu arrumei foi trabalhar num restaurante. Eu fazia 104 horas por semana. Uma carga horária muito grande, então... Então, muito serviço. Lava prato, limpa banheiro, fazia de tudo⁹¹.

O preconceito em relação ao imigrante e, em alguns casos, de maneira mais específica, em relação a brasileiros(as) é mencionado em depoimentos como elemento que incide nas duras condições às quais são submetidos. No relato do homem deportado dos EUA que já tinha residido em Portugal:

Pesquisador: *Como era o tratamento dos patrões com vocês? Era diferente do tratamento com os americanos?*

Entrevistado: *Olha, é um pouco diferente. Eles têm muito preconceito com o imigrante. Eles não fazem muita coisa para ajudar o imigrante... Não sendo isso, seria melhor⁹².*

⁸⁹ Entrevista 1/2 realizada em 16/10/2006.

⁹⁰ Entrevista 1/2 realizada em 16/10/2006.

⁹¹ Entrevista 2/1, realizada em 25/10/2006.

⁹² Entrevista 2/1, realizada em 25/10/2006.

No relato de um homem deportado de Portugal, que se considera negro e residiu oito meses em Portugal:

A relação com os patrões era um pouco complicada porque o... chefe de cozinha, que era o meu chefe, não gostava de brasileiros... Ele falava que não gostava de brasileiros nem de pretos. Declaradamente... fiquei constrangido por causa disso, por ser brasileiro, por ser negro⁹³.

As longas jornadas têm lugar mesmo entre aqueles que afirmaram trabalhar para integrantes de suas próprias famílias. Contudo, ao trabalhar com a própria família, os rendimentos podem ser significativamente mais elevados. De acordo com um homem de 42 anos, que se considera moreno, de Goiás:

Trabalhava [na Espanha] em atividade de cozinheiro e camareiro... Eu trabalhava junto com minha mãe. Minha mãe tem uma empresa lá... Eu trabalhava em média 12 horas todos os dias... Recebia em torno de 2.000 euros [mensais]⁹⁴.

Nos relatos das mulheres, as jornadas também podem chegar até 12 horas. Entretanto, enquanto as narrativas masculinas estão marcadas pela queixa sobre as condições de trabalho e da vida fora do Brasil, nos depoimentos femininos o destaque tende a ser concedido para as melhores condições no exterior. No relato de uma deportada da Itália que foi manicure e cabeleireira no Brasil e desempenhava várias atividades remuneradas no exterior, inclusive realizando “programas”:

Sábado e domingo... eu não trabalhava. Sempre saía. Não é que eu me matava de trabalhar. Aqui [no Brasil] sim eu me matava de trabalhar. Porque você com dois filhos... Se o pai dos meus filhos ajudasse. Ele não ajuda em nada⁹⁵.

De acordo com uma entrevistada deportada da Bélgica, que era estudante no Brasil:

Meu namorado estava lá... é brasileiro. Já estava trabalhando, com obras. Ele falou que para mulher o serviço era bom, era fácil, era casas de madame. A partir do momento que eu cheguei lá, já comecei a trabalhar como doméstica mesmo. Eu ganhava 8 euros a hora... Tinha dia que eu fazia 6, 10, 12 horas. Não tinha fixo, não. Não. [Eu acho o trabalho] leve. Eu não acho o serviço de lá pesado. Em comparação com o daqui é menos... [Meus empregadores eram] belgas. Bastante educados. Pelo menos com os quais eu trabalhei são muito educados, tratam a gente muito bem... Eles adoram brasileiro⁹⁶.

No relato de uma mulher deportada da Itália que era auxiliar de enfermagem no Brasil:

⁹³ Entrevista 2/12, realizada em 13/11/2006.

⁹⁴ Entrevista 3/3/ realizada em 04/11/2006.

⁹⁵ Entrevista 1/7, realizada em 3/11/2006.

⁹⁶ Entrevista 3/8, realizada em 10/11/2006.

Pesquisador: *Quantas horas a senhora se dedicava ao trabalho?*

Entrevistada: *Eu morava lá na casa. Casa e comida. Cozinhava, passava, fazia... lavava. Eu tomava conta da casa.*

P: *Tinha momento de lazer?*

E: *Sim, sim. Depois do almoço eu podia sair, ir à praia. À tarde eu fazia janta. Se eu quisesse sair à noite podia sair. Fim de semana inclusive. Mas de vez em quando. Não é que eu saia sempre.*

P: *Aproximadamente quanto a senhora ganhava lá?*

E: *600 euros.*

P: *Nesses momentos de lazer a senhora conheceu outros brasileiros?*

E: *Conheci poucos, mas conheci. Todos, muitos trabalhavam como eu, clandestinos. Porque de pessoa clandestina é o que mais tem. Trabalhando "em negro"...*

P: *Eles também trabalhavam cuidando de idosos ou desenvolviam outras atividades?*

E: *Eu conheci um rapaz que trabalhava na construção civil. Conheci uma que também cuidava de velhos. Serviço assim, né. A gente vai pra fazer isso.*

P: *A senhora considerava o trabalho pesado?*

E: *Não. Um trabalho que eu gosto. Eu gosto de cuidar de velhos. Eu gosto de cozinhar. Eu tenho um carinho especial com pessoas velhas. Um trabalho que eu gosto⁹⁷.*

A discrepância entre percepções de homens e de mulheres pode estar vinculada ao tipo de serviço realizado. Vários dos entrevistados desempenharam trabalhos diferentes dos realizados no Brasil, serviços tidos como “pesados”, particularmente na construção. Já a maioria das mulheres ocupou-se em tarefas que, análogas às realizadas no Brasil – como trabalho assalariado ou no âmbito doméstico, consideradas femininas – não são consideradas “pesadas” (limpeza, cuidado de idosos). Além disso, homens que migraram sós são obrigados a ocupar-se de tarefas domésticas que dificilmente fariam no Brasil.

No relato de um homem deportado da Inglaterra, que no Brasil trabalhava em um escritório de contabilidade:

A rotina era meio puxada. Construção é um serviço pesado. Dez, onze horas por dia. Morava eu e meu irmão. Tinha que chegar em casa, fazer comida, entendeu. Daí era meio puxada... a rotina⁹⁸.

Alguns chegam até a “importar” uma mulher da família para ocupar-se dos serviços domésticos. No registro dos diários de campo sobre um homem deportado dos EUA:

A sua irmã também mora lá, faz faxina, foi depois dele... Ele e o irmão a ajudaram, pagando a sua ida para lá. Ele comentou que a irmã não ajudava

⁹⁷ Entrevista 3/10, realizada em 16/11/2006.

⁹⁸ Entrevista 4/5, realizada em 02/11/2006.

no sustento da casa (aluguel, compras), pois ela era responsável por toda a arrumação e organização...

Diário de campo de Natália, 26/10/2006

Ao contrário, as mulheres, quando migram sós, ficam liberadas do cuidado de outras pessoas da família.

Os relatos das pessoas que desempenharam atividades na indústria do sexo apresentam características singulares em dois sentidos. Eles estão marcados pela insistência das entrevistadas em que a inserção na prostituição esteve vinculada a escolhas livres de coação ou engano e que o trabalho esteve caracterizado pela inexistência de exploração, entendida como “cafetinagem”. Como na pesquisa realizada em Guarulhos em 2005, os relatos sobre a integração de brasileiras na indústria do sexo suscitam dúvidas. As afirmações das entrevistadas podem ser lidas como efeito da difusão do conhecimento sobre as condições que tornam esse tipo de deslocamento tráfico de pessoas. Nesse sentido, a insistência em afirmar que as viagens foram realizadas “por conta própria”, sem contrair dívidas, é uma maneira de distanciar-se dessas ações criminosas. Contudo, em alguns dos casos, os depoimentos também podem ser lidos como expressão da realidade, uma vez que há pessoas que viajam por conta própria para realizar este tipo de serviço. As duas mulheres que afirmaram ter trabalhado como prostitutas no exterior desempenhavam no Brasil ocupações como cabeleireira e vendedora. No relato de uma delas, de Pernambuco, deportada da Itália, onde morou quatro anos:

Quando eu cheguei fiquei na casa dessa minha amiga que emprestou dinheiro... Fiquei na casa dela e ela arrumou trabalho pra mim e fui trabalhar e paguei a mesma coisa do que ela me emprestou. Ela não me cobrou a mais. Só foi o dinheiro do bilhete que ela me emprestou. Depois o dinheiro pra eu poder entrar no país.. Quando eu cheguei com aquela curiosidade de conhecer a Itália, aí eu fui vendo travesti... as brasileiras chegavam a falar tudinho. Uma falou: “pode ir, trabalha perto de mim”. “Não precisa pagar alguma coisa?” Não se paga nada. Você trabalha. Ninguém é dono de nada aqui. Nunca paguei nada”... Eu conheci ela lá. É igual que aqui em São Paulo. Não tem as vias onde trabalham os travestis, as mulheres? É igual, a mesma coisa. É uma rodovia, como se fosse uma BR... Se fazia no carro e o dinheiro que eu pegava era só meu...”⁹⁹.

Um pensamento análogo no que se refere a não coação é perceptível no depoimento da outra mulher, do Mato Grosso, deportada da Espanha, onde permaneceu seis meses (era a segunda deportação), trabalhando em um clube. Neste último caso não há referências aos estilos de pagamento, nem à eventual retenção de percentuais no clube, que podem ter existido, embora na Espanha há clubes que não retêm percentuais dos serviços sexuais, mas cobram uma diária pelo alojamento e pela alimentação.

⁹⁹ Entrevista 1/7, realizada em 03/11/2006.

P: O que você fazia?

R: Trabalhava no clube.

P: Você fazia programa?

R: Sim.

P: Quando você fazia programa podia escolher os seus clientes?

R: Sim. Trabalha como a gente quer, do jeito [que quer], quando [quer].

P: Quero saber se ninguém reteve o seu passaporte? Ninguém te prendia em casa?

R: Nunca, porque a gente é que ia trabalhar. Nós mesmos por livre e espontânea vontade.

P: Quando você foi já tinha esse trabalho meio que articulado?

R: Eu já sabia que ia trabalhar [nisso]. Sim porque de outra coisa não é fácil arrumar lá, que eu já sei.

P: Entendi. Como é que você comprou a passagem dessa vez que você foi?

R: Fui na agência e comprei!

P: Mas ninguém te ajudou a comprar e tal?

R: Não!

P: Você tinha que consumir álcool junto com seus clientes ou alguma coisa assim?

R: Não. A gente faz o que quer, não é obrigado a fazer nada. Nunca.

P: Você ficou agora 6 meses lá.

R: Eu ia fazer 5 meses. [A primeira vez] fui pra lá nem tanto pra trabalhar. [Fui por causa do meu marido] Ele ficava no meu pé querendo me matar e arrumei pra ir pra lá não tanto como opção de trabalho ... Foi mais pra sair de perto dele... da segunda vez foi porque eu gostei de ficar lá e eu voltei ... porque a gente sabe que lá tem muitos clubes e basta chegar lá. É igual ao Brasil, ué! [Morava] nos clubes mesmo ou... em piso. De vez em quando vivia na casa de minhas amigas. Eu mesma nunca aluguei¹⁰⁰.

Os relatos das transgêneros também remetem a viagens realizadas por vontade própria e sem contrair dívidas. No relato de uma transgênero originária de Minas Gerais, deportada da Itália, onde passou quatro meses (era sua segunda deportação):

Nunca trabalhei para ninguém. Sempre trabalhei por conta própria mesmo, tanto é que eu financiei a minha passagem. Eu sei que tem esse fato de cafetinagem, de pessoas que vão para pagar outras pessoas, mas eu, graças a Deus! Sempre tive amigas. Eu tenho outra prima na minha família que é travesti também. Ela me ajudou muito... Ela já estava lá há mais de 5 anos. Ela está lá ainda. Ela tem documento. Ela é regular¹⁰¹.

¹⁰⁰ Entrevista 4/10, realizada em 11/11/2006.

¹⁰¹ Entrevista 2/13, realizada em 17/11/2006.

Como nos relatos das mulheres que trabalharam na indústria do sexo, as transgêneros insistem na sua liberdade de ação e na falta de coação em termos das atividades desempenhadas. Mas, elas também remetem a longas rotinas de trabalho, envolvendo até 16 horas/dia. Apesar de insistirem na ausência de exploração, os depoimentos permitem entrever, em alguns casos, a obtenção de lucros dos estabelecimentos nos quais trabalharam. Mas, em seus relatos, a idéia de exploração está vinculada a abuso, cafetinagem, compra de ponto (espaço para exercer a prostituição), e não aos percentuais retidos pelos estabelecimentos.

[No Brasil] você está no seu país, você está tranquilo, você trabalha para você... Na boate [na Suíça] ... eu tinha que dar a comissão para a casa no consumo da bebida. Só da bebida. Tinha que fazer o cliente gastar com a bebida. Depois do cliente gastar com a bebida, eu levava o cliente para o quarto e ganhava o meu. Não é tortura. Ninguém fica pressionando você para fazer nada. Você já vai certo naquilo... Nada de abuso, nada de exploração, de pagar ponto, nada disso... Têm casos, que já ouvi ¹⁰².

É importante sublinhar que neste universo de pesquisa, mesmo entre as transgêneros que afirmaram trabalhar mais horas, os relatos vinculados às atividades na indústria do sexo não aludem a condições de coação e dureza tão intensas como nos casos de grave exploração do trabalho relatado pelos homens que exerceram atividades em outros setores. A queixa mais recorrente entre as pessoas que ofereceram serviços na indústria do sexo é o stress ao qual estavam submetidas por causa da irregularidade.

No relato de uma transgênero:

[O maior sofrimento] é você ficar naquela tensão, porque você não está [regular] no país. Você não está com a permissão ali, né, com visto definitivo. Então você fica com o pé atrás¹⁰³.

O conjunto das entrevistas indica que algumas pessoas, apesar dos relatos desalentadores de parentes, amigos e conhecidos já residindo no exterior, idealizaram as situações nos países de destino e decidiram viajar. Outras, ao contrário, se sentiram iludidas pelos relatos de pessoas que chegam do exterior. As situações mais sérias, de engano, porém, se referem a pessoas às quais se prometeu regularizar sua situação no exterior. O relato da mulher que cuidava de um idoso na Itália ilustra este aspecto:

Viajei com o contato de uma pessoa, particular, que precisava de uma pessoa em casa para uma senhora, em Milão, com promessa de contrato de trabalho. Mas, depois chega e é tudo diferente... Mais para frente. Vou te conhecer melhor. Mais para frente e mais para frente. Com essa mulher fiquei um ano, porque não conhecia ninguém, não saía, então era difícil arrumar¹⁰⁴.

102 Entrevista 2/11, realizada em 12/11/2006.

103 Entrevista 2/11, realizada em 12/11/2006.

104 Entrevista 3/10, realizada em 16/11/2006.

E se o pagamento das dívidas aparece como fator de desespero para pessoas não admitidas, a obtenção de documento concedendo direito ao trabalho é assinalado como principal fator de desespero entre aqueles que ingressaram no país de destino, ante à plena consciência não só do risco de deportação, como da impossibilidade de obter emprego em igualdade de oportunidades. De acordo com uma mulher deportada:

Não é nada daquilo que eu imaginei. O dinheiro não é fácil. Até porque para você ganhar dinheiro precisa ter um documento. Ninguém lá te pega para trabalhar sem documento. Você está ilegal. Nunca vai conseguir um emprego se você não tem um documento. Então, você vai vivendo de coisinhas pequenas, entendeu? Coisinhas por dia. Você faz uma limpeza aqui, dá uma ajuda ali¹⁰⁵.

Nos relatos, a exploração é suportada tendo como parâmetro as condições nas quais as pessoas entrevistadas deixaram no Brasil. Ao mesmo tempo, os depoimentos mostram que as pessoas entrevistadas assumem que os migrantes irregulares devem trabalhar mais.

No relato de um homem deportado de Portugal:

Lá trabalha mais que aqui. O dobro. O serviço que um empreiteiro faz aqui em uma semana, lá se faz em 2 dias. Tem que ser rápido senão eles te dispensam na mesma hora... Infelizmente, eles exploram os brasileiros e os imigrantes tudo que vai para lá. Eles mesmos não trabalham. Trabalham das 8 ao meio dia. Meio dia, eles param para almoçar. Só voltam às 15 horas. Quatro e cinco, acabou o dia¹⁰⁶.

Nesse ponto, a exploração no trabalho é relativamente naturalizada e enfrentada construindo uma idéia sobre a intensa capacidade de trabalho dos brasileiros(as), delineada através do contraste com a relação que estrangeiros de uma outra nacionalidade têm como o trabalho, valorizada em uma hierarquia na qual os estrangeiros são inferiorizados.

Lá eles... como se diz assim, eles estão gostando muito de brasileiro. Por exemplo, belga lá trabalha 6 horas. Brasileiro chega a trabalhar 10, 12 horas por dia. Então o trabalho é muito dobrado... Eles são muito preguiçosos, eles não trabalham igual o brasileiro¹⁰⁷.

[Na Espanha] Trabalhar é diferente daqui. Trabalha mais do que aqui. Começar a trabalhar às 8h30, pára 2h pra almoçar, volta às 4h e pára às 7h30. Então, o que trabalha em média 8h, ... A gente trabalha mais. O ritmo deles não é igual ao nosso que é mais corrido. Eles trabalham assim morgadão. Não gostam muito de trabalhar não, para falar a verdade¹⁰⁸.

¹⁰⁵ Entrevista 1/10, realizada em 1/10/2006.

¹⁰⁶ Entrevista 3/9, realizada em 06/11/2006.

¹⁰⁷ Entrevista 3/2, realizada em 03/11/2006.

¹⁰⁸ Entrevista 5/14, realizada em 01/11/2006.

A valorização moral da condição de trabalhador que, salvo contadas exceções, as pessoas entrevistadas se auto-atribuem, em oposição a de marginal ou criminoso, provoca raiva e frustração em relação à maioria das deportações e também das não admissões ou rechaços. Nos termos de uma senhora de 55 anos, originária de Rio Grande do Sul, que se considera parda, não admitida nos EUA por ter excedido em uma viagem anterior o tempo de permanência nesse país:

Conheci pessoas que trabalhavam e saíam assim, como se fosse um criminoso [quando era pego]... Porque não podiam trabalhar e os americanos precisando da nossa mão-de-obra. Da mão-de-obra do Brasil porque os americanos não fazem o que os brasileiros fazem, “Baby sitter”, pessoas que fazem faxina... É aquilo. Tem que trabalhar, trabalhar e trabalhar. Pra ganhar US\$ 250 por semana. Inclusive as babás têm que morar na casa. Uma das exigências é essa. Folga uma vez por semana... não tem direito de reivindicar nada¹⁰⁹.

Esse é um dos pontos mais reiterados nos relatos de deportação. De acordo com um entrevistado de 37 anos, originário de Minas Gerais, deportado dos EUA:

Eu estava chegando do trabalho e me pegaram... [Me trataram] a mesma coisa que um marginal, um traficante, um ladrão, um assassino. Às vezes até pior um pouquinho¹¹⁰.

9.3 Cotidiano

Os relatos sobre o cotidiano das pessoas deportadas são importantes na medida em que podem revelar indícios de cerceamento da liberdade e de controle. Neste universo de pesquisa, porém, uma vez que as pessoas chegaram ao país de destino, não aparecem vestígios de controle, reclusão nem de retenção de documentos. De acordo com os depoimentos, essa afirmação vale para pessoas que desempenharam atividades em todos os setores, inclusive no serviço doméstico e na indústria do sexo.

As narrativas sobre o dia-a-dia das pessoas entrevistadas não remetem, portanto, a indícios de tráfico de pessoas, mas oferecem um material valioso para compreender os estilos de vida no exterior desses migrantes, os benefícios econômicos que obtiveram e os atos cometidos para tentar regularizar sua situação. As maneiras de viver desses migrantes diferem, sobretudo, em razão do tempo que levam residindo no exterior e das redes com as quais contam no país de destino. A maioria dos depoimentos remete a um cotidiano de intenso trabalho, com pouco espaço para outras atividades, como estudo ou lazer. A única participação em entidades coletivas é de caráter religioso, no caso de homens e mulheres evangélicos. Apenas duas mulheres e dois homens deportados afirmaram ter estudado línguas ou uma pós-graduação, em algum período durante o dia ou no final de semana, paralelamente à realização de atividades remuneradas. As pessoas que trabalharam em tempo integral na indústria do sexo não aludem a nenhum tipo

¹⁰⁹ Entrevista 2/5, realizada em 27/10/2006.

¹¹⁰ Entrevista 5/2, realizada em 25/10/2006.

de lazer. Entre as pessoas restantes, visitas a amigos, muitas vezes brasileiros, passeios a cidades próximas e discotecas são as atividades predominantes. Entre os homens, particularmente os mais jovens, também aparecem os pubs e festivais musicais.

Os contatos com o Brasil são freqüentes, particularmente entre as mulheres com filhos; mesmo as que trabalharam como prostitutas afirmam terem se comunicado diariamente por telefone com a família. Os contatos também são muito intensos entre os homens que deixaram namoradas ou esposa no país. As redes de relações são diversificadas, marcadas pela presença de pessoas brasileiras, mas também abrangendo amigos e conhecidos de outras nacionalidades, às vezes, seriamente solidárias com os(as) entrevistados(as).

Os deportados que passaram alguns anos no exterior e moraram sós relataram viver com um certo nível de conforto graças ao poder aquisitivo mais elevado possibilitado pelo trabalho. Entrevistados que ganhavam quatro salários mínimos no Brasil sentem ter ascendido na vida ao ter acesso, no exterior, à compra de um carro, computador, home theater, ar-condicionado. Já para os migrantes mais recentes, com menos de dois anos no exterior, nos países da União Européia que pagam salários mais baixos, os benefícios aparecem como extremamente reduzidos, pois alguns gastam praticamente a metade dos seus rendimentos em aluguel (em torno dos 200 euros mensais por um quarto) e alimentação.

De acordo com os estudos sobre remessas de brasileiros nos EUA, em média, o volume anual de moeda estrangeira enviado ao Brasil seria da ordem de US\$ 6.535,00 por emigrante, o que corresponde a uma periodicidade média de 10,11 remessas anuais de valor unitário médio na casa de US\$ 646,10 (Martes e Soares, 2006)¹¹¹. Neste universo de pesquisa, porém, há migrantes, particularmente homens jovens, que afirmam não terem enviado dinheiro nenhum, seus gastos fora, incluindo o lazer, consumiram praticamente tudo. Outros realizaram pequenas economias, poupanças de até 5.000 euros. De acordo com um homem de 20 anos que passou oito meses em Portugal e foi deportado ao tentar ingressar na Inglaterra:

*O dinheiro que eu tinha economizado, que eu investi pra poder ir pra Londres, comprei roupa pra poder ir porque estava frio e tenho um pouco comigo guardado*¹¹².

Os dados indicam que alguns homens com filhos enviaram remessas com o objetivo de sustentar a família, esposas e filhos, em torno dos R\$ 400 mensais, mas isto não aconteceu em todos os casos. Ao contrário, as mulheres deportadas com filhos invariavelmente afirmam ter enviado regularmente dinheiro para o sustento das crianças

¹¹¹ De acordo com esse estudo, tomando como referência o início da década do 2000, o dinheiro remetido ao Brasil pelos emigrantes distribui-se por diversos municípios. Certa concentração desse recurso monetário é dividida em relação às seguintes cidades: Governador Valadares (14%), Ipatinga (5%), São Paulo e Goiânia (4%), Vitória e Belo Horizonte (3%). Criciúma (SC), Curitiba (PR) e Sorocaba (SP) comparecem com menos 2% da amostra. Esse dinheiro estaria basicamente destinado à ajuda familiar (75%) e à compra de imóveis no Brasil (25%).

¹¹² Entrevista 2/12, realizada em 13/11/2006.

(pagamento do aluguel, água, luz, alimentação, escola) e, às vezes, também para os integrantes da família que estão cuidando das crianças. Nos termos de uma mulher de 34 anos deportada da Itália, que trabalhou como manicure, faxineira e prostituta:

Tive que trabalhar muito, porque tenho os meus filhos e o meu pai que é doente [no Brasil]... o pai dos meus filhos não ajuda em nada... Meus filhos estudam de manhã e à tarde. Pago escola particular, médico particular.. Meu pai foi com meus filhos para a casa da minha irmã... Está todo mundo junto. Antes eu pagava uma senhora para cuidar do meu pai, deles. Melhorou porque o que eu mando fica tudo em família¹¹³.

Neste universo diversificado em termos dos países de residência no exterior, das atividades realizadas e do tempo passado fora (lembro que aproximadamente a metade dos deportados passou menos de dois anos no exterior), o envio de remessas mensais para “melhorar” a casa, mobiliar a casa familiar, ter podido “ajeitar” a vida mediante a compra de uma casa e um pouco de gado em Rondônia, são exemplos dos logros que estimularam esses entrevistados a enfrentarem as adversidades vinculadas a suas situações de migrantes irregulares, em um momento, segundo eles, de saturação do mercado nos mais diversos setores. De acordo com um homem deportado de Londres, onde permaneceu por um ano e meio:

Ilegal de novo não dá para ir mais. Uma vez dava. Agora, não dá mais. Hoje em dia há muita gente ilegal. Não tem mais serviço. Para quem tem documento tem serviço à vontade. Dá para escolher onde quer trabalhar. Agora, sem documento não tem mais como¹¹⁴.

A impressão de saturação aparece também referida à indústria do sexo. Segundo uma das transgêneros:

A clientela deu uma defasada... Sumiram os poucos clientes. É como você botar a sua banca na feira e não ter cliente para vender... ficou muito escasso o mercado. Muita concorrência. Vão chegando meninas novas...¹¹⁵.

De acordo com esses relatos, as transgêneros deportadas estão entre as pessoas que obtiveram maiores benefícios das atividades realizadas no exterior. A integração na indústria do sexo rendeu a elas, além da possibilidade de ajudar as famílias, o dinheiro necessário para comprar apartamento, carro, e para aquela que “levou” umas cinquenta pessoas para Itália, montar um par de empreendimentos.

Independentemente do volume das remessas, poupanças ou dos bens adquiridos, a maioria dessas pessoas fez consideráveis esforços para permanecer no exterior. Várias tentaram, às vezes apoiadas por seus empregadores ou novos amigos nos países de destino, inutilmente, a regularização. Ao impedir que essas pessoas concorram legalmente no mercado de trabalho, essas negativas alimentam o ciclo de exploração desses migrantes. Alguns dos namoros com pessoas estrangeiras se

¹¹³ Entrevista 1/7, realizada em 03/11/2006.

¹¹⁴ Entrevista 4/5, realizada em 2/11/2006.

¹¹⁵ Entrevista 2/11, realizada em 12/11/2006.

integram nas tentativas de obter a regularização. O casamento é considerado uma via para a regularização tanto nos relatos referidos aos EUA como a países europeus. Os estudos sobre casamentos transnacionais no sul da Europa mostram que, nesses países, são sobretudo as mulheres latino-americanas as que se beneficiam desse recurso (Piscitelli, 2007b). Na percepção das pessoas entrevistadas algo parecido acontece nos EUA.

No relato de um deportado desse país, registrado nos diários de campo:

Falou que conhecia muita gente que casava para garantir a permanência lá, mas era difícil pois as mulheres americanas ganhavam muito bem e não queriam e nem precisavam “arrumar homem”.

Diário de campo de Tali, 15/10/2006

No conjunto do material analisado, contudo, o casamento aparece como uma via procurada por homens e mulheres. No depoimento de um homem de 42 anos, que se considera moreno, originário de Goiás, não admitido em Portugal, mas cujo destino era Espanha, onde já residem a mãe, casada com um espanhol há 15 anos, os irmãos e uma noiva com documento espanhol:

Vim pra cá pra pegar a minha Certidão de Divórcio, que era pra mim poder chegar em Espanha e casar... Já tenho 3 anos de relacionamento com ela. Inclusive a minha noiva, eu tenho papéis espanhóis que nós vivemos maritalmente já lá.... Porque ela mesma já tem documento espanhol¹¹⁶.

A instrumentalidade de algumas tentativas de casamento fica evidente em alguns relatos. De acordo com a mulher deportada de Itália que incluía os “programas” entre suas múltiplas atividades:

Conheci esse [namorado] que ele me tirou [da prostituição]. Eu trabalhava assim. Não é que eu tinha aquele trabalho certo, mas eu trabalhava e ele me ajuda... [Ele pagava minha parte no aluguel] botava 500 euros. Dependendo, comida. Porque eu não gastava com nada. O dinheiro que eu tinha era só pra mandar pra cá. O que eu fazia era comprar uma coisa que eu necessitava... [Ele tem] 46 anos ... Eles quando se casa é com 40, 50 anos. Eles têm filho tarde. A gente vê os velhos lá e a gente pensa que é neto, são filhos deles. Eu fiquei horrorizada. O primeiro impacto quando cheguei a primeira vez... [Ainda não casei] ...porque tudo tem que passar na mão de advogado. É muita frescura. Esta entendendo?... Quando os bastardos vem “pra qui”, os italianos todos aqui todo mundo trata bem. Se eles vai se casar tudo é feito... você viu que eu fui falar com aquele Polícial. Ele disse, “Se você quiser traz ele e casa aqui; e ele pode estar aqui no Brasil”. Quem disse que eu quero italiano aqui no Brasil! Não. O meu interesse é tirar o documento lá. Quero levar os meus filhos¹¹⁷.

¹¹⁶ Entrevista 3/3, realizada em 4/11/2006.

¹¹⁷ Entrevista 1/7, realizada em 3/11/2006.

Independentemente das frustrações vinculadas à deportação, a maioria absoluta das pessoas que já residiram no exterior pretende retornar aos lugares dos quais foram deportados(as): mais da metade dos homens e das mulheres e todas as transgêneros. De acordo com os relatos, parte dessas pessoas tentará o retorno a qualquer custo e a outra metade considera que, dadas as condições atuais no exterior, só vale a pena regressar com visto de trabalho ou de estudante ou após ter casado com os(as)namorados(as) que residem no exterior e viabilizarão uma inserção regular nos países escolhidos. Algumas das pessoas entrevistadas explicitaram quais seriam as condições nas quais não tentariam o retorno. Trata-se de oportunidades econômicas que garantam recursos considerados suficientes e uma certa autonomia. Esse ponto, recorrente nas entrevistas, é registrado no diálogo com uma deportada da Itália:

Pesquisador: *O que te faria mudar de idéia de viajar, de voltar?*

Entrevistada: *Se o dinheiro que eu tivesse desse para abrir um negócio, para mim trabalhar, um negócio meu... porque eu voltando, vou só o tempo de eu conseguir abrir um negócio... Eu amo o meu Brasil... A única diferença é o dinheiro que vem de lá. É mais nada¹¹⁸.*

Nos termos de uma das transgêneros:

[Se eu tiver] um capital de giro, para investir em alguma coisa, imóveis, para poder alugar e ter uma renda... Abrir um negócio, um bazar, uma lojinha, um salão.¹¹⁹

¹¹⁸ Entrevista 1/7, realizada em 3/11/2006.

¹¹⁹ Entrevista 2/11, realizada em 12/11/2006.



[Pesquisas em Tráfico de Pessoas]
_parte 3



10. Percepções sobre detenções e prisões

As impressões das pessoas entrevistadas sobre as condições as quais estiveram submetidas nos processos de não admissão e deportação são diversificadas. Em termos gerais, paradoxalmente, as situações mais humilhantes e restritivas nas quais, inclusive, algum entrevistado foi roubado, tendem a estar vinculadas aos procedimentos de não admissão. Paradoxal, porque a maior parte dos processos de não admissão está desvinculada de qualquer infração cometida pelas pessoas detidas. E, como sugere o material, se alguns entrevistados(as) não admitidos afirmaram ter a intenção de permanecer fora do Brasil trabalhando, um segmento está constituído por pessoas viajando para fazer turismo ou visitar familiares residindo no exterior. Assim, uma primeira distinção é visível entre os relatos de pessoas não admitidas e deportadas. As narrativas distinguem também em razão do país de detenção e mostram algumas diferenças em termos de gênero.

10.1 Não admissões

A pesquisa realizada no aeroporto de Guarulhos em 2005 indicava que, nesse momento, o principal país europeu “rechaçando” brasileiras estigmatizando-as como prostitutas era Portugal. No estudo realizado em 2006, a não admissão de cidadãs brasileiras nesse país aduzindo esse motivo se reitera. Aliás, os relatos sobre “rechaços” em Portugal são os que mostram de maneira mais marcada distinções entre o tratamento conferido a homens e mulheres não admitidos. Esse ponto é ilustrado pelas narrativas de brasileiras não admitidas registradas nos diários de campo:

Chegou um vôo de Lisboa e com ele três inadmitidos: dois homens e uma mulher. Um dos homens e a mulher estavam revoltadíssimos – ela principalmente... Antes de aplicar o questionário, eles comentaram um pouco sobre a condição da inadmissão. Ela disse que os primeiros portugueses que a atenderam foram muito estúpidos, gritaram com ela, dizendo que ela tinha drogas e queria se prostituir, “confessa, confessa!”, eles gritavam. ... Ela contou também que mais duas brasileiras foram inadmitidas com eles, mas voltaram para Recife. “O Policial português falou que elas eram putas” e depois de falar isso comentou que as mulheres estrangeiras sofrem muito mais do que os homens, porque todas são tratadas como putas pelos Policiais... Ao longo de toda a entrevista, ela falou muito dos maus-tratos sofridos. Foi humilhada, teve a sua mala e a roupa toda revistada. Gritos e xingamentos também.

Diário de campo de Natália, 08/11/2006

Vôo de Lisboa. Converso com uma garota inadmitida. Ela é muito falante extrovertida... Ela conta que ia a passeio e que os Policiais portugueses a trataram muito mal. Queriam colocá-la em um vôo para Recife e ela não aceitou, pois queria voltar para São Paulo. Ela discutiu com os Policiais e eles a agarraram com força, disse que só faltou bater nela. No fim ela embarcou para São Paulo.

Diário de campo de Erêndira, 16/11/2006

Nos processos de não admissão, as pessoas são detidas por períodos que oscilam entre 24 horas e três dias, repartidos, às vezes, entre dois aeroportos. Por exemplo, uma pessoa que foi admitida em Paris, mas rechaçada em algum país do Reino Unido, ao ser devolvida, fica detida em cada aeroporto. Em ocasiões, as detenções têm lugar em salas especiais nos mesmos aeroportos. Outras vezes, as pessoas passam um certo número de horas detidas em algum aeroporto e são transferidas depois para algum “alojamento” e, inclusive, para uma prisão comum (como aconteceu com duas moças na Irlanda). Esse processo fica claro no relato de uma mulher não admitida em Portugal:

Aguardei mais ou menos umas 6 horas em um banco sem ninguém me dizer nada... Perguntavam o meu nome e “só aguardar”... Fui ter a entrevista. Eles tipo pressionam a gente muito na entrevista para você falar coisas que não tem nada a ver só para depois você assinar um papel com coisas que você falou, mas que não era aquilo bem o que você queria dizer.. Nessas 6 horas só fui ao banheiro. Pedi para que alguém me acompanhasse ao caixa eletrônico porque eu precisava sacar dinheiro, disseram que era impossível. Fui tratada como uma presa mesmo. Única coisa que eles deixaram foi dar um telefone. Nesse alojamento eu não podia ficar com os meus objetos pessoais, não podia ficar com o meu telefone. Eu tinha que toda hora pedir alguma coisa para eles. [O alojamento], eram beliche, tem toalete, banheiros individuais, chuveiros frios, tem um refeitório, uma área ao ar livre... Era uma prisão disfarçada. [A comida] Horrível. Aquelas comidinhas que serve no avião, três dias... Tinha coberta fininha¹²⁰.

Nos relatos, os procedimentos variam de aeroporto em aeroporto. Pessoas não admitidas em Lisboa, afirmam que homens e mulheres são separados em salas diferentes, com acesso livre ao banheiro e tendo a oportunidade de realizar um telefonema. Aliás, as pessoas detidas em Portugal são as únicas que afirmam terem recebido uma folha com o telefone do consulado brasileiro para onde poderiam encaminhar alguma reclamação caso quisessem. De acordo com um entrevistado detido nesse aeroporto, de 32 anos originário de Minas Gerais:

Tinha pessoas assim mais desses países da África, pessoas de cor. Tinha a parte das mulheres e a parte dos homens... Sempre que a gente queria chamava pelo interfone e pedia pra telefonar e ir pra o orelhão que não tinha problema.... Eles me deram uma folha do consulado brasileiro e se eu quisesse reclamar poderia ter ligado. Mas pelo fato de estar vindo embora eu não ia... não perder tempo, mas preferi não ligar pelo fato...¹²¹.

Os relatos sobre detenções nas não admissões em Portugal e na Espanha, país onde, neste universo de pesquisa, apenas uma transgênero foi detida (considerando-se bem tratada, recebeu água e comida e teve autorização para fazer uma ligação), não remetem aos maiores sofrimentos narrados. Tampouco na Itália, onde as pessoas não admitidas tiveram direito a telefonar, tickets para trocar por alimentos e não ficaram

¹²⁰ Entrevista 5/18, realizada em 7/1/2006.

¹²¹ Entrevista 5/10, realizada em 30/10/2006.

“presas”. De acordo com um homem não admitido nesse país, de 23 anos, que se considera branco, do Paraná.

Eles me trataram normal, né. Como deve ser. Bem eles não tratam. Eles têm uma certa autoridade. Então, eles têm que impor a autoridade deles também. [A gente pode usar o telefone, teve que comprar o cartão lá... Eles deram o ticket, para comprar comida, mas não foi muito agradável, foi muito fraco. Valor baixo... Vai 9 euros. Lá não dá para fazer nada com isso. O que eles servem também não é muito agradável... Ficamos cerca de 24h. Embarcamos às 4h e ficamos até às 4h esperando. Na verdade eles marcaram às 9h30 da noite... Ficamos no meio do aeroporto. Vagando pra lá e pra cá sem acomodações¹²².

Nos relatos, os aeroportos de França, Inglaterra e Irlanda destacam-se em termos do tratamento duro conferido a cidadãos(ãs) brasileiros(as). Os registros dos diários de campo dão uma idéia de situações em que pessoas que não cometeram crime nenhum são trancadas, sem alimentação, sem direito a ir ao banheiro e a comunicar-se e, inclusive, levantam suspeitas sobre assédio sexual, em Paris:

Foi inadmitida em Paris, mas seu destino final era Madri. Alegaram que ela não tinha reserva em hotel (que, segundo ela, foi feita. Aliás, depois ela ficou falando que a mulher da agência de turismo ia ter que escutar). Tanto ela quanto o rapaz que voltou com ela estavam inconformados com o tratamento recebido na imigração. Ela disse que eles ficavam trancados, sem comida ou bebida. Comentou que um rapaz retido quis ir ao banheiro e pediu muito, batendo na porta da sala onde eles estavam trancados; ninguém foi abrir, e o rapaz urinou dentro da sala.

Diário de campo de Natália, 16/11/2006

Uma menina não admitida na França parecia especialmente triste... Disse que foi muito humilhada, obrigada a tirar a roupa e que a Polícia lhe tocara os seios sem necessidade.

Diário de campo de Erêndira, 4/11/2006

De acordo com uma mulher não admitida de 25 anos, uma técnica de laboratório de Goiás, que se considera branca:

Imediatamente a polícia federal foi separando algumas pessoas. Questionaram sobre o que nós íamos fazer. Eu estou de férias e iria retornar dia 16 de novembro. Perguntaram quanto de dinheiro, 1.000 euros. A reserva de hotel não estava paga. Seria paga no ato da entrada do hotel. Eles não aceitaram. Desde então nos levaram pra imigração onde fomos totalmente revistados. Fomos obrigados a tirar nossas roupas... Eles não deixaram a gente entrar no banheiro. Quando deixavam a gente era escoltado e ficavam dentro do banheiro junto conosco. Geralmente mulher. Homem deixava a gente encostar a porta. Nos levaram para um

¹²² Entrevista 5/15, realizada em 01/11/2006.

hotel. Comida horrível. Mas melhor do que onde nós estávamos. Porque eles gritavam muito conosco e não nos deixavam falar nada, nada. Nos deixando numa sala sozinhas por durante mais 4 horas... . Revistaram a mala. Pediram pra retirar a blusa, o sapato, passaram a mão. Retiraram espelho e objetos de valor. Dinheiro ficou com eles por um período, mas depois nos devolveram. Foi esse inferno... [Isso durou] Mais ou menos umas 18 horas. Dezoito horas nesse inferno. Sem água, sem nada. Sem banho. Sem direito a exatamente nada... eu aconselho ninguém ir lá nem passear. Que é humilhante. Não sabem tratar a gente bem... Nós fomos escoltadas. Não há necessidade disso porque ninguém é bandido... Eu, particularmente, estava de férias e juntei dinheiro durante 3 anos pra isso. Não precisava de ser tratada desse jeito. Eu acho que tem que ver a procedência das pessoas, primeiro, antes de qualquer atitude¹²³.

E se as pessoas não admitidas em Portugal e na Espanha coincidem em afirmar terem tido direito à realização de um telefonema, as detidas na França insistem em que, embora após algumas horas puderam contar com tradutores, o direito a comunicar-se lhes foi negado. De acordo com um homem não admitido na França, de 28 anos, que se considera pardo, originário de Goiás.

Pesquisador: *Você teve um contato lá com as autoridades? Pôde falar com o consulado?*

Entrevistado: *Nada. Nada. Pedi, mas não tinha jeito.*

P: *Não avisou nada a ninguém. E na França eles não entraram em contato?*

E: *Não. Porque lá não deixa. Você já fica na sala e não pode ligar pra lugar nenhum. Não tem como avisar ninguém se está indo embora ou se está voltando. Aqui no Brasil que vai poder ligar pra esperar o pessoal no aeroporto.*

P: *É um direito manter um contato. Mas não deram essa alternativa pra você?*

E: *Não. Nem pra mim, nem pra uma das meninas. Esse pessoal que já estava em Paris, que já estavam lá deportados¹²⁴.*

Nesse processo, também na França, um dos entrevistados afirma que seu dinheiro, 800 euros, desapareceu. Nos termos desse homem, originário de Mato Grosso do Sul, mas residente em Roraima, de 26 anos, que se considera pardo:

[A comunicação] é só falando em francês. . O restante é tipo por sinais. Quase 2 horas depois que vão trazer um tradutor pra falar com a gente. Especularam o que eles quiseram, interpretaram o que eles quiseram... Você vai falar com eles e não entendem. Só perguntam se fala espanhol se você fala inglês ou se você não fala, viram as costas e deixam você falando sozinho... Levam você pra um lugar que é uma cadeia mesmo. Deixam numa sala lá a "Deus dará" até a hora que dá na idéia deles de te transportarem.

¹²³ Entrevista 2/8, realizada em 11/06/2006.

¹²⁴ Entrevista 1/5, realizada em 27/10/2006.

Eles dizem que é um hotel. Levam você pra lá e te deixam trancado. Uma comida horrível que nem cachorro come aquilo. Basicamente, é isso aí.

A gente desembarcou lá 10h30 da manhã, fomos abordados na mesma hora. Ficamos até 3h numa sala aguardando uma transferência pra um hotel. Chegando lá disseram pra gente que 6h teria uma alimentação. A comida horrível, como eu já disse. Quando foi 7h tiraram a gente do lugar e ficamos mais horas sentados de novo na salinha lá. Voltaram com a gente pro aeroporto. Esperamos 1h30 até ser embarcado novamente. A nossa sorte que embarcaram a gente no mesmo dia. Tinha pessoas lá que já estava há 8 dias esperando. Não brasileiros. Tinha pessoas de outros países. No hotel mesmo que a gente estava tinha outros 7 brasileiros que tinham sido presos de manhã. Só que eles iam vir no voo seguinte, 1h depois, direto pro RJ... Eles fazem o documento deles lá. Você não entende nada. Eles não te dizem nada o que é e simplesmente você tem que assinar. Polícia te carregando pra um lado e pro outro. Ah! Já percebi depois. Porque eu deixei a minha agenda ficou em uma das salas. Eu tinha 800 euros na carteira e ficava no envelope dentro da agenda. Trouxeram a minha agenda, porque ela tinha ficado na outra sala, quando eu voltei, peguei a agenda, fui olhar e já não tinha... Reclamar como? Não tinha uma pessoa que entendesse a nossa língua. Simplesmente tudo que fosse dizer a eles, eles perguntavam se falava espanhol ou inglês. Só dava a entender que não entendiam a gente e saíam. Viravam as costas e deixavam a gente falando sozinho¹²⁵.

Os relatos de pessoas não admitidas na Inglaterra aludem a condições ainda mais duras: além de não terem sido autorizados a realizar nenhum contato telefônico, passaram muitas horas, até praticamente um dia, detidas e sem alimentação. A revolta pelo tratamento recebido ficou registrada nos diários de campo.

Uma menina, 19 anos, magra, miúda... Tinha os olhos vermelhos, de cansaço ou choro, não sei afirmar. Estava inconformada por não ter conseguido entrar na Inglaterra. É de MS. Quando pedi a entrevista, disse que nós conversamos com as pessoas que “voltam”, até mesmo para saber das condições dessa volta. “As piores possíveis! Tratam a gente como animal, sem comida, sem água, só com um suco horrível que tinha na salinha. Não pudemos tomar banho e dormimos em umas cadeirinhas péssimas!”.

Diário de campo de Natália, 2/11/2006

No relato de uma mulher de 41 anos, de São Paulo, não admitida em Londres:

Fiquei o dia inteiro sendo humilhada. Me colocaram numa sala, reviraram a minha mala, tiraram peça por peça, (...), tiraram as minhas digitais, tiraram foto como se fosse uma criminosa. [Fiquei presa] Desde a hora que eu cheguei! Eu cheguei a 1h até às 10h40 da noite... Passei. Não me deram nada...; água dava pra pegar do bebedouro. Não podia sair. Eu me senti presa... A gente não podia dar nem um telefonema... Ainda falei pra eles lá que eu estava sendo humilhada. Que sou brasileira e pago os meus impostos. Que não era justo... Eu pedi um interprete, né. Depois de muito

¹²⁵ Entrevista 5/5, realizada em 29/10/2006.

*tempo que veio uma interprete. Mas quando foi pra revirar a minha mala não falavam nada, nada... Nós brasileiros somos bobos porque aceitamos eles quando chegaram aqui numa boa. Acho que devia ser igual*¹²⁶.

O relato de uma mulher de 32 anos, que se considera branca, originária São Paulo, dá uma idéia das vexações a que foi submetida na Irlanda, onde, longe de permanecer com outras pessoas não admitidas ficou durante dois dias na prisão junto com criminosas:

Eu não entrei na Irlanda. Quando cheguei lá eram 3h40 na imigração irlandesa, em Dublin. Eles deixaram das 3h40 até às 8h20 na imigração. E assim, passando aquela humilhação. Porque todo mundo passava na imigração e via a gente sentada ali. A gente olhava pro inspetor e fala que tinha que atender o pessoal primeiro. Então, era assim, conforme iam chegando os outros acabava uma fila e vinha outra e a gente foi ficando e foi ficando. Eu achei um desrespeito. Por fim, veio e disse pra gente que não podia entrar porque tinha uma negação na Inglaterra... E cada hora ele falava uma coisa. Uma hora porque eu não tinha reserva de hotel... E assim, nós tínhamos dinheiro, cartão de crédito internacional... Por fim, não deixaram, passaram a gente pro outro lado e mais 1h esperando. Aí, veio um senhor e o tempo todo ele conversando com a gente e minha amiga falava assim... porque o meu inglês não é perfeito e principalmente se fala muito rápido. Eu falei que precisava de um interprete, de alguém que fale comigo o meu idioma. Eu quero saber o que está acontecendo. Em momento algum apareceu alguém pra explicar o que estava acontecendo. Eles falavam muito rápido e pronto.... Quando foi umas 9h da noite colocaram a gente numa van da polícia mesmo e eu perguntei pra onde estávamos indo. Eles responderam que era pra um hotel... Por fim chegamos na... na prisão irlandesa.

Chegou lá, a humilhação da entrevista. Anotaram tudo. Fizeram a gente despir. Eu pra ajudar ainda estava no período menstrual. Foi aquela humilhação, aquela coisa chata, desagradável mesmo. Ter que tirar toda roupa e pôr de novo. Eu estava de bota porque estava frio e tira tudo, fica descalça... Ninguém explicava o porquê. O que eu estou fazendo aqui?... Dois dias depois que estávamos lá, ah! tem a "sister May" fala português e vem conversar com vocês... Dormimos duas noites, eu e minha amiga, pedimos pelo menos pra ficar juntas... dormimos duas noites num colchonete no chão... Chegamos já tarde, com fome. Imagina, chegamos 3h da tarde até às 10h da noite sem comer nada. Levaram pão velho e água pra gente foi o que levaram lá pra gente. Ficamos trancadas a noite inteira. No dia seguinte abriram... As detentas ficam no pátio... literalmente criminosas. Perguntava pra uma o que estava fazendo lá. Eu matei o meu filho. A outra, eu sou traficante. Falavam assim com a cara limpa mesmo... Fomos ameaçadas. Eu fui pedir um café na cozinha lá e a outra virou assim, você tem que pagar...

Mal trataram as detentas e trataram a gente que nem lixo... revistaram as bolsas e nada ficou com a gente, nem o celular. Na imigração eu fui tentar

¹²⁶ Entrevista 5/8, realizada em 29/10/2006.

ligar pra alguém e eles simplesmente falavam pra desligar o celular que não podia usar. Quando chegou lá na delegacia, ela “reteu”, guardou tudo com ela e não ficou absolutamente nada, nem o absorvente que eu precisava. Ah! Depois a gente arranja. A menina arranjou uns pedaços de pano... Isso é um absurdo!... Dois dias depois, já pra vir embora que deixaram fazer uma ligação e ainda assim eu não consegui ligar pra uma amiga... O que eu acho absurdo, porque é assim, não entrar num país ainda é compreensível. Eles têm os direitos deles, estão desconfiados, estão sem documentos e não sei o quê. Tudo bem! Mas a ponto de colocar numa prisão junto com outras detentas, criminosas e fazer a vistoria que fizeram. Fizeram- eu-tirar-toda-a-roupa¹²⁷.

Os poucos casos de não admissão nos EUA remetem, sobretudo, à humilhação por terem sido fotografados, as digitais registradas como se fossem criminosos e a raiva ao perceberem que foram alvo das risadas e piadas dos Policiais.

Chegou um vôo de Miami. Um senhor começou a falar, parecia um “vovô”, aparentava ter uns 70 anos, cabelos brancos, olhos azuis muito ternos... Sua filha morava nos EUA e ele foi vê-la, conhecer suas netas, mas infelizmente foi barrado. Ele tinha feito reserva para conhecer a Disney com a filha e a polícia americana perguntou o que um velho iria fazer na Disney. Ele responde que ainda tinha o direito de se divertir. Estava muito indignado, disse que foi humilhado, tratado como um criminoso. Eu perguntei a ele em que consistia essa humilhação... os Policiais riam dele, ficaram cercando eles no aeroporto.

Diário de campo de Táli, 01/11/2006

Contudo, as pessoas não admitidas nos EUA não aludem a maus-tratos específicos. Já no que tange às pessoas deportadas, como é comentado no item seguinte, as queixas mais frequentes se referem às prisões nos EUA.

Nos relatos das pessoas não admitidas, o Consulado do Brasil tende a não aparecer como uma referência, como um lugar ao qual se pode recorrer. Quando lhes foi permitido telefonar, fazer uma ligação, escolheram sobretudo ligar para as pessoas que as esperavam; amigos e familiares. Algumas pessoas simplesmente não pensaram em ligar para o consulado. Outras acharam que o Consulado não poderia fazer nada nessa situação.

10.2 Deportações

As pessoas deportadas que foram detidas apenas por estarem em situação irregular passaram entre 2 e 54 dias na prisão. As pessoas presas nos EUA passaram os períodos mais longos. Nas prisões européias os períodos são mais reduzidos, entre 2 e 25 dias. O único brasileiro detido por estar envolvido na obtenção de documentos para viabilizar a permanência nos EUA de migrantes irregulares, permaneceu seis meses na prisão. Em termos gerais, as pessoas deportadas de países europeus consideram

¹²⁷ Entrevista 5/19, realizada em 16/11/2006.

terem sido mais bem tratadas nos processos de deportação que nos de não admissão. Embora os depoimentos não sejam inteiramente coincidentes, particularmente no que se refere à Espanha, em termos gerais, a afirmação vale para as prisões nesse país, em Holanda, Portugal e inclusive Inglaterra, onde as pessoas não admitidas narram terem sido tratadas de maneira mais dura e desrespeitosa. De acordo com os registros dos diários de campo e das entrevistas:

Três mulheres chegaram no vôo de Amsterdam, todas muito bonitas... Uma, que não estava dando entrevista e não estava irritada, respondia ao que eu perguntava, ela trabalhava em um café e foi pega numa ronda. Disse que não foi maltratada em nenhum momento.

Diário de campo de Táli, 26/10/2006

Ela também falou que, ao longo dos 25 dias em que ficou presa, não foi maltratada, nem humilhada. Ela ficou presa em Madri, distante da cidade onde morava. Mesmo assim, disse que o namorado ia visitá-la, e levou roupas para ela.

Diário de campo de Natália, 11/11/2006

Uma mulher de 29 anos, de Goiás, fez reclamações do tratamento recebido na Espanha, de onde foi deportada em uma viagem anterior, após ter permanecido um ano e sete meses nesse país (no momento em que foi entrevistada estava regressando, não admitida, da Suíça):

Me deixaram presa 3 dias na Espanha sem tomar banho e bebendo a água da torneira do banheiro, junto com os presos normais e comendo sanduíche. Pão, pão com salame¹²⁸.

Todavia, os outros registros de prisão na Espanha são diferentes. De acordo com uma mulher de 36 anos, de Goiás, que passou seis anos trabalhando irregularmente na Espanha: “Fui muito bem tratada. Fiquei 15 dias no centro de imigrantes. Mas, comi muito bem, dormi e todos me trataram bem. Não posso reclamar”¹²⁹. No relato de um homem deportado, de 25 anos, originário de Minas Gerais, que passou 12 dias na prisão na Inglaterra:

Até que a prisão lá era boa. Tinha Sky, futebol. Tem até o plano aqui da prisão em português... Tinha [pessoas] do Sri Lanka, indiano... era tudo imigrante. Tinha nego que fazia gracinha, “Matei fulano!”, e não era nada. [A alimentação] Até que era boa. Frango, carne, batata... tinha até sobremesa. Era quase um hotel, mas você não podia sair. Abri o portão às 2 horas da tarde e avisavam, “Quem quiser ir na internet pode ir”. Tinha igreja, templo muçulmano. Tinha um tantão de coisa lá. Até que era legal... Não era discriminado, não. Os caras lá até me tratavam bem por ser brasileiro. O indiano lá, gente fina. Os caras até me zoavam por causa desse negócio do Arsenal. Tinha um lá, “Você gosta de futebol? O Arsenal é uma merda”. Os caras gostavam do Chelsea, é como se fosse aqui em São Paulo...¹³⁰.

¹²⁸ Entrevista 1/6, realizada em 01/11/2006.

¹²⁹ Entrevista 3/6, realizada em 07/10/2006.

¹³⁰ Entrevista 1/11, realizada em 21/11/2006.

Tampouco há maiores reclamações da prisão na Itália, onde, pelo menos na prisão feminina, são oferecidos itens de higiene pessoal e as deportadas brasileiras se sentiram tratadas “com muita educação”. No relato da deportação de uma mulher de 41 anos, residente na Bahia, que passou dois anos e meio trabalhando irregularmente na Itália: “Ficou 8 dias retida e disse ter sido muito bem tratada”. As transgêneros, deportadas da Itália também não reclamam do tratamento no processo de deportação, apenas da pouca qualidade da comida e de não terem sido autorizadas a voltar para a casa para pegar seus pertences. Entretanto, são sobre a Itália os únicos relatos sobre algum tipo de corrupção Policial presenciada durante o processo de deportação ou sobre agressões físicas sofridas durante esse processo. De acordo com uma entrevistada de 34 anos, originária de Recife:

Da imigração fui para o centro de “acolhença”. Tira as digitais, faz foto... Tinha eu e quando cheguei lá tinha dois travestidos e com esses dois tinha 3 expulsos da Itália e duas deportação; e eu limpa. ... Eles andaram...a fazer sexo com os travestis e liberaram eles¹³¹.

No relato de um homem de 24 anos, originário de Goiás:

Me chamaram de merda, de vagabundo, enfim, de um nada. Quando me colocaram na sala lá... o oficial me perguntou por que eu estava louco daquele jeito. Eu disse que não estava louco... me deu um tapa do lado esquerdo. Aí, eu já caí e me levantou. Foi a hora que fiquei meio tonto. Já aproveitou e já juntou o tapa. Perguntou se eu usei droga e falei que nem sequer eu fumo.

O que você veio fazer aqui?

Trabalhar.

Trabalhar? Por que você não trabalha no seu país. (...) Aqui não é bem vindo estrangeiro, principalmente brasileiro.... Aí, foi uma hora que ele me sacudiu de novo.

Dá um nervoso porque você esta trabalhando, não está roubando e ser tratado daquele jeito eu achei um desaforo. (...) E foi isso.

O que eu achei errado é terem me agredido e expulsado sem eu ter como me defender. Não deixaram eu conversar com ninguém. Não deixavam eu usar celular¹³².

Em termos do tratamento recebido na prisão, os relatos dos deportados dos EUA, exclusivamente masculinos, são dissonantes, pois apontam para uma diversidade de aspectos negativos: a recorrência em tratar os migrantes irregulares como criminosos, algemando-os e expondo-os publicamente; o sério desconforto pela escassez da alimentação, o abuso de autoridade nas prisões e ainda, submetê-los propositalmente a situações de humilhação e de ameaça à saúde. Os relatos de homens originários de Minas Gerais, que residiram irregularmente durante dois e três anos nos EUA e ficaram presos por 20 e 54 dias, respectivamente, sintetizam pontos levantados pelos diversos deportados desse país:

¹³¹ Entrevista 1/7, realizada em 03/11/2006.

¹³² Entrevista 5/17, realizada em 06/11/2006.

Eu estava chegando do trabalho, assim que encostei o carro na entrada da casa, chegaram para buscar outra pessoa e encontrou a gente e pegou... A mesma coisa que um marginal, um traficante, um ladrão, um assassino. Às vezes até pior um pouquinho. [Fui algemado] Os braços, os pés, o meio, todinho... Xingaram a minha mãe, eu , meu pai, meus amigo, minha irmã, todo mundo. Puta...! [Na cadeia foi] Igual um marginal mesmo... Até fome passamos se não comprasse [comida]¹³³.

Fui transferido para um centro de correção, Franklin Correction, no centro de Columbus, aonde eu fui colocado no meio de todos os tipos de por criminosos. A parte que mais me chocou é que no momento que fui preso avisei a eles que eu tomava medicamento. Eu tenho que tomar um comprimido de (...) todos os dias pra não desenvolver a doença da tuberculose porque eu tenho o vírus passivo. Eu não tenho a doença ainda. Tenho que tomar esse medicamento durante nove meses. Já tinha cinco meses que eu estava tomando. A partir do momento que eu fui preso, eu notifiquei a eles e todos me garantiram que eu ia receber o meu medicamento. Eu fiquei cinco dias sem receber o meu medicamento.

Fui receber quando eu já tinha sido transferido para uma penitenciária que se chama (...), também no estado de Ohio, onde eu fiquei com mais 50 imigrantes...todos ali esperando a deportação. Cubano, italiano... Alguns que fizeram besteira, pagaram a sua pena e estavam esperando a deportação. Tinha salvadorenho, hondurenho, mexicano, russo, coreano... Fiquei detido durante 20 dias.

Pra ser bem sincero, a partir do momento que fui preso não recebi informação nenhuma. Nada. Nem se eu ia ser deportado, nem se eu ia ter um julgamento. Ou se eu fosse deportado (...) Até que ele chamava pelos nomes e falava para recolher as coisas porque você estava indo embora. ...Você não tem tempo de lavar o seu rosto, você não tem tempo de trocar de roupa, você não tem tempo de nada.

Porque quando você entra no sistema penitenciário americano perde todos os seus pertences. Tirei a aliança, tirei tudo. Eles me deram uma calça, uma camisa e um par de meia, um pente e uma escova de dente, uma toalha, uma toalhinha de rosto, um cobertor e dois lençóis. Isso era o que eu tinha. O que eu quisesse adquirir depois daquilo ali eu tinha que comprar e comprar caro. Da instituição. Eles mesmos forneciam a lista do que se podia comprar, os valores; e isso pra quem tem dinheiro lá fora.

As pessoas que são pegas sem dinheiro... os parentes que entram em contato tem que deixar o dinheiro com eles lá na forma de cheque... Quando eu fui preso, transferido da penitenciária até Columbus, no aeroporto, foi tranquilo. O agente que me levou, uma pessoa super agradável, pegou e embarcou a gente. Agora, o momento que a gente desembarcou em Atlanta foi ridículo. Primeiro porque nós não somos criminosos. Ela fez a gente desembarcar do carro, atravessar o saguão do aeroporto todinho algemado, na frente de todo mundo, como se a gente fosse o pior criminoso do mundo. Isso é desnecessário... Isso é expor ao ridículo e pra que? Racismo!... Tanto é que o outro oficial, depois que

¹³³ Entrevista 5/2, realizada em 25/10/2006.

pegou a gente falou, “Não. Ela fez errado. Ela vai ser punida por isso”. Tirando isso, a humilhação de estar dentro de uma viatura na parte de trás já diz tudo. Você está algemado. Às vezes tem que passar com o uniforme da penitenciária. Toda uma humilhação, uma tensão psicológica que eles passam talvez pra que as pessoas nunca mais tentem entrar ilegalmente... Ah... Infelizmente as atrocidades que acontecem são coisas que você não teria como provar. Seriam o que... humilhações, situações que você passa, que são desnecessárias, de racismo. Coisas ridículas igual quando eu estava preso nesse [diz o nome do presídio]. Eles davam a roupa bem curta e apertada. Roupa apertadinha é roupa de homossexual. Eles adoravam fazer isso.... era intencional. Não só comigo como com outras pessoas, entre outras coisas... Teve um episódio ridículo. Lá dentro a gente compra as coisas e foi comprado um copo pra se tomar café, essas coisas. Na parte da manhã quando peguei o meu copo e fui tomar café... eles também trazem os copos deles. Quando fui utilizar o meu copo o oficial falou, “Você não vai usar o seu copo”. Eu perguntei porque ela disse, “Porque você vai pegar mais café do que todo mundo, seu copo é maior”. Falei assim, “Eu não quero pegar mais café do que todo mundo. Eu só vou misturar leite com café como o costume brasileiro porque não tomo o café puro”. “Não, você não vai usar o seu copo”. Falei, “Ok!”. Fui lá, peguei o copo deles, coloquei café e ia derramar no meu copo pra não ter discussão que eu estivesse pegando mais ou menos café. Ela não aceitou de jeito nenhum. Tratou como se eu estivesse desrespeitando ela. Pegou o meu copo e levou... Que eu comprei. Ela levou e não devolveu mais. Eu perguntei e ela disse, “Eu falei pra você não usar o seu copo”. A questão não era eu pegar café, ela não queria que eu usasse o meu copo. Ela deu uma ordem autoritária, mas deu uma ordem. O que eu posso fazer? Abaixei a minha cabeça. Eu vou discutir?”¹³⁴

Nos relatos dos deportados, o Consulado do Brasil é uma instituição presente, particularmente no caso dos EUA. Nos depoimentos há registros desencontrados em relação à atenção oferecida pelos Consulados nesse país. De acordo com um jovem de Rondônia, não admitido na Itália, mas que já tinha sido deportado dos EUA, permanecendo 35 dias na prisão nesse país:

Quando a gente é preso a gente faz contato com o consulado. Na mesma hora. Eles ligam e falam porque a gente está sendo preso. Explicam tudinho. Porque a gente está sendo preso e o que a gente vai passar lá¹³⁵.

Há também relatos de tentativas de contato frustrantes. De acordo com o homem de Minas Gerais que passou 54 dias na prisão:

Pesquisador: O senhor pensou em falar com o consulado brasileiro? Entrar em contato com alguma instituição?

Entrevistado: Um monte de vez. Atendia, mas não dava resposta.

P: O que eles falavam pro senhor?

¹³⁴ Entrevista 2/10, realizada em 10/11/2006.

¹³⁵ Entrevista 2/10, realizada em 10/11/2006.

E: Falavam que não tinham tempo agora para conversar... para resolver problema¹³⁶.

Nas narrativas de pessoas que permaneceram detidas em prisões dos EUA há alusões a visitas do Cônsul, embora não se perceba que elas contribuíssem em relação à situação dos prisioneiros: “O cônsul foi lá e não resolveu nada”¹³⁷. Ao contrário, os depoimentos estão permeados pela idéia de que o Consulado não tem o que fazer. De acordo com um deportado dos EUA:

Quando a pessoa está lá e é pega, passa por tudo isso... o consulado brasileiro não tem como fazer nada. Porque nós entramos em contato com o consulado e disse que não pode fazer nada. A imigração pega o imigrante e tem o direito de deixar 90 dias preso lá. Você passa fome, come muito pouco... as condições são as piores.

Alguns dos relatos de pessoas deportadas de países da Europa aludem a intenções de entrar em contato com o Consulado, impedidas pelas autoridades dos países que as estavam deportando. Em termos gerais, esses depoimentos também estão permeados pela idéia da falta de possibilidades de ações do Consulado, explicitado de diversas maneiras nas entrevistas. No relato da mulher não admitida em Zurich, que tinha morado na Espanha, de onde foi deportada, passando três dias na prisão nesse país: “Consulado brasileiro lá não ajuda ninguém”¹³⁸. Eles(as) acham que o Consulado não tem o poder de interferir nas deportações, e, nos casos em que agentes consulares brasileiros foram chamados, em países como Itália, segundo os entrevistados, a polícia acabou interferindo, impossibilitando a comunicação¹³⁹.

¹³⁶ Entrevista 5/2, realizada em 25/10/2006.

¹³⁷ Entrevista 2/10, realizada em 02/11/2006.

¹³⁸ Entrevista 1/6, realizada em 01/11/2006.

¹³⁹ Entrevista 1/7, realizada em 3/11/2006.

11. Necessidades das pessoas retiradas compulsoriamente do exterior

Deportados(as) e não admitidos(as) apresentam um conjunto de necessidades, imediatas e a médio prazo, nas quais se entrelaçam aspectos de ordem emocional, administrativa e econômica. Além de esgotadas, a maior parte das pessoas retiradas de maneira compulsória de países do exterior retornam vulnerabilizadas pelas diversas experiências de humilhação e de frustração às quais foram submetidas. Em algumas ocasiões, a sensação de humilhação se intensifica na viagem de avião para retornar ao Brasil. O relato de uma mulher não admitida dá uma dimensão dessas situações:

Olha, vou denunciar a aeromoça. Porque nós pedimos informação a ela e ela falou alto pra todo mundo que nós estava sendo deportada. Já falei com o comandante e ele falou pra entrar no site e reclamar com o presidente da... Não tive o mesmo atendimento quando eu fui. Eu paguei por isso, entendeu.... Nós só perguntamos onde se retira o passaporte. Ela falou, "Ah! Vocês foram deportadas". Eu falei, "Não, não fomos deportadas. Não fomos aceitas no país. É diferente". "Não, não é diferente. É deportada mesmo". Ela estava assim em pé e falando alto. E todo mundo... Não precisava ela falar.... Na hora de servir também fez restrições. O que servia pra outros não servia pra gente¹⁴⁰.

Além desse tipo de situação, frequentemente essas pessoas enfrentam longas esperas para apresentar-se à polícia brasileira e se deparam com outros problemas quando não têm os documentos necessários para trocar dinheiro, para embarcar em vôos domésticos nos trechos de retorno até suas cidades de origem e, mais raramente, não possuem dinheiro para chegar a essas cidades ou quando suas bagagens não chegam junto com elas.

Ele precisava trocar dinheiro, sem a posse de CPF, pois saí cedo do Brasil, com 16 anos, quando nem podia tirar vários documentos ainda... Como o valor era pequeno e ele não teria meios para isso, resolvi ajudá-lo...

Diário de campo de Diego, 25/10/2006

Na tentativa de retornar às suas cidades, algumas pessoas se sentem novamente humilhadas nas interações com o pessoal das companhias aéreas em Guarulhos. De acordo com os registros nos diários de campo:

Presenciei um fato desagradável na loja da [compahia de aviação], pois a pessoa para trocar sua passagem, remarcar, sem ter custo, tem que falar que voltou inadmitida, deportada. Todavia, tem pessoas que não se sentem bem em falar isso, depois que saem da PF querem esquecer. Então a menina disse que voltou do exterior porque quis, pois esta foi a pergunta (você voltou por que quis?). Nisso iam cobrar 160 reais da menina lá. Como eu estava ao lado, eu falei que ela veio inadmitida. A mulher da TAM falou super alto nessa hora: Ah, voce foi deportada? Então tem que me falar,

¹⁴⁰ Entrevista 5/8, realizada em 29/10/2006.

*como eu vou saber? Nisso eu tornei a repetir: Não, ela foi INADMITIDA...
Daí conseguiu trocar a passagem.*

Comentários de Diego, novembro de 2006

O material da pesquisa aponta para um desconhecimento do pessoal de companhias aéreas e de outras instâncias no aeroporto sobre a distinção entre não admitidos e deportados e, ainda, um posicionamento ambíguo em relação às pessoas nessa última categoria, como se elas fossem culpadas de algo mais do que uma infração em relação ao tempo de permanência regular no exterior. A leitura do conjunto do material mostra que, embora existam alguns escassos casos diferenciados, de envolvimento em mecanismos vinculados ao tráfico de migrantes, com documentação ilegal, a maioria absoluta das pessoas deportadas foi devolvida apenas por ter excedido o prazo de permanência regular no exterior e/ou por trabalhar irregularmente, incluindo aqui o reduzido grupo de pessoas que afirmaram ter atuado na indústria do sexo.

A essas necessidades imediatas, que requerem uma recepção humanizada e um atendimento ágil e respeitoso, soma-se a comunicação com a família, no Brasil, às vezes dificultada pela vergonha de não terem tido êxito no projeto migratório, de não terem conseguido enviar as remessas de dinheiro imaginadas. E, talvez o aspecto mais grave da situação, sobretudo das pessoas não admitidas, seja a necessidade de saldar as dívidas com as pessoas que financiaram as viagens, empurrando as pessoas a novas tentativas de saída ao exterior, tornando-as novamente vulneráveis aos distintos tipos de tráfico.

12. Conclusões

Os resultados da pesquisa conduzem, por derivação, a suspeitas no que se refere ao tráfico internacional de pessoas. Entretanto, com poucas exceções, as pessoas que viajaram para Europa, quase como repetindo uma cartilha, insistiram em ter viajado sem coações e pressões e que pagariam as dívidas contraídas para financiar a viagem com o produto do trabalho no exterior, sem juros, eliminando assim a idéia de exploração do trabalho em razão de dívidas. Isto vale para o trabalho nos diversos setores, incluindo aqueles freqüentemente vinculados ao tráfico de pessoas: o serviço doméstico, a construção e a indústria do sexo.

No universo de 73 entrevistados(as), apenas cinco pessoas afirmaram ter trabalhado na prostituição. Todas elas, mulheres e transgêneros, enfatizaram reiteradamente o caráter voluntário e não exploratório que marcou suas atividades, quase como respondendo negativamente aos pontos enunciados nos folders que descrevem o tráfico de pessoas. No entanto, uma mulher e uma transgênero trabalharam em cabaré ou clube, espaços que geralmente requerem algum tipo de percentual ou pagamento. E ainda uma transgênero, profissional do sexo até pouco tempo atrás, afirmou ter levado mais de 50 pessoas a Europa. Tais casos poderiam remeter a indícios de exploração sexual, mas os depoimentos não possibilitam concretizar essa afirmação.

Nos debates sobre tráfico de pessoas, estrangeiros que convidam as namoradas brasileiras para ir com eles para Europa, são agentes considerados peças-chave em algumas redes criminosas. Um dos namorados estrangeiros presentes neste universo alimenta o painel de dúvidas em torno do tráfico, por ter pago simultaneamente a passagem de duas mulheres, e porque a polícia local recusou o ingresso de ambas afirmando que ele, a pessoa que as estava convidando, tinha problemas com a justiça. Contudo, outros namorados estrangeiros aparecem como figuras instrumentalmente utilizadas pelas mulheres em razão de benefícios, remessas de dinheiro e/ou a possibilidade de obtenção de documentos. Finalmente, o engano pode apontar para indícios de tráfico. Uma única mulher afirmou ter viajado enganada para a Europa, com promessa de contrato de emprego e regularização, para cuidar de um idoso. Mas o engano esteve referido apenas à promessa de regularização. De fato, cuidou de um idoso e seus relatos não remetem a trabalho forçado, nem a servidão. Assim, na pesquisa, o tráfico de pessoas aparece como um fantasma de difícil apreensão que paira em alguns (poucos) relatos. Já o tráfico de migrantes se delineia com absoluta nitidez, particularmente nas viagens aos EUA.

Nas narrativas das viagens à Europa não há referências diretas a redes criminosas organizadas. No marco de redes predominantemente informais integradas por conterrâneos, conhecidos, amigos, parentes e, no caso de algumas mulheres, namorados, brasileiros ou estrangeiros, os depoimentos parecem deixar entrever eventuais recrutadores, principalmente estrangeiros, de trabalhadores irregulares para diversos setores, inclusive o doméstico. Os relatos referem-se recorrentemente a

agências de viagens, com frequência às mesmas agências. Essas últimas aparecem ora como possíveis “atravessadoras”, ora como enganando as pessoas, com falsas reservas de hotel. Mas as redes criminosas organizadas aparecem claramente nos “esquemas” de deslocamento para os EUA. As pessoas descrevem detalhadamente os esquemas de tráfico de migrantes a partir do Brasil, os valores pagos, os seqüestros a que foram submetidas por quadrilhas de “coiotes” rivais.

O conjunto do material sugere que quanto mais rígidos os controles migratórios, com exigência de visto, mais provável é a presença de tráfico de migrantes. Nesses relatos fica clara a diferença entre os arranjos migratórios para os países da União Européia, que não requerem visto para os(as) cidadãos(ãs) brasileiros(as), e para os EUA. Os relatos sobre tráfico de migrantes adquirem características diferenciadas na fase anterior e posterior à exigência de visto para ingressar no México, e também em termos de gênero. A análise dos depoimentos sugere que a exigência de visto para ingressar no México teve como efeito a ampliação dos grupos criminosos organizados que traficam migrantes e sua articulação transnacional, envolvendo agentes em um maior número de países.

Indícios de tráfico de migrantes revelam-se também nos documentos utilizados por alguns poucos entrevistados (a utilização de um passaporte de outra pessoa, a compra de documento falsificado para trabalhar) e inclusive na participação de um entrevistado, com elevado lucro, na obtenção de documentos para auxiliar terceiros na permanência irregular nos EUA. A maioria absoluta das deportações, porém, longe de remeter a esse tipo de ação, esteve vinculada apenas ao fato das pessoas terem permanecido trabalhando, irregularmente, em algum país.

Esses(as) migrantes desempenharam diversas atividades, muitas vezes distantes da noção de trabalho digno. Esses trabalhos aparecem frequentemente marcados por uma exploração que envolve pagamentos inferiores aos oferecidos a pessoas em situação regular e, às vezes, também exige jornadas extenuantes, não necessariamente nas mãos de estrangeiros. Nos EUA e na Europa brasileiros também são explorados por outros brasileiros. Em alguns casos a exploração é extrema, combinando esses dois aspectos com condições de trabalho inseguras e diretamente nocivas para a saúde em situações em que os migrantes, vulneráveis em razão de sua situação irregular no exterior, são pressionados. Esses trabalhos têm nítidos matizes de gênero. Entre os homens, predomina o trabalho em restaurantes, na construção, em indústrias e na agricultura. As mulheres dedicam-se, sobretudo, a atividades de limpeza, em casas particulares, restaurantes ou firmas, ao cuidado de idosos e crianças e à indústria do sexo. Esta última é a única atividade desempenhada pelas transgêneros.

Os trabalhos se caracterizam por alta rotatividade, pelo desempenho de diversas atividades dentro de um setor ou entre diferentes setores da economia, inclusive simultaneamente. No marco de remunerações diversificadas, os pagamentos recebidos pelas mulheres não aparecem como inferiores. Entre elas, as atividades múltiplas e

pagas por hora em alguns países aparecem como oferecendo melhores rendimentos que trabalhos únicos. Aliás, diferentemente dos relatos masculinos que permanentemente apontam para a dureza da vida no exterior, nos depoimentos femininos o destaque tende a ser concedido para as melhores condições da vida e, inclusive, do trabalho no exterior. Essa discrepância pode estar vinculada aos tipos de serviços realizados, considerando que vários dos homens realizaram serviços tidos como “pesados”, particularmente na construção, enquanto a maioria das mulheres ocupou-se em tarefas que, consideradas femininas, são percebidas como “leves” (limpeza, cuidado de idosos). Além disso, homens que migraram sós são obrigados a ocupar-se de tarefas domésticas que dificilmente fariam no Brasil.

Entre uns e outras, porém, as remunerações mais elevadas estão vinculadas a atividades ilegais, como o fornecimento de documentos que possibilitem a permanência no exterior a migrantes irregulares e ao trabalho na indústria do sexo. E, neste universo de pesquisa, os relatos vinculados a serviços na indústria do sexo, mesmo entre as transgêneros que afirmaram trabalhar mais horas, não remetem a condições de coação e dureza análogas aos dos casos de grave exploração entre os homens, em trabalhos em outros setores, como a construção.

Sintetizando, em termos de indícios de tráfico, o estudo aponta, sobretudo para tráfico de migrantes e para a exploração do trabalho migrante com diversos graus de gravidade, objeto por vezes de uma coação cuja força adquire sentido levando em conta a condição de vulnerabilidade dos(as) migrantes irregulares. Aponta também para a extrema dificuldade, quase impossibilidade, enfrentada por essas pessoas para regularizar sua situação, mesmo com o eventual apoio dos empregadores, um aspecto que alimenta ainda mais a existência do trabalho irregular.

Concluindo, é importante salientar os principais resultados da pesquisa em relação a pontos que podem contribuir com a compreensão e o atendimento desse fluxo de pessoas entre as quais eventualmente se contam vítimas dos diferentes tipos de tráfico: de pessoas e de migrantes.

- a) O estudo mostra um perfil do quadro de homens, mulheres e transgêneros deportados e não admitidos que retornam ao Brasil. Este quadro mostra que certas características socioeconômicas predominantes, como idade, escolaridade e renda, tendem a ser compartilhadas, com algumas variações, por homens e mulheres (o número de transgêneros entrevistadas foi excessivamente reduzido como para traçar comparações). Como a pesquisa realizada em 2005 no aeroporto de Guarulhos, o quadro mostra também que há um rechaço equivalente em relação a pessoas que declararam possuir baixos rendimentos no Brasil, potenciais migrantes, e a outras que teriam a condição de serem turistas. Apenas uma parte das pessoas “não admitidas” afirmou viajar com a intenção de permanecer no país de destino.
- b) A pesquisa mostrou que os registros de brasileiros(as) deportados(as) e não admitidos(as) realizados no aeroporto de Guarulhos, o principal ponto de regresso ao Brasil, é inferior ao fluxo real. Essa dimensão e a distinção entre categorias,

deportados e não admitidos, é importante, particularmente em um momento em que os países europeus estão aumentando o volume de não admissões de latino-americanos, aparentemente com forte peso nos brasileiros.

- c) A detenção nos aeroportos europeus atinge tanto potenciais migrantes irregulares como turistas, detidos arbitrariamente. O procedimento parece combinar critérios de classe, gênero e “cor”. Há pessoas que, mesmo cumprindo todas as exigências necessárias para provar que são turistas são detidas em razão de “aparência”. No que se refere à cor, entre as pessoas que não se consideram brancas, as detenções parecem afetar predominantemente as mulheres. Da mesma maneira que na pesquisa realizada no aeroporto de Guarulhos em 2005, nos processos de não admissão em Portugal reitera-se a vinculação das mulheres à prostituição, produto dos estereótipos que atingem as brasileiras. As pessoas não admitidas narram piores tratamentos que as deportadas, relatando ter sofrido diferentes tipos de humilhações. Pessoas que não cometeram infração alguma são submetidas a tratamentos particularmente duros nos relatos de detenções nos aeroportos da França, Inglaterra e Irlanda, envolvendo, revistas sem roupa, falta de alimentação durante períodos extremamente prolongados, desaparecimento de dinheiro, impossibilidade de comunicação, detenção durante alguns dias, em albergues/prisões específicos e até em prisões comuns.
- d) O Consulado brasileiro dificilmente é considerado um recurso relevante, particularmente para as pessoas não admitidas. Essa instituição ocupa um lugar ambíguo nas percepções desses(as) brasileiros(as), ora por puro desconhecimento, ora por considerar que não tem o poder de interferir.
- e) As humilhações se reiteram, ocasionalmente, durante os vôos ou no relacionamento com agentes das companhias aéreas no aeroporto de Guarulhos, que aparecem como carecendo de informação sobre a distinção entre não admitido e deportado, e entre deportado e criminoso.
- f) Parte significativa dessas pessoas, particularmente na parcela de não admitidos com dívidas, pretendem reiterar a tentativa de ingressar em algum país estrangeiro. O retorno a situações de escassa capacidade de gerar recursos, no Brasil, em situação de dívida, torna essas pessoas ainda mais vulneráveis a eventuais redes de tráfico.

Referência Bibliográfica

Agência de Controle de Fronteiras Externas da União Européia já barrou 202 brasileiros, 02.03.2007. *In:* <http://jornalnacional.globo.com/Jornalismo/JN/0,,AA1475864-3586,00.html>

AGUSTIN, Laura: Trabajar en la indústria del sexo, y otros tópicos migratórios. Tercera Prensa, Donosti, 2005.

BRAH, Avtar. Cartographies of diaspora, constesting identities. Londres, Routledge, 1996.

CEVALLOS, Diego. Secuestros impunes de centroamericanos, IPS Noticias, 19/01/2007: <http://www.ipsnoticias.net/nota.asp?idnews=39897>.

Correio de Uberlândia OnLine. OPERAÇÃO CARAXUÉ: nove são presos por tráfico de pessoas, cinco acusados foram presos em Uberlândia, três em Franca e um em SC, 1/10/2006. *In:* <http://www.correiodeuberlandia.com.br/v2/>.

CHEW, Lin. Reflections by an Anti-Trafficking Activist. *In:* KEMPADOO, Kamala, SANGHERA Jyoti and PATTANAIK, Bandana: Trafficking and Prostitution Reconsidered, new perspectives on migration, sex work, and human rights. Boulder, Paradigm, 2005, p. 65-83.

CHEEVER, Susan. The Nanny Dilemma. *In:* EHRENREICH, Barbara and RUSSELL HOCHSCHILD, Arlie: Global Woman, nannies, maids, and sex workers in the new economy, New York, Owl Books, 2002., p. 31-29.

CRENSHAW, Kimberlé. "Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero". *In:* Revista Estudos Feministas, 1, 2002, p. 171-188.

DOEZEMA, Jo. "Loose Women or Lost Women? The re-emergence of the Myth of White slavery. *In:* Contemporaroy Discourse of Trafficking in Women. Gender Issues, Winter 2000, p. 23-50.

DOEZEMA, Jo. Forced to Choose: Beyond the Voluntary versus Frccd Prostitution Dichotomy. *In:* KEMPADOO, Kamala & DOEZEMA, Jo. Global Sex Workers, Rights, Resistance and Redefinition. New York, Routledge, 1998, p. 34-51.

EL FRONTEX controla la inmigración latinoamericana en ocho aeropuertos, El País, 2007-02-23. *In:* <http://medios.mugak.eu/noticias/noticia/90086>.

ENLOE, Cynthia. Bananas, beaches and bases. Making feminist sense of international politics. University of California Press, Berkeley, 1990.

EHRENREICH, Barbara. Maid to order. *In:* EHRENREICH, Barbara and RUSSELL HOCHSCHILD, Arlie. Global Woman, nannies, maids, and sex workers in the new economy, New York, Owl Books, 2002, p. 85-104.

FRY, Peter. O que é que a Cinderela negra tem a dizer sobre a política racial no Brasil. Revista USP, nº 28, dezembro/janeiro/fevereiro, p.122-136, 1996.

GOVERNO DO BRASIL, Ministério da Justiça: Tráfico de Seres Humanos no Brasil, Brasília, 2004. In: <http://www.mj.gov.br/trafico/servicos/publicacoes/Relatório%20Guarulhos%20-%20%20Mulheres%20Deportadas.pdf> .

GUY, Donna. “White Slavery, Citizenship and Nationality in Argentina”. In: PARKER, et. Alii (ed): Nationalisms and Sexualities, Routledge, 1992, p. 201-218.

HIRATA, Helena. Mondialisation et emploi dans une perspective comparative. Colóquio internacional “Novas formas do trabalho e do desemprego: Brasil, Japão e França numa perspectiva comparada”. São Paulo, setembro de 2006, Cebap, USP.

HUMAN RIGHTS COUNCIL. Report of the Special Rapporteur on the human rights aspects of the victims of trafficking in persons, especially women and children, Sigma Huda, 24 January, 2007.

IBGE, Pesquisa Mensal de Emprego – PME, 2006. In: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/pme122006ttm03.shtm.

IPEA, Radar Social, 2006. In: http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/livros/radar2006/02_renda.pdf.

LÊ MONDE, Os latinos no “melting pot” espanhol, 31/01/2007. In: <http://noticias.uol.com.br/midiaglobal/lemonde/2007>.

KEMPADOO, Kamala. From Moral Panic to Global Justice. Changing Perspectives on Trafficking. In: KEMPADOO, Kamala, SANGHERA Jyoti and PATTANAIK, Bandana. Trafficking and prostitution reconsidered, new perspectives on migration, sex work, and human rights. Boulder, Paradigm, 2005.

MARCOVICH, Malka. Guía de la Convención de la ONU de 2 de diciembre de 1949 para la represión de la trata de personas y de la explotación de la prostitución ajena. In: <http://www.action.web.ca/home/catw/attach/Gu%EDA%20de%20la%20convencion%201949.doc>.

MARTES, Ana Cristina Braga e SOARES, Weber. Remessas de recursos dos imigrantes. Estudos Avançados 20 (57) 2006, p. 41-54.

MACKLINTOCK, Anne. Imperial leather. New York, Routledge, 1995.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA, UNDOC. Tráfico de seres humanos no Brasil. Anexos, Brasília, 2004.

NACIONES UNIDAS. Manual para la lucha contra la trata de personas. New York, 2007.

NACIONES UNIDAS. Asamblea General: 2/12/1949, 317(IV) Convenio para la represión de la trata de personas y de la explotación de la prostitución ajena. *In:* <http://daccessdds.un.org/doc/RESOLUTION/GEN/NR0/054/00/IMG/NR005400.pdf?OpenElement>.

OPERAÇÃO BABILÔNIA. Tráfico de mulheres sofre baixa. Polícia Federal prendeu em Goiás seis acusados de aliciar, pelo menos 20 mulheres para a prostituição no exterior. O Popular, Goiás, 05/08/2005. *In:* www.opopular.com.br.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. Convenção (29) sobre o trabalho forçado ou obrigatório. *In:* http://www.oitbrasil.org.br/trabalho_forcado/oit/convencoes/conv_29.pdf.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. Erradicação do Trabalho Forçado. *In:* http://www.oitbrasil.org.br/prgatv/in_focus/trab_esc.php.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. Trabalho digno-trabalho em segurança-VIH/sida. Relatório do bit para o dia mundial da segurança e saúde no trabalho, 2006. *In:* http://www.ishst.pt/downloads/content/Brochura_OIT_2006.pdf.

PABLO UCHOA, da BBC Brasil, em Londres, 27/02/2007 - 10h24. Número de brasileiros presos na fronteira dos EUA cai 95%. *In:* <http://www1.folha.uol.com.br/folha/bbc/ult272u61277.shtml>, consultada em 2/03/2006.

PEREIRA, Cristiana Schettini. A vida na janela: uma história social da prostituição no Rio de Janeiro contemporâneo. Tese de doutoramento. Unicamp, Campinas, 2002.

PISCITELLI, Adriana. Corporalidades em confronto: gênero e nacionalidade no marco da indústria transnacional do sexo. *In:* Revista Brasileira de Ciências Sociais, junho 2007.

PISCITELLI, Adriana. Sexo Tropical em um contexto do Primeiro Mundo, brasileiras e ex-turistas sexuais na Itália. *In:* Revista Estudos Feministas (2007b).

RIBEIRO, Manuela; **SILVA,** Manuel Carlos; **PATULEIA,** Johanna Schouten; **RIBEIRO,** Fernando Bessa e **SACRAMENTO,** Octávio. Prostituição Feminina em regiões de fronteira: atores, estruturas e processos. Relatório Final, Vila Real, Janeiro, 2005.

RIVAS, Lynn May. Invisible Labors: Caring for the Independent Person. *In:* EHRENREICH, Barbara and **RUSSELL HOCHSCHILD,** Arlie. Global Woman, nannies, maids, and sex workers in the new economy, New York, Owl Books, 2002, p. 70-85.

SASSEN, Saskia. Globalization and its discontents. Essays on the new mobility of people and money. The New York Press, New York, 1998.

SANGHERA, Jyoti. Unpacking the trafficking discourse. *In:* **KEMPADOO,** Kamala, **SANGHERA** Jyoti and **PATTANAIK,** Bandana. Trafficking and prostitution reconsidered, new perspectives on migration, sex work, and human rights. Boulder, Paradigm, 2005, p. 3-24.

SECRETARIA NACIONAL DE JUSTIÇA. Pesquisas em Tráfico de Pessoas – parte 2, Relatório Indícios de tráfico de pessoas no universo de deportadas e não admitidas que regressam ao Brasil via o aeroporto de Guarulhos. Brasília, 2006.

ZAREMBKA, Joy M. Migrant Maids and Modern-Day Slavery. *In*: EHRENREICH, Barbara and RUSSELL HOCHSCHILD, Arlie. Global Woman, nannies, maids, and sex workers in the new economy. New York, Owl Books, 2002., p.142-154.

VIVER NO EXTERIOR, México passa a exigir visto de brasileiros, Quinta, 8 de setembro de 2005, 22h35. *In*: <http://noticias.terra.com.br/mundo/vivernoexterior/internal/0,0I660417-EI1292,00.html>, consultado em 16/02/2006.



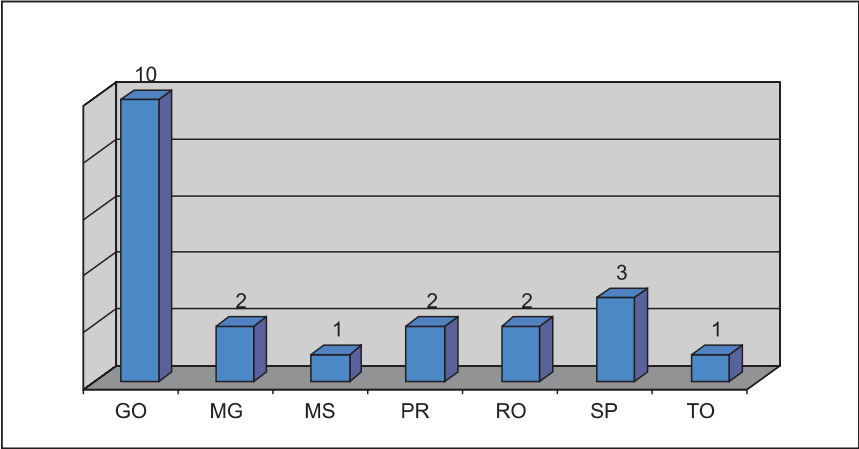
ANEXOS



ANEXO 1

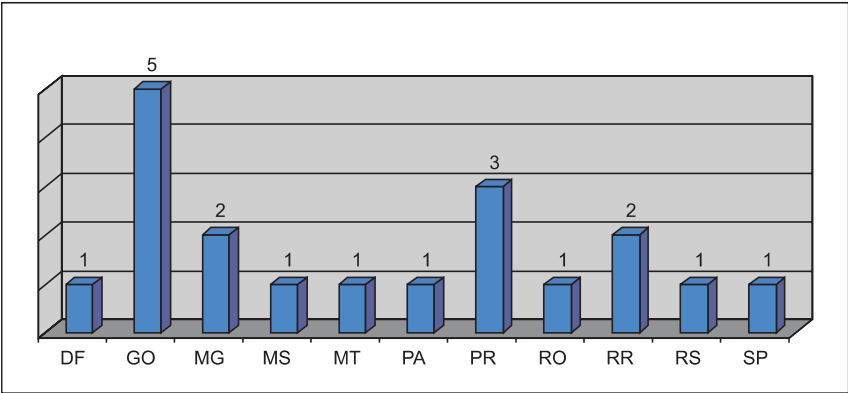
Naturalidade

Figura 2
Homens não admitidos por naturalidade (valores absolutos)



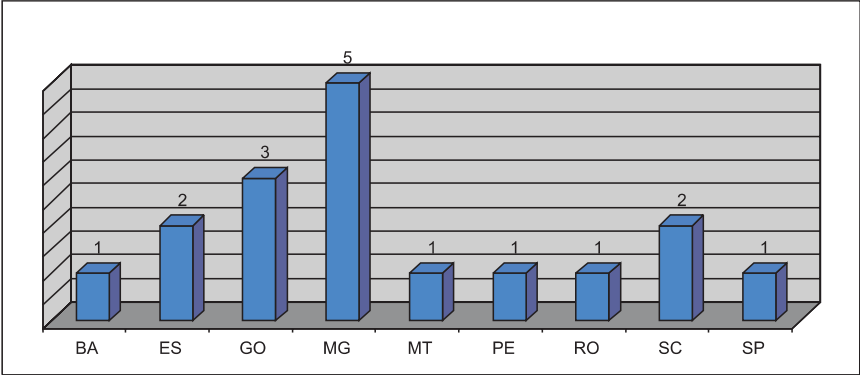
FONTE: Elaborada pela equipe de pesquisadores.

Figura 4
Mulheres não admitidas por naturalidade (valores absolutos)



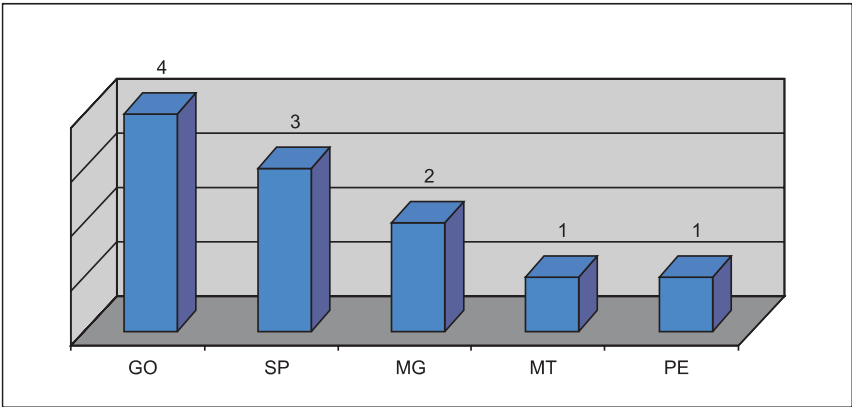
FONTE: Elaborada pela equipe de pesquisadores.

Figura 6
Homens deportados por naturalidade (valores absolutos)



FONTE: Elaborada pela equipe de pesquisadores.

Figura 8
Mulheres deportadas por residência e domicílio (valores absolutos)

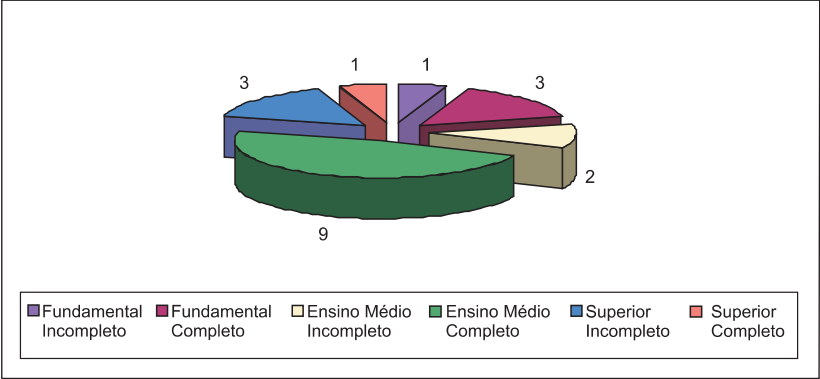


FONTE: Elaborada pela equipe de pesquisadores.

ANEXO 2

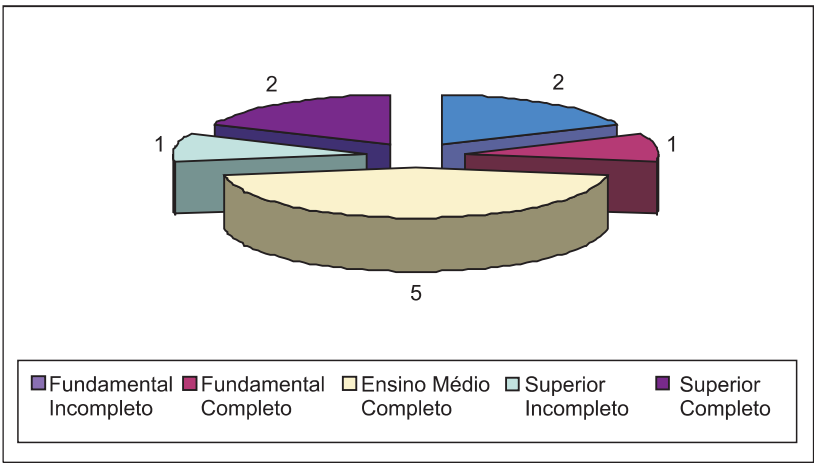
Escolaridade

Figura 1
Mulheres não admitidas por escolaridade (valores absolutos)



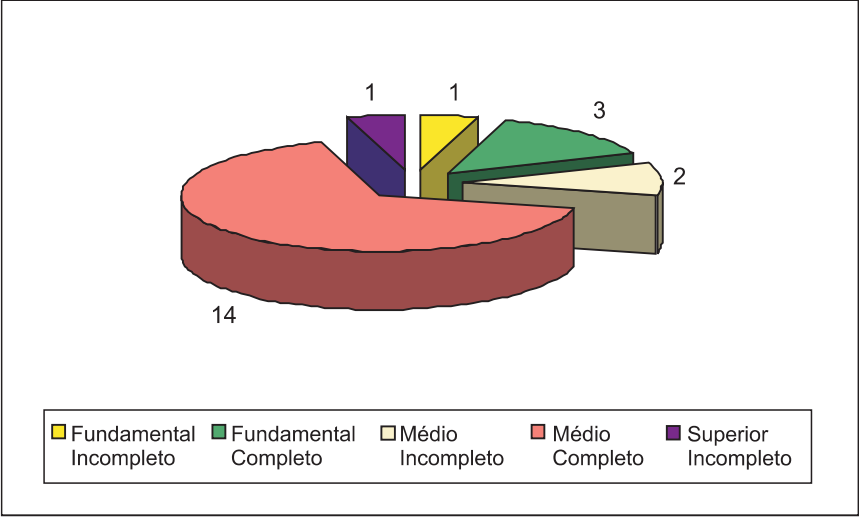
FONTE: Elaborada pela equipedede pesquisadores.

Figura 2
Mulheres deportadas por escolaridade (valores absolutos)



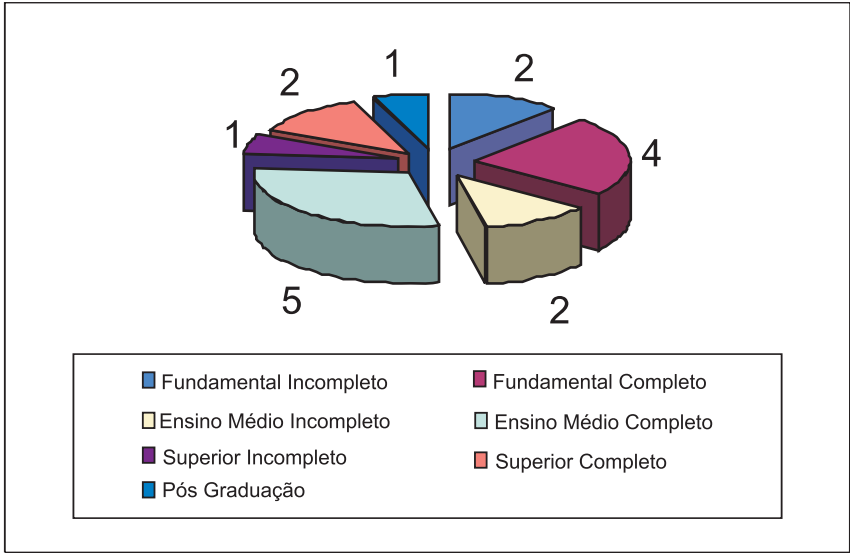
FONTE: Elaborada pela equipedede pesquisadores.

Figura 3
Homens não admitidos por escolaridade (valores absolutos)



FONTE: Elaborada pela equipe de pesquisadores.

Figura 4
Homens deportados por escolaridade (valores absolutos)

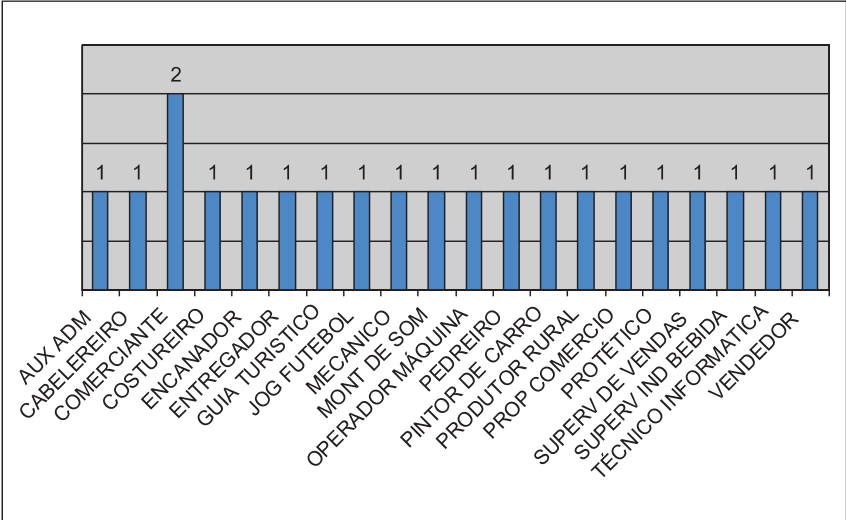


FONTE: Elaborada pela equipe de pesquisadores.

ANEXO 3

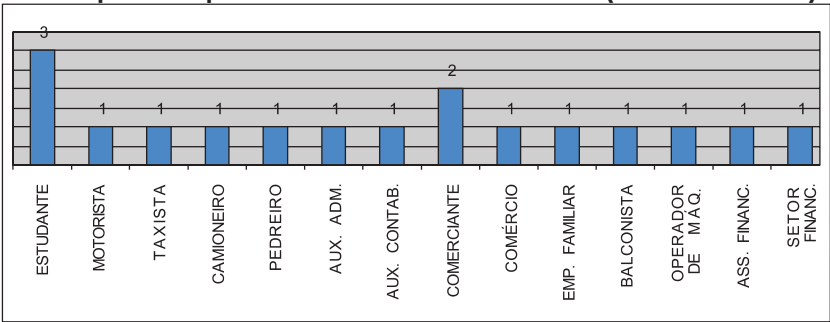
Trabalho ou atividade no Brasil

Figura 5
Homens não admitidos por atividade ou trabalho no Brasil (valores absolutos)



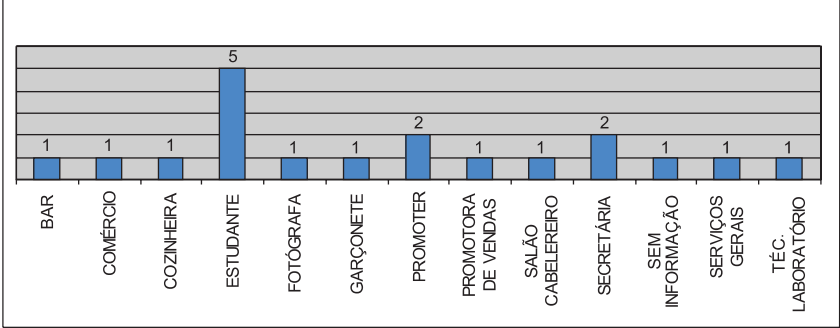
FONTE: Elaborada pela equipe de pesquisadores.

Figura 6
Homens deportados por atividade ou trabalho no Brasil (valores absolutos)



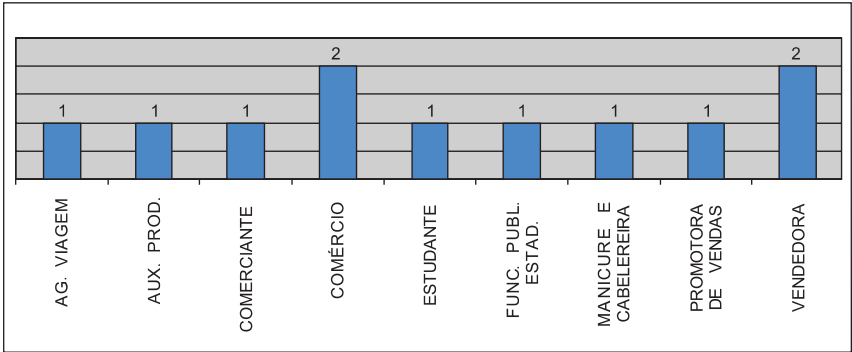
FONTE: Elaborada pela equipe de pesquisadores.

Figura 7
Mulheres não admitidas por atividade ou trabalho no Brasil (valores absolutos)



FONTE: Elaborada pela equipe de pesquisadores.

Figura 8
Mulheres deportadas por atividade ou trabalho no Brasil (valores absolutos)



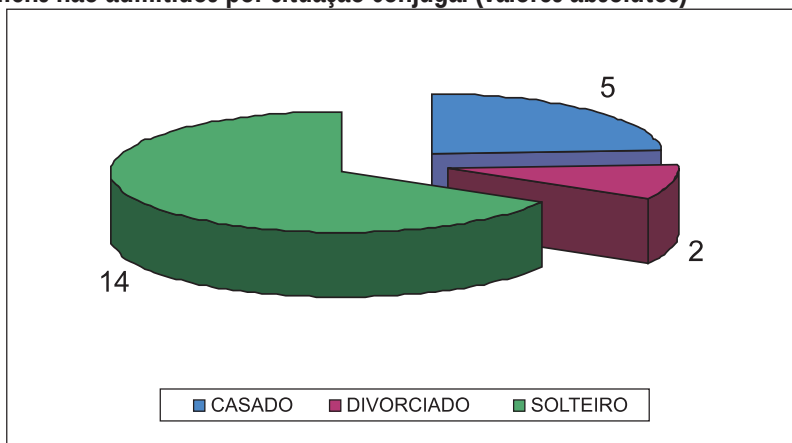
FONTE: Elaborada pela equipe de pesquisadores.

ANEXO 4

Situação conjugal e filhos

Figura 1

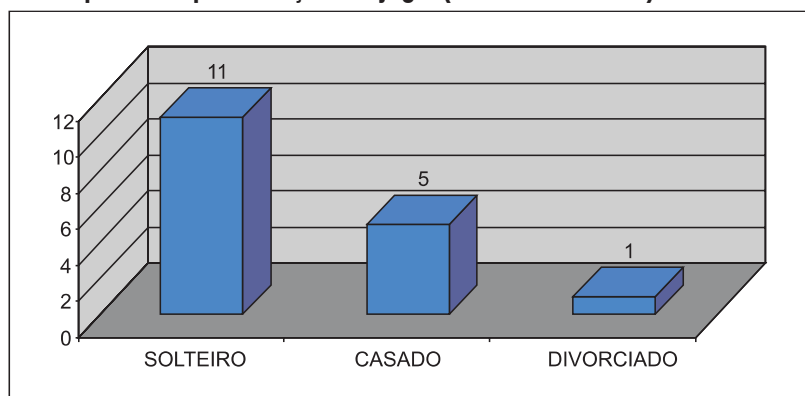
Homens não admitidos por situação conjugal (valores absolutos)



FONTE: Elaborada pela equipe de pesquisadores.

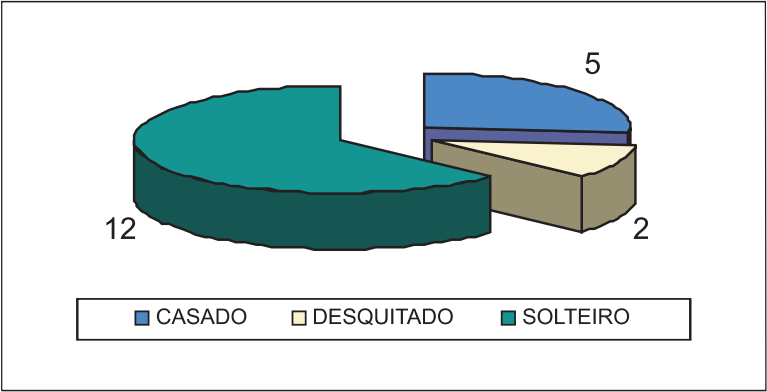
Figura 2

Homens deportados por situação conjugal (valores absolutos)



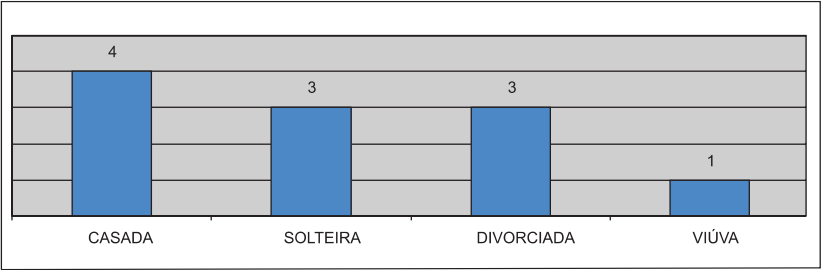
FONTE: Elaborada pela equipe de pesquisadores.

Figura 3
Mulheres não admitidas por situação conjugal (valores absolutos)



FONTE: Elaborada pela equipe de pesquisadores.

Figura 4
Mulheres deportadas por situação

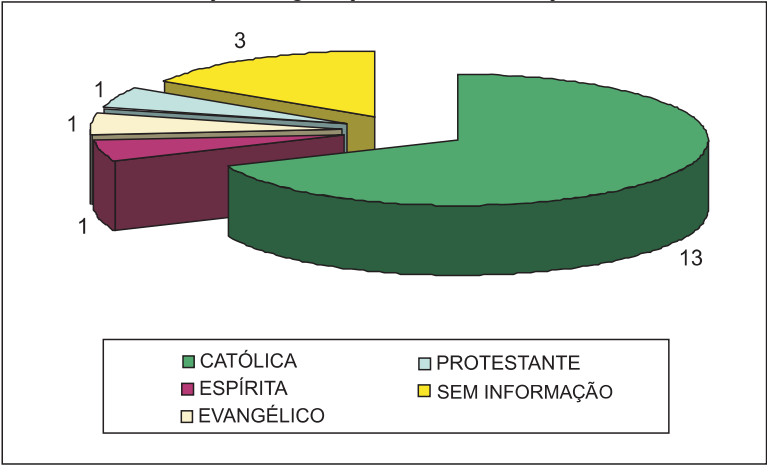


FONTE: Elaborada pela equipe de pesquisadores.

ANEXO 5

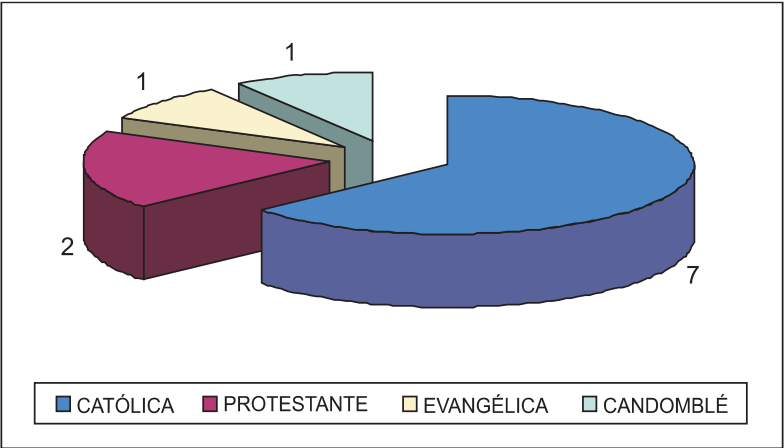
Religião

Figura 1
Mulheres não admitidas por religião (valores absolutos)



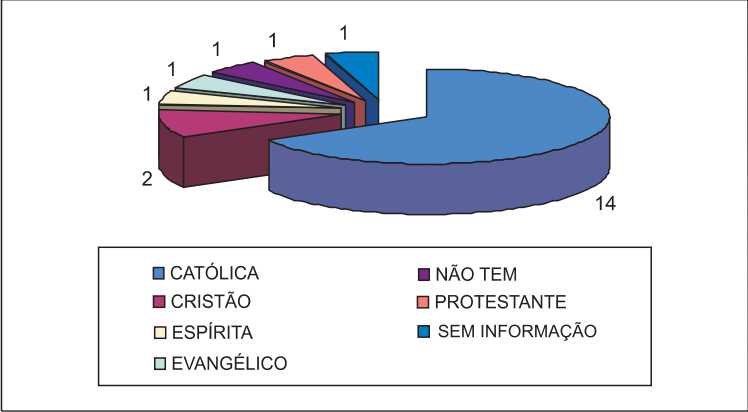
FONTE: Elaborada pela equípede pesquisadores.

Figura 2
Mulheres deportadas por religião (valores absolutos)



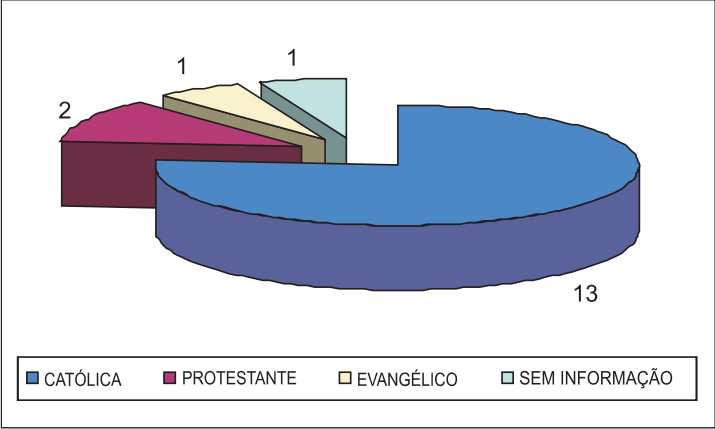
FONTE: Elaborada pela equípede pesquisadores.

Figura 3
Homens não admitidos por religião (valores absolutos)



FONTE: Elaborada pela equipe de pesquisadores.

Figura 4
Homens deportados por religião (valores absolutos)



FONTE: Elaborada pela equipe de pesquisadores.

ANEXO 6

Instrumento utilizado na pesquisa (fase pós-piloto)

PRIMEIRA PARTE

1 – Entrevistador []

1. Diego Romano
2. Erêndira Campos Simões
3. Eron Eugenio Barboza de Almeida
4. Natália Bouças do Lago
5. Táli Pires de Almeida

2 – NOME DA/O ENTREVISTADA/O:

3 - Data entrevista: [] / [] / []

4 – Código da Entrevista [] (Código Seqüencial)

5 - Vão no qual chegou a pessoa entrevistada: _____

6 - Cidade de origem do vão no qual chegou: _____

7 - Data da saída do Brasil: [] / [] / []

8 - Motivo do retorno ao Brasil: []

8-1- Impedida/o de entrar (se sim, explicar os argumentos utilizados para o impedimento)

8-2 - Deportada/o (se sim, explicar os argumentos utilizados para a deportação) _____

9 - Idade no momento da Entrevista []

10 – Cidade de Nascimento da/o entrevistada/o: _____

11 – Estado de Nascimento da entrevistada/o: _____

12 - Raça/Cor/Etnia [] (AUTOCLASSIFICAÇÃO)

- 1 - Branca
- 2 - Parda
- 3 - Preta
- 4 - Amarela
- 5 - Indígena
- 6 - Outra (se sim, ir para 12.1)

12.1 Descrição Outra []

13 - Escolaridade: [☐]

- 1 - Não alfabetizado/a
- 2 - Alfabetizado/a (sabe ler e escrever)
- 3 - Fundamental Incompleto.
- 4 - Fundamental Completo
- 5 - Ensino Médio Incompleto
- 6 - Ensino Médio Completo
- 7 - Superior Incompleta
- 8 - Superior completa

9- Pós-graduação (especificar o nível: _____)

14 - Sexo: [☐] (AUTOCLASSIFICAÇÃO)

- 1 - Feminino
- 2 - Masculino
- 3 - "Trans"

Observações _____

15 - Religião [☐]

- 1- católica
- 2 - espírita
- 3 - protestante
- 4 - outras (se sim, ir para 15.1)
- 5 - não declara.

15.1 – Descrição Outras []

16 - Estado civil: [☐]

- 1- Casada(o) e/ou com companheiro(a)/namorado(a) (se sim, ir para 16.1)
- 2 - Desquitada ou separada judicialmente
- 3 - Divorciada
- 4 - Viúva
- 5 - Solteira

16.1 Nacionalidade do(a) cônjuge/companheiro(a): []

- 1 – estrangeiro (se sim, responder 16.1.1)
- 2 – brasileiro
- 3 – Não sabe/Não informa

16.1.1 País de nacionalidade do(a) conjuge/companheiro(a):

[]

17 – Tem filhos [☐]

- 1 – Não

2 – Sim (se sim, responder 17.1 a 17.3).

17.1 – Quantidade de filhos []

17.2 – Idade do Filho mais Velho []

17.3- Idade do Filho mais Novo []

18 - Cidade do Brasil na qual residia antes de deixar o país: []

19 – Estado/UF no qual residia antes de deixar o País []

20 - Atividade/profissão no Brasil: []

21 - Renda mensal individual antes de deixar o Brasil: []

22 - Local de saída do Brasil: []

23 - País no qual desembarcou no exterior: []

24 - País de destino: []

25 - Quanto tempo passou fora do Brasil []

SEGUNDA PARTE

- a) Como morava no Brasil antes de viajar , com quem, sustentava alguém
- b) Motivações para viajar, eventual pressão para viajar
- c) Viagens anteriores
- d) Decisão de viajar, como teve a idéia, houve convite, promessa de emprego e salário
- e) “Ajuda”, como comprou a passagem, recebeu ajuda, houve dívida (com quem, quanto)
- f) Preparação para a viagem ao exterior, procura de contatos informações, eventual controle ou vigilância antes de viajar
- g) Trajeto realizado e condições da viagem
- h) Atividades realizadas no exterior, condições de trabalho, do entrevistado e eventualmente de outros membros da família, dívidas em função do trabalho
- i) Se fez programas, local de trabalho, média de clientes, coerção, consumo de álcool e/ou drogas
- j) Condições de moradia no exterior, como morava e como/quanto pagava
- i) Renda no exterior, remessas para o Brasil, poupança
- j) Condições, uso da força para trabalhar, vigilância, controle, retenção do passaporte e da passagem, como, por quem
- k) Cotidiano no exterior, relacionamentos, contatos com ongs, igrejas
- l) Contatos com o Brasil, levou outras pessoas do Brasil

- m) Situação legal: “papéis”, contrato de trabalho, casamento
- n) Condições da deportação
- o) Condições da viagem de volta e da recepção em Guarulhos
- p) Re-integração no Brasil, tipo de ajuda que precisa, intenções de retornar ao exterior

Duração da Entrevista: _____

Observações:

